

Unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

Igor Rezende Nardo

As estruturas elementares da significação na semiótica discursiva



ARARAQUARA
2022

Igor Rezende Nardo

As estruturas elementares da significação na semiótica discursiva

Dissertação de Mestrado apresentado ao Conselho do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa. Exemplar apresentado para defesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e Funcionamento Discursivos e Textuais

Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela

Coorientadora: Profa. Dra. Patricia Veronica Moreira

Bolsa: CNPq

ARARAQUARA – S.P.

2022

N224e

Nardo, Igor Rezende

As estruturas elementares da significação na semiótica discursiva /
Igor Rezende Nardo. -- Araraquara, 2022
109 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientador: Jean Cristtus Portela

Coorientadora: Patricia Veronica Moreira

1. Semiótica. 2. Historiografia Linguística. 3. Estrutura elementar
da significação. 4. Epistemologia. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Igor Rezende Nardo

As estruturas elementares da significação na semiótica discursiva

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa. Exemplar apresentado para defesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e Funcionamento Discursivos e Textuais
Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela
Coorientadora: Profa. Dra. Patricia Veronica Moreira
Bolsa: CNPq

Data da defesa: 30/06/2022

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela.
FCL/CAr/UNESP.

Membro Titular: Prof. Dr. Alexandre Marcelo Bueno.
Mackenzie.

Membro Titular: Profa. Dra. Flavia Karla Ribeiro Santos
PNPD-FCL/CAr/UNESP.

Local: Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de utilizar este espaço para agradecer a minha mãe, Jusélia, pelo amor, apoio e por me motivar a perseguir a formação acadêmica.

Devo muita gratidão aos meus orientadores, Dr. Jean Cristtus Portela, pela oportunidade desde o meu primeiro ano de graduação, pela possibilidade de continuarmos nossa parceria e pela confiança que deposita em mim, e do mesmo modo, agradeço a Dra. Patricia Veronica Moreira pela coorientação, que oferece com atenção e interesse que são muito importantes para minha formação.

Agradeço a Dra. Flavia Karla Santos que compôs a banca de avaliação do nosso trabalho, mas que em outras ocasiões também me ouviu e ofereceu sua contribuição, obrigado.

Agradeço ao Dr. Alexandre Marcelo Bueno, que também aceitou compor a banca de avaliação, oferecendo seu tempo, atenção e colaboração.

Sou grato sempre à minha companheira Juliene por ser o outro termo polar da nossa categoria.

Aos meus amigos Waldemar, Henry, Pardal, Adriel, Sansão, Tec, América e Pantera agradeço pelo companheirismo em Araraquara e pela receptividade para a discussão de ideias.

Devo ainda demonstrar minha gratidão ao Grupo de Pesquisa em Semiótica (GPS-Unesp), pelos encontros ao longo dos anos e pelo ambiente de formação e discussão em torno da disciplina Semiótica com colegas da área de dentro e de fora da Unesp.

RESUMO

A presente dissertação se dedicou ao estudo linguístico historiográfico do conceito de estrutura elementar da significação produzido pela teoria semiótica de linha francesa. Dessa forma, apoiamos-nos sobre a discussão historiográfica acerca da pesquisa histórica e de alguns aparatos metodológicos desenvolvidos pela historiografia linguística, a qual tivemos contato através de Altman (2004), Koerner (2014), Portela (2018) e Moreira, Santos e Portela (2021). A partir de uma distinção fundamental apresentada por Altman (2004), construímos nosso trabalho como formado inicialmente por uma crônica, ou seja, um levantamento de dados e sua descrição, e, posteriormente o elevamos ao nível próprio da historiografia, com o desenvolvimento de um discurso interpretativo acerca da crônica organizada. Então, a abordagem do corpus se inicia com o texto fundador da disciplina semiótica e do conceito que tomamos por objeto, *Sémantique Structurale* (GREIMAS, 1966) e segue para o texto que apresentou os primeiros desenvolvimentos no quadro dessa noção, “The interaction of semiotic constraints” (GREIMAS; RASTIER, 1968). Continuamos a descrição com a apresentação da estrutura elementar presente no *Dicionário de semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 2008 [1979]), os diferentes usos que o quadrado semiótico conheceu ao longo do período greimasiano, as críticas que o modelo neste estágio sofre, e, por fim, a cientificidade que a teoria tem por padrão. Em seguida, efetuamos uma descrição de dois estágios de desenvolvimento da noção de estrutura elementar na semiótica tensiva, o primeiro composto por Zilberberg (1981) e o segundo pela colaboração entre Zilberberg e Fontanille (2001). Encerramos os capítulos descritivos com a apresentação de dois diálogos importantes estabelecidos com a semiótica através das estruturas elementares. A primeira ocasião que trazemos é a da topologização do quadrado semiótico proposta por Jean Petitot (1977) que estabelece uma comunicação entre semiótica e teoria das catástrofes. Posteriormente, apresentamos os esforços de Moretti (2014) em aproximar a semiótica e a geometria oposicional com diversos modelos de maior complexidade do que o quadrado semiótico. Em nossas considerações finais realizamos uma análise aprofundada de questões levantadas ao longo do texto em busca de esclarecer as tensões metodológicas e epistemológicas em torno das estruturas elementares com o conjunto da teoria semiótica e com o ambiente intelectual europeu, bem como especificamos o papel que as estruturas elementares assumem na economia geral da semiótica apontando sua função descritiva e metodológica. Além disso nos posicionamos sobre o que consideramos continuidade ou descontinuidade nos percursos de desenvolvimento descritos anteriormente e, por fim discutimos a questão da influência na produção e desenvolvimento das estruturas elementares da significação.

Palavras-chave: Semiótica. Historiografia linguística. Estrutura elementar da significação. Epistemologia.

ABSTRACT

The present dissertation was dedicated to the linguistic historiographical study of the concept of the elementary structure of meaning produced by the semiotic theory of the French line. In this way, we rely on the historiographical discussion about historical research and on some methodological devices developed by linguistic historiography, which we had contact through Altman (2004), Koerner (2014), Portela (2018), and Moreira, Santos, and Portela (2021). Based on a fundamental distinction presented by Altman (2004), we built our work as initially formed by a chronicle, that is, a survey of data and its description, and, later, we raised it to the level of proper historiography, with the development of interpretive discourse about the chronicle previously organized. Then, the approach of the corpus begins with the founding text of the semiotics discipline and our object, *Sémantique Structurale* (GREIMAS, 1966), and goes on to the text that presented the first developments within the framework of this notion "The interaction of semiotic constraints" (GREIMAS; RASTIER, 1968). We continue the description with the presentation of the elementary structure in the *Dicionário de semiótica* (GREIMAS; COURTÉS, 2008 [1979]), the different uses that the semiotic square knew throughout the greimasian period, the criticisms that the model suffered at this stage, and, lastly, the scientificity that the theory has as standard. Next, we describe two stages of development of the notion of elementary structure in the tensive semiotics, the first one composed by Zilberberg (1981) and the second by the collaboration between Zilberberg and Fontanille (2001). We close the descriptive chapters with the presentation of two important dialogues established with semiotics through elementary structures. The first occasion we bring is the topologization of the semiotic square proposed by Jean Petitot (1977), which establishes a communication between semiotics and catastrophe theory. Subsequently, we present Moretti's (2014) efforts to bring semiotics and oppositional geometry closer together with several models of greater complexity than the semiotic square. In our final considerations, we carry out an in-depth analysis of issues raised throughout the text in order to clarify the methodological and epistemological tensions set around the elementary structures with the whole of the semiotics theory and with the european intellectual environment, as well as we set to specify the role that the elementary structures play in the general economy of semiotics pointing out their descriptive and methodological function. In addition, we offer our position on what we consider as continuity or discontinuity in the development parcourses described before and, finally, we discuss the question of influence on the production and development of elementary structures of meaning.

Keywords: Semiotics. Linguistics Historiography. Elementary structure of meaning. Epistemology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Quadrado semiótico	22
Figura 2	Outra formulação para a estrutura elementar	24
Figura 3	Modelo proposto em “Éléments pour une théorie de l'interprétation du récit mythique”	26
Figura 4	Quadrado lógico das oposições	39
Figura 5	Sistema sêmico da espacialidade	53
Figura 6	Manifestação lexemática e sistemas sêmicos	53
Figura 7	Quadrado semiótico	58
Figura 8	Hexágono lógico	59
Figura 9	Quadrados estruturalistas	59
Figura 10	O modelo social das relações sexuais	60
Figura 11	Elementaridade subsêmica	61
Figura 12	Entrecruzamento dos percursos subsêmicos	62
Figura 13	Modalidades tensivas	63
Figura 14	Quadrado das modalidades do querer-fazer	63
Figura 15	Modalidades veridictórias no espaço tensivo	80
Figura 16	Entrecruzamento dos percursos subsêmicos	82
Figura 17	Modalidades tensivas	82
Figura 18	Diagrama tensivo	88
Figura 19	Modalidades veridictórias no espaço tensivo	91
Figura 20	Topologia da oposição qualitativa	96

Figura 21	Topologia da oposição privativa	97
Figura 22	Modelo topológico do quadrado semiótico	97
Figura 23	Modelos geométricos das oposições	99
Figura 24	O quadrado semiótico como fragmento do hexágono lógico	100
Figura 25	O hexágono de Brondal segundo Hénault (2014)	100
Figura 26	Fluxograma dos percursos históricos convergentes da semiótica tensiva	107

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Composição da noção de estrutura elementar da significação	24
Tabela 2	Disposição das fontes primárias por capítulo	28
Tabela 3	Níveis lógicos de linguagem	33
Tabela 4	Silogística aristotélica	39
Tabela 5	Tipologia das relações contidas no quadrado semiótico	58
Tabela 6	Níveis de elementaridade das estruturas elementares	82
Tabela 7	Léxico tensivo para as estruturas elementares da significação	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. METODOLOGIA DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA	16
1.1 Historiografia Linguística e Semiótica: disciplinas do texto	16
1.2 Definição do objeto, seleção das fontes e a questão da influência	19
1.3 Níveis lógicos de linguagem na descrição da imanência da teoria semiótica	31
2. DAS ORIGENS DAS ESTRUTURAS ELEMENTARES AO SEU DESENVOLVIMENTO NA SEMIÓTICA FRANCESA DE 1970	33
2.1 Teoria oposicional e elementaridade	33
2.2 Linguística estrutural e o nível fundamental	40
2.3 Algirdas Julien Greimas e a semiótica francesa	47
2.3.1 Sémantique structurale (1966)	47
2.3.2 “The interaction of semiotic constraints” (1968) e Dicionário de Semiótica (1979)	54
2.3.3 Diferentes uso do quadrado semiótico	59
2.3.4 Críticas à estrutura elementar da significação	61
2.4 Semiótica: projeto científico	66
3. O “PONTO DE VISTA” TENSIVO SOBRE AS ESTRUTURAS ELEMENTARES DA SIGNIFICAÇÃO	74
3.1 Construção da reformulação tensiva das estruturas elementares nos anos 1980	74
3.2 A especialização do ponto de vista tensivo sobre as estruturas elementares nos anos 1990	81
4. DIÁLOGOS ESTABELECIDOS COM A SEMIÓTICA POR MEIO DAS ESTRUTURAS ELEMENTARES	91
4.1 Jean Petitot e a topologização do quadrado semiótico	91
4.2 A geometria oposicional e as expansões possíveis do quadrado semiótico	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	105

INTRODUÇÃO

A semiótica de linha francesa, conforme produzida e desenvolvida por Algirdas Julien Greimas, a partir de meados dos anos 1960, ofereceu aos estudos acerca do sentido e da significação um produtivo quadro de pesquisas. A produtividade e, conseqüentemente, a relevância da semiótica dentre as outras disciplinas dedicadas ao significado dos fatos humanos, foi decorrente da centralidade, na teoria, da elaboração de um método, de uma forma relativamente homogênea de se proceder na descrição e na análise, especialmente do conteúdo, de objetos textuais diversos.

O percurso gerativo de sentido é o resultado dessa preocupação. Essa ferramenta metodológica estabelece níveis articulados que compõem o “todo”, que é o objeto de significação tomado por objeto da análise. Esse conjunto articulado do plano de expressão e de conteúdo recebe o nome de texto, e sua extensão pode ser desde os conjuntos significativos mais curtos como as unidades lexicais, quanto pode ser também vastos conjuntos de significantes que venham a compor um universo de significação, por exemplo, a obra literária de algum autor, ou ainda, conjunto de obras referentes a algum período literário.

Dessa forma, a semiótica compreende a significação como um percurso, em que o enunciador inicia com alguns elementos simples e abstratos que se complexificam e tomam forma em direção a manifestação conforme se integram em níveis superiores. De acordo com a figurativização corrente baseada na oposição entre profundidade e superfície, esse percurso possui um nível mais profundo, as estruturas semionarrativas, e um nível mais superficial, as estruturas discursivas e textuais (GREIMAS; COURTÉS, 1979). As estruturas semionarrativas se dividem em estruturas elementares de significação e em estruturas narrativas, cada uma dotada de um modo de existência semiótica e de um modo de presença no discurso próprias, um componente paradigmático e um sintagmático, respectivamente, portanto.

Percebe-se assim, como é potente a ideia de um tal percurso, e como torna fecundo um quadro de pesquisas que se valha dele. Efetivamente, o percurso gerativo de sentido foi o grande trunfo da disciplina semiótica, sendo o tema central da maioria dos manuais de semiótica em circulação até os dias de hoje (FONTANILLE, 1999; FIORIN, 2001; BARROS, 2005) e é conhecida pela comunidade semiótica como “semiótica *standard*”.

Reconhecendo, portanto, o estatuto central do percurso gerativo de sentido na teoria semiótica, nos dedicamos em nossa pesquisa de mestrado, ao estudo de um de seus estratos, as estruturas elementares da significação, escolha que justificamos a seguir. Com um olhar

imane e um viés historiográfico, pretendemos fazer uma análise do conceito enquanto parte da metalinguagem científica da semiótica francesa, ou seja, enquanto termo construído pela teoria que repousa sua definição sobre outros termos definidos pela teoria o tanto quanto possível. Dessa forma, explicitamos a rede relacional de conceitos que compõem a noção de estrutura elementar. Uma vez desconstruído o conceito em suas partes constituintes, podemos recuperar as tradições de pensamento anteriores à semiótica que desenvolveram ou tenham manipulado esses conceitos e que convergem na teorização da semiótica, verificando a interação pacífica ou polêmica que podem gerar.

Enquanto o sucesso e a importância do percurso gerativo na semiótica francesa justificam uma pesquisa historiográfica que avalie o papel da estrutura elementar nesses resultados, o fato desse dispositivo ter perdido parte da centralidade que possuía nas análises semióticas configura uma transformação diacrônica da disciplina, que torna conveniente, se não necessário, uma avaliação da história da semiótica para que possamos precisar qual o papel das estruturas elementares da significação nesses movimentos no interior da teoria. No mesmo sentido em que o percurso gerativo de sentido conheceu o progressivo desuso ao longo da história da disciplina, as estruturas elementares em si tiveram um destino análogo no interior do percurso, como notado por Claude Zilberberg, “um dos grandes avanços das décadas de 1960-70, as estruturas elementares da significação praticamente desapareceram das análises e das pesquisas” (ZILBERBERG, 2021, p. 48). Dessa forma, cabe a uma pesquisa historiográfica avaliar o que levou a essa transformação na teoria, bem como avaliar as tendências e as soluções que os semioticistas propõem no presente aos problemas referentes às estruturas elementares da significação.

Diante desse problema, trazemos o repertório metodológico da historiografia linguística para abordar a história da disciplina semiótica com o rigor científico necessário. Acessamos essa metodologia a partir dos textos de Cristina Altman (2004), Ernst Frideryk Konrad Koerner (2014), Jean Cristtus Portela (2018), Patricia Veronica Moreira (2019), Flavia Karla Ribeiro dos Santos (2020) e Patricia Veronica Moreira, Flavia Karla Ribeiro dos Santos e Jean Cristtus Portela (2021). Enquanto os textos de Altman, Koerner e Batista estabelecem as bases e alguns princípios gerais para o empreendimento da pesquisa historiográfica, os escritos de Portela, Moreira e Santos são voltados especificamente para a semiótica francesa e representam, portanto, uma fonte valiosa, não apenas pelo exemplo da aplicação dos parâmetros da historiografia linguística, mas pelo esforço que apresentam de desenvolver uma pesquisa

“semio-históricográfica” (SANTOS, 2020), ou seja, procedimentos em historiografia linguística que se valham dos estudos da semiótica acerca do sentido dos textos.

A realização da pesquisa historiográfica envolve, inicialmente, a reconstrução dos percursos históricos da disciplina estudada, e no nosso caso, do conceito tomado por objeto. Dessa forma, iniciamos pela produção de uma “crônica”, ou seja, o levantamento dos textos e autores pertinentes ao nosso objeto para que possamos descrevê-los e verificar os estados subsequentes da teoria que representam. Começando, então, com *Sémantique Structurale* (1966) de Greimas, descrevemos através da obra como a teoria abordou a questão das estruturas elementares e como o conceito é desenvolvido, verificando quais tradições convergiram no seu desenvolvimento e a posição que esse conceito assumiu na economia da teoria. A partir disso, temos um primeiro estágio de desenvolvimento de nosso objeto na disciplina que estudamos, um primeiro conjunto de noções que compõem as estruturas elementares e de interações com o restante da teoria, bem como uma primeira quantidade de problemáticas que são notadas em torno dessa primeira configuração do nosso objeto.

Prosseguindo na reconstrução dos percursos históricos, realizamos os mesmos procedimentos nos textos seguintes cronologicamente, recuperando esses estágios de desenvolvimento, construindo assim recortes sincrônicos compostos pela estrutura específica que nosso objeto assume em cada etapa, pela sua relação com a teoria em si e com as outras tradições que os autores evoquem nesses estágios para auxiliar sua própria produção teórica. A partir dessa descrição imanente de estágios de desenvolvimento das estruturas elementares, estamos encaminhando nossa pesquisa para a etapa seguinte, e a mais importante na caracterização de uma pesquisa propriamente historiográfica, a interpretação.

Com efeito, enquanto a crônica é fundamental para a execução de uma historiografia, não se deve confundir um material com o outro. A crônica, sendo meramente descritiva, não distingue os fatos importantes daqueles que não possuem relevância e não intenciona oferecer as razões das mudanças que descreve. Nesse sentido, o trabalho se torna efetivamente historiográfico com a inclusão de uma etapa interpretativa, com a produção de um discurso acerca dos fatos reconstruídos, oferecendo assim uma nova camada de sentido à história da disciplina.

A metodologia de nossa pesquisa, dessa forma, estabelece os nossos objetivos em nosso estudo. Devemos, portanto, (1) reconstruir os percursos históricos que convergem no desenvolvimento das estruturas elementares da significação, fora da semiótica, nas tradições

mais antigas que os semioticistas a subscrevem, e no interior da mesma, nos vários estágios de desenvolvimento que os documentos que compõem sua história nos permitem recuperar; (2) verificar as interações, polêmicas ou pacíficas, que as tradições de pensamento evocadas no mesmo quadro teórico possam estabelecer entre si; (3) aplicar a categoria interpretativa continuidade/descontinuidade sobre a crônica construída e definir na história da disciplina os momentos de reprodução e diversificação das práticas teorizadoras; e, enfim, (4) considerar as diversas influências das tradições e da sociedade sobre os desenvolvimentos das estruturas elementares da significação.

Os objetivos específicos enumerados acima servirão ao cumprimento do objetivo geral de nossa pesquisa, que é o de buscar explicar porque as transformações verificadas na história da semiótica francesa ocorreram, ou seja, dar uma razão e um sentido aos processos que descreveremos.

Assim, organizamos o texto que apresenta nossa pesquisa em torno de quatro capítulos divididos em subseções.

No primeiro capítulo, “Metodologia da Historiografia Linguística”, discutiremos questões referentes à metodologia deste estudo, a historiografia linguística, discorrendo sobre os principais conceitos que entram em jogo no desenvolvimento do nosso estudo e explicando os procedimentos utilizados na sua realização. Exporemos ainda, no segundo capítulo, a definição do nosso objeto, a partir da qual faremos nossa pesquisa, assim como nossas fontes secundárias, isto é, os estudos anteriores ao nosso que se dedicaram também à história das estruturas elementares.

O segundo capítulo, “Das origens das estruturas elementares ao seu desenvolvimento na semiótica francesa de 1970”, reúne descrições de um primeiro período da disciplina semiótica, estabelecido entre a publicação das obras *Sémantique structurale* (GREIMAS, 1966) e *Sémiotique - Dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (GREIMAS; COURTÉS, 1979), o capítulo conta ainda com o artigo que introduz na disciplina o quadrado semiótico, “The interaction of semiotic constraints” (GREIMAS; RASTIER, 1968). Começamos este capítulo com a recuperação das tradições de pensamento anteriores à semiótica francesa que, além de terem se debruçado sobre questões importantes a noção de estrutura elementar, tiveram suas produções utilizadas pelos semioticistas. Após recuperados esses conhecimentos, e descritos os estágios de desenvolvimento das estruturas elementares representados pelos principais textos

publicados da disciplina referente ao nosso objeto, apresentamos críticas, objeções e desconfortos que os autores e a comunidade acadêmica tenham apresentado com o nosso objeto.

No terceiro capítulo, “O ‘ponto de vista’ tensivo sobre as estruturas elementares da significação”, apresentaremos dois estágios de desenvolvimento das concepções da semiótica tensiva acerca das estruturas elementares, abordando as reflexões de Zilberberg em 1981 sobre o nível elementar e posteriormente a produção conjunta de Fontanille e Zilberberg, *Tensão e significação* (2001) [1998], onde alcançaram uma síntese mais elevada e atingiram um modelo de elementaridade que permanece inalterado.

No quarto capítulo, “Diálogos estabelecidos com a semiótica por meio das estruturas elementares”, apresentamos dois momentos em que a semiótica foi interpelada e reinterpretada por autores de diferentes campos teóricos e em que o foco dessa reinterpretação foi o nível elementar da teoria semiótica. Desse modo, começamos apresentando a proposta de topologização do quadrado semiótico de Jean Petitot baseada na teoria das catástrofes, e, posteriormente, apresentamos a proposta de Alessio Moretti de complexificação do quadrado semiótico a partir da geometria oposicional.

Finalmente, nas Considerações finais, recuperamos as informações mais relevantes de todos os percursos reconstruídos para que possamos nos debruçar em nossa interpretação da história das estruturas elementares da significação em semiótica a partir das categorias de análise que anunciamos anteriormente. Além disso, fazemos apontamentos futuros para que eventuais próximas pesquisas sobre o mesmo tema possam se apoiar sobre os resultados que obtivemos e, assim, construir um material mais completo e atingir resultados mais avançados.

1. METODOLOGIA DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

Neste capítulo, abordaremos os preceitos metodológicos que recuperamos para uma execução mais rigorosa quanto possível no nosso trabalho historiográfico. Desse modo, empreenderemos na apresentação da historiografia linguística e dos conceitos que guiaram e ordenaram nossa investigação, bem como em algumas reflexões semióticas e meta-historiográficas que intervêm na elaboração de nosso projeto.

Deixaremos claros, ao longo deste capítulo, os interesses que motivam a abordagem específica que fazemos e ao desenhar o quadro maior e mais geral da historiografia linguística, apontaremos os aspectos da investigação histórica que compõem uma visão holística e completa do assunto que intencionalmente não integraram nosso estudo em razão de sua extensão e dos nossos objetivos.

1.1 Historiografia Linguística e Semiótica: disciplinas do texto

A historiografia linguística é uma disciplina que além de reconstruir uma narrativa histórica dos desenvolvimentos da linguística, desenvolve um discurso acerca destes desenvolvimentos. Nesse sentido, a atividade do historiógrafo da linguística pode ser dividida em duas etapas. Primeiramente, há a construção da “crônica” que é um gênero que consiste no levantamento dos dados, como as datas das publicações dos textos, os autores envolvidos na produção do conhecimento e o conteúdo expresso pelos textos. A partir da crônica, a historiografia de fato se realiza, com a produção de um discurso sobre esses acontecimentos e desenvolvimentos de noções na disciplina objeto.

As etapas são, portanto, a descrição e a análise. Para a descrição, selecionamos algumas categorias do repertório teórico da historiografia linguística que nos conduzem à análise. Na tarefa da descrição surgem os problemas da metalinguagem descritiva que serão utilizadas pelo historiógrafo na realização dessa atividade. Para propor uma solução que venha a resolver os problemas e abusos que possam surgir nessa etapa do trabalho historiográfico, Konrad Koerner propõe três princípios que organizam a investigação (KOERNER, 2014, p. 75-90).

O primeiro princípio é o da contextualização que consiste na reconstrução do “clima de opinião” dentro do qual a teoria estudada é concebida e se desenvolve. Além desse olhar mais detido à teoria e a construção do conhecimento, o princípio da contextualização também pode se voltar às condições sociais, políticas e econômicas do meio no qual a produção estudada foi

gerada, incluindo a posição e status institucional dos autores e sua organização em grupos de pesquisa.

O princípio da imanência é o segundo princípio, ele estabelece a necessidade de recuperar o conteúdo dos textos e da teoria em questão. Este princípio que está mais diretamente voltado à teoria em si e a organização sistemática em que os conceitos na teoria se organizam e se relacionam é o foco de nossa investigação acerca das estruturas elementares da significação na semiótica discursiva.

O último princípio exposto por Koerner é o da adequação e diz respeito à eventual necessidade por parte do historiógrafo de fazer aproximações de conceitos demasiado antigos ou, porventura, distanciados do quadro de referência do público-alvo da produção de tal historiógrafo. Em nossa pesquisa, que lidamos centralmente com a semiótica francesa, que tem seu discurso fundador publicado nos anos 1960, esse princípio se torna periférico e só se torna parcialmente relevante na explicação de algumas noções da lógica clássica.

Como dissemos, o princípio e a categoria da imanência são os principais mobilizadores de nossa descrição, de forma que nosso foco está sobre o papel e funcionamento do conceito estudado na economia geral da teoria e na sua relação, pacífica ou polêmica, com as outras partes da teoria, bem como na identificação de elementos interiores ao conceito que tenham sido indutores de sua transformação. Não obstante, ao decorrer das descrições, verificamos que uma visão puramente interna e axiomática não permite explicar certas “disforias” a que são submetidos métodos e formas de se proceder na teoria, de maneira que se torna necessário recorrer eventualmente ao clima de opinião para que possamos verificar o fato de uma “saturação” na sociedade na qual a teoria feita para com esses empreendimentos teóricos, assim como a ascendência de outros interesses nessa mesma sociedade.

De todo modo, o texto é o objeto principal, pois a historiografia linguística é, evidentemente, uma história da escrita da linguística, e são os textos portadores do conhecimento linguístico o objeto da descrição e da análise. De modo análogo, a semiótica discursiva é uma disciplina que se voltou ao texto, enquanto unidade linguística privilegiada de descrição e análise. Dessa forma, elaborou uma metalinguagem descritiva que viesse a formalizar o objeto em questão.

A aproximação mais relevante que queremos fazer no momento é acerca da extração de sentido que ambas as disciplinas realizam a partir da descrição. A semiótica, assim como a historiografia linguística, procura, em níveis diferentes de análise, continuidades e

descontinuidades que sejam geradoras de sentido nas narrativas que analisam: “A única forma de abordar, atualmente, o problema da significação consiste em afirmar a existência de descontinuidades sobre o plano da percepção” (GREIMAS, 1966, p. 18, tradução nossa¹).

Dessa forma, a historiografia linguística enquanto uma disciplina voltada ao texto linguístico em sua historicidade e transformação se baseia principalmente nas descontinuidades presentes na narrativa histórica reconstruída para apreender o sentido do desenvolvimento do saber linguístico. Isso ocorre, sobretudo quando a pesquisa historiográfica em questão está voltada para a imanência da teoria, pois nesse nível de análise, a categoria continuidade/descontinuidade é a principal indutora da transformação na teoria ou conceito estudado.

Ainda sobre essa categoria fundamental, é importante ressaltar que a continuidade também é significativa, na medida em que corresponde a uma ausência de descontinuidade (não-descontinuidade). Forma-se assim uma estrutura elementar da significação que corresponde a elementaridade do sentido das transformações históricas do conhecimento. A descrição fica, portanto, como a atividade que estabelece, com base nos textos publicados pelos autores da teoria e selecionados pelo historiógrafo, estágios de desenvolvimento do conhecimento-objeto entre os quais essa estrutura elementar deve ser aplicada para se verificar se houve transformação, se não houve transformação e, no caso de haver, qual tipo de transformação ocorreu.

No caso de a continuidade ser o termo prevalente, pode-se diferenciar ainda uma outra categoria subjacente composta pela simplificação e pela complexificação. Isso se dá em razão da “descontinuidade” não ser compreendida aqui como uma diferença qualquer, mas sim uma diferença fundamental que interfira significativamente nos níveis metodológico e epistemológico da teoria, alterando-lhes as bases. A estrutura elementar da significação, dessa forma, entre a *Semântique Structurale* (1966²) e o “The interaction of semiotic constraints” (GREIMAS; RASTIER, 1968) se modificou, entretanto, a metodologia produtora desses dois estágios de desenvolvimento permaneceu a mesma. Há, dessa forma, uma continuidade na teoria pautada pela complexificação do conceito.

¹ Trecho original: “La seule façon d’aborder, à l’heure actuelle, le problème de la signification consiste à affirmer l’existence de discontinuités, sur le plan de la perception [...]”.

² Utilizaremos aqui também a tradução brasileira, *Semântica Estrutural* (GREIMAS, 1975).

A aproximação que realizamos demonstra e corrobora o ponto de vista de Greimas, quando é dito na *Sémantique Structurale* (1966), que a semiótica ocupa uma posição privilegiada entre as ciências humanas, uma vez que estas estão preocupadas com o significado dos fatos humanos:

De fato, se as ciências da natureza se interrogam para saber como são o homem e o mundo, as ciências humanas se colocam, de forma mais ou menos explícita, a questão de saber o que significam um e outro³ (GREIMAS, 1966, p. 5, tradução nossa).

Como disciplinas do texto e, eventualmente, da significação, linguística e histórica, a semiótica e a historiografia podem ser aproximadas e complementadas.

1.2 Definição do objeto, seleção das fontes e a questão da influência

A definição do objeto em uma pesquisa de viés histórico impõe ao pesquisador a tarefa de seleção da extensão temporal que será considerada da história do objeto para defini-lo. Poderíamos dessa forma eleger como objeto todo o percurso de desenvolvimento das estruturas elementares da significação ou fazer um recorte, selecionando apenas um ou outro estágio de desenvolvimento.

Acreditamos que o mais operatório é selecionar as primeiras formulações greimasianas para compor nosso objeto, e a pesquisa fica assim sendo uma investigação historiográfica do conceito greimasiano na semiótica discursiva. Isso em razão do papel organizador e programático de Greimas na disciplina e da homogeneidade que o recorte garante ao objeto.

A estrutura elementar da significação, entretanto, ainda que limitada em sua extensão pelo recorte, apresenta níveis diferentes de complexidade, ou melhor, elementaridade. Sua definição mais simples e elementar é a definição mais básica de uma estrutura⁴, propriamente dita, uma relação simultaneamente conjuntiva e disjuntiva entre pelo menos dois termos. Vemos, assim, que uma estrutura é definida, principalmente, pelo aspecto relacional que intervém nos termos que ela comporta. A estrutura, desse modo, deve ser capaz de relacioná-los, através daquilo que eles possuem de semelhante, e através daquilo que eles possuem de diferente. É necessário então entre os termos uma base de semelhança, conjuntiva, e uma base

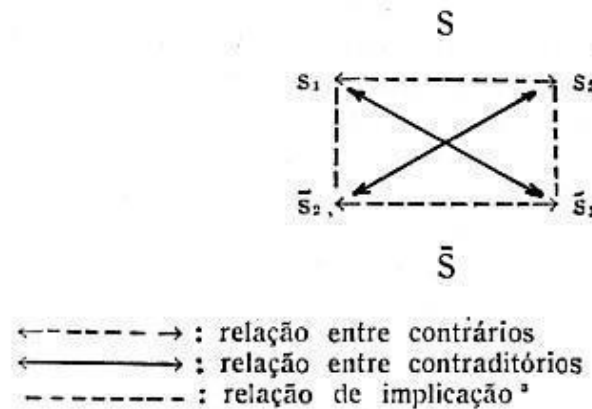
³ Trecho original: “En effet, si les sciences de la nature s’interrogent pour savoir comment sont l’homme et le monde, les sciences de l’homme se posent, de façon plus ou moins explicite, la question de savoir ce qu’ils signifient l’un et l’autre.”

⁴ “Daí, a primeira definição, aliás utilizada geralmente, do conceito de estrutura: presença de dois termos e da relação entre eles (GREIMAS, 1975, p. 28)

de diferença, disjuntiva. Os termos que entram na estrutura elementar da significação são os chamados “semas”, unidades mínimas e abstratas do significado, portanto, são elementos indivisíveis do plano do conteúdo (GREIMAS, 1966).

Posterior a primeira definição de estrutura elementar exposta, há uma complexificação da noção com a introdução de uma tipologia das formas oposicionais. A relação conjuntiva e disjuntiva é interpretada então como uma contrariedade, e essa contrariedade é homologada com uma relação de subcontrariedade, originada do relacionamento da negação dos termos contrários. Essa segunda definição de estrutura elementar vem a compor o quadrado semiótico (GREIMAS; RASTIER, 1968).

Figura 1: Quadrado semiótico



Fonte: (GREIMAS; RASTIER, 1975, p. 127)

O conceito de estrutura elementar, dessa forma, pode ser encarado como um “macro-conceito”, ou seja, uma unidade conceitual complexa pertencente à metalinguagem da teoria semiótica de linha francesa. A complexidade desta unidade conceitual deriva do fato dela abarcar dentro de si uma série de outras noções, ou unidades conceituais. Apresentaremos a seguir por meio de uma tabela quais são esses conceitos e de que forma eles se organizam.

Tabela 1: Composição da noção de estrutura elementar da significação

A) Estrutura elementar	B) Quadrado semiótico	C) Dimensões Estruturais	D) Estruturas sêmicas
------------------------	-----------------------	--------------------------	-----------------------

1) Semas ($s_1, s_2, \sim s_1$ e $\sim s_2$)	1) Contrariedade/ Subcontrariedade	1) Eixos/Metatermos	s_1+s_2/S e $\sim s_1+\sim s_2/\sim S$
2) Conjunção	2) Contradição/ Negação	2) Esquemas	$s_1+\sim s_1$ e $s_2+\sim s_2$
3) Disjunção	3) Implicação/ Asserção	3) Deixis	$s_1+\sim s_2$ e $s_2+\sim s_1$

Fonte: Elaboração própria

Nesta tabela, dispomos todos os conceitos que compõem a noção mais geral de estrutura elementar da significação. A primeira coluna apresenta os conceitos mais básicos referentes à primeira formulação do nosso objeto presente na *Sémantique Structurale* (1966). Da segunda coluna em diante estão os conceitos introduzidos no quadro das estruturas elementares a partir do artigo “The interaction of semiotic constraints” produzido pela coautoria de Greimas e François Rastier e publicado originalmente em 1968 na revista *Yale French Studies*. A terceira e a quarta coluna possuem uma correspondência linha a linha, no sentido de que para as dimensões estruturais 1, 2 e 3, se formam as estruturas sêmicas dispostas ao seu lado. Os termos enumerados sobre A, B, C e D são conceitos mais amplos que abarcam os numerados que estão em baixo, no caso de D) Estruturas sêmicas, a sua composição é simplesmente a notação simbólica e analítica de C) Dimensões Estruturais. No artigo de 1968, existe uma tabela composta pelas 3 colunas finais desta nossa tabela, na qual acrescentamos os “metatermos” em razão da equivalência que estes estabelecem com os “eixos” das estruturas elementares.

A respeito dessa organização analítica da composição do nosso objeto e ainda na alçada da definição do objeto desta pesquisa, devemos fazer uma diferenciação entre a estrutura elementar da significação e o quadrado semiótico. Enquanto existe uma isomorfia entre essas duas noções, ou seja, sua organização se dá analogamente, é importante ressaltar que o quadrado semiótico é apenas uma disposição visual específica da noção mais geral de estrutura elementar, evidentemente é a mais canônica e, por conseguinte, mais famosa. A estrutura elementar poderia se organizar visualmente ainda de outras maneiras, apresentando as mesmas relações constitutivas. Um exemplo do “The interaction of semiotic constraints” é a “relação de

contradições homologadas” apresentada a seguir na figura 2. Outra possibilidade apresentada é o uso de uma tabela para dispor os termos e as relações em jogo na estrutura elementar.

Figura 2: Outra formulação para a estrutura elementar

$$\frac{S_1}{\bar{S}_1} \approx \frac{S_2}{\bar{S}_2}$$

Fonte: (GREIMAS; RASTIER, 1968, p. 88)

Acerca desta problemática conceitual, o semioticista Ivã Carlos Lopes (2006) escreve:

A semiótica introduziu na qualidade de “modelo constitucional”, o quadrado semiótico, simulacro das articulações mínimas na instância fundamental de seu “percurso gerativo”, e serviu-se amplamente dele como *macchinetta* descritiva, a ponto de muitas vezes ser lembrada entre não-especialistas, apenas por esse dispositivo. (LOPES, 2006, p. 3, grifos do autor).

É possível ver que se trata de uma questão de forma e de conteúdo, no sentido que a organização elementar do sentido pode ser delimitada e se apresentar de numerosas maneiras, entretanto, por hábito, ou ainda, por sucesso⁵, um dos modos de se representar acaba se mesclando com a coisa representada.

A estrutura elementar da significação, como todo patamar do percurso gerativo de sentido do qual faz parte, possui um componente semântico e um componente sintático. O que descrevemos até aqui se refere a organização de sua semântica, que é entendida também como sua organização enquanto sistema, ou ainda, o seu modo de existência. Já o componente sintático das estruturas no percurso gerativo se refere ao funcionamento dessas estruturas enquanto processo, também podendo ser entendido como modos de presença.

Dessa forma, acrescenta-se no modo de presença de uma estrutura qualquer, um aspecto temporal relativo ao seu encadeamento, pois, em razão da linearidade do discurso, os elementos que compomos na organização paradigmática só podem ser apresentados e apreendidos sequencialmente. As operações que comandam, então, a sintaxe elementar são a negação e a asserção. A negação atua encadeando o termo de partida (s1) ao seu termo contraditório (~s1),

⁵ Seria simplificação ou ingenuidade do nosso trabalho historiográfico aceitar a indiferença apresentada pelos autores de “The interaction of semiotic constraints”, em relação a representação geométrica das estruturas elementares, ainda mais quando a insistência na escolha pelo quadrado levou a problemáticas como a que acabamos de resolver. Abordaremos, portanto, mais adiante, esta tendência na escolha da representação do nosso objeto como algo motivado.

e a asserção conduz o termo contraditório ao contrário do termo inicial (s2). Nas palavras do *Dicionário de semiótica*,

As operações sintáticas fundamentais, chamadas de transformações, são de duas espécies: a negação e a asserção. Se a negação serve essencialmente para produzir termos contraditórios, a asserção é capaz de reunir os termos situados no eixo dos contrários e no dos subcontrários (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 433).

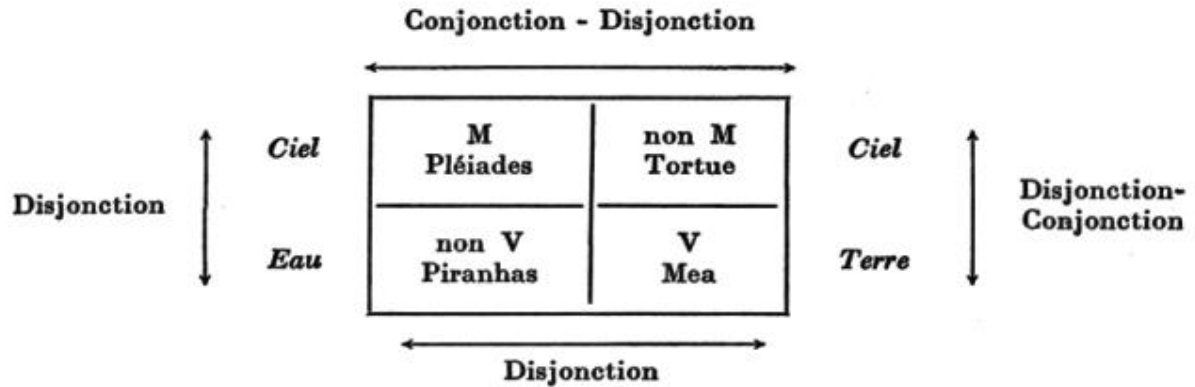
A partir da definição do nosso objeto podemos no capítulo seguinte iniciar a descrição de seu primeiro desenvolvimento, recuperando as tradições e hipóteses subjacentes, bem como as transformações a que ele foi submetido, avaliando sua interação com o restante da teoria e verificando eventuais tensões que sua teorização tenha gerado.

Agora no referente a seleção das fontes, iniciamos nossa pesquisa com o levantamento das obras greimasianas que deram destaque ao nosso objeto. Portanto, temos a obra *Sémantique Structurale* (1966) como um importante ponto de partida, por se tratar do discurso fundador da teoria semiótica francesa e apresentar as primeiras formulações do nosso objeto. Dois anos depois dessa publicação, Greimas e François Rastier publicam em coautoria o artigo “The interaction of semiotic constraints” (1968) na revista norte-americana *Yale French Studies*, em que discorrem e ampliam de certo modo o nível elementar. Está presente nesse artigo também uma integração mais coerente e direta da teoria oposicional da lógica formal, que auxiliou na organização do quadrado semiótico. Encerramos o primeiro capítulo de descrição com *Sémiotique - Dictionnaire raisonné de la théorie du langage* (1979), dicionário escrito por Greimas e Joseph Courtés, obra que normaliza e cristaliza os conceitos da teoria.

Devemos mencionar, ainda, o artigo “Éléments pour une théorie de l'interprétation du récit mythique” (GREIMAS, 1966b), publicado na revista *Communications*, como um documento que reconhecemos, mas não integramos como um estágio de desenvolvimento em si. Neste artigo, Greimas não atinge resultados relevantes no sentido de oferecer maior espessura a noção das estruturas elementares, e, apesar de Fontanille e Zilberberg em *Tensão e Significação* (1998, p. 65) defenderem que por meio deste texto é possível verificar que o modelo greimasiano é mais devedor a Claude Lévi-Strauss do que a teoria oposicional da lógica clássica. Ademais, o fato do tímido avanço na organização deste modelo atingido por meio deste artigo (ver Figura 3) ter sido definitivamente descartado em detrimento da apropriação do quadrado lógico, na verdade, demonstra a importância deste diagrama e da teoria subjacente a ele para o desenvolvimento e a distribuição do conceito de estruturas elementares da significação em semiótica. Portanto, estando as formulações essenciais acerca do nosso objeto,

presentes também em *Sémantique Structurale* (1966), não o integramos nos capítulos descritivos.

Figura 3: Modelo proposto em “Éléments pour une théorie de l'interprétation du récit mythique”



Fonte: (GREIMAS, 1966b, p. 56)

O capítulo 3 contará ainda com mais uma obra greimasiana, a *Semiótica das Paixões* (GREIMAS; FONTANILLE, 1993 [1991]), escrita com Jacques Fontanille. Este texto não integra o terceiro capítulo em razão da “virada fenomenológica” que já se faz sentir na obra e que pauta a reflexão acerca do nível fundamental a partir dos anos 1990. Entrarão em cena na nossa pesquisa nessa nova etapa de descrições os outros trabalhos de Jacques Fontanille e os trabalhos de Claude Zilberberg, por serem autores que se dedicaram ao estudo do nosso objeto e por oferecem um “ponto de vista” mais em linha com a fenomenologia para as estruturas elementares. As obras escolhidas para compor este capítulo são: *Essais sur les modalités tensives* (ZILBERBERG, 1981) *Tensão e Significação* (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001 [1998]), *Elementos de semiótica tensiva* (ZILBERBERG, 2011 [1998]).

O capítulo 4 é o último capítulo dedicado à descrição e apresentará dois autores que se debruçaram sobre as estruturas elementares de modo distinto ao de Zilberberg e Fontanille, apresentando assim uma continuidade alternativa às estruturas elementares daquela que foi proposta pela semiótica tensiva. A começar por Jean Petitot que, baseado na teoria das catástrofes de René Thom, propôs uma complexa topologização do quadrado semiótico. A seguir, com o lógico Alessio Moretti que, em seu artigo “Le retour du refoulé: l’hexagon logique qui est derrière le carré sémiotique” (2014) defende o ponto que o quadrado semiótico é em si mesmo uma estrutura incompleta, que na verdade faz parte de outra estrutura maior. A complexificação apresentada pelo autor passa pelo hexágono lógico, que polemiza em certa

medida com o quadrado semiótico⁶, para chegar em modelos geométricos tridimensionais ainda mais complexos.

A seguir, dispomos uma tabela demonstrando as principais referências que compõem cada capítulo descritivo:

Tabela 2: Disposição das fontes primárias de cada capítulo

<p>Capítulo 2</p> <p>DAS ORIGENS DAS ESTRUTURAS ELEMENTARES AO SEU DESENVOLVIMENTO NA SEMIÓTICA FRANCESA DE 1970</p>	<p>Capítulo 3</p> <p>A CONSTRUÇÃO DO “PONTO DE VISTA” TENSIVO E A SUA CONTINUIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DAS ESTRUTURAS ELEMENTARES</p>	<p>Capítulo 4</p> <p>DIÁLOGOS ESTABELECIDOS COM A SEMIÓTICA POR MEIO DAS ESTRUTURAS ELEMENTARES</p>
<p><i>Sémantique Structurale</i> (GREIMAS, 1966)</p>	<p>Essais sur les modalités tensives (ZILBERBERG, 1981)</p>	<p>“Topologie du carré sémiotique” (PETITOT, 1977)</p>
<p>“The interaction of semiotic constraints” (GREIMAS; RASTIER, 1968)</p>	<p>Semiótica das Paixões (GREIMAS; FONTANILLE, 1993 [1991])</p>	<p>“Le retour du refoulé: l’hexagon logique qui est derrière le carré sémiotique (MORETTI, 2014)</p>
<p>Dicionário de Semiótica (GREIMAS; COURTÉS, 2008 [1979])</p>	<p>Tensão e Significação (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001 [1998])</p>	
	<p>Elementos de semiótica tensiva (ZILBERBERG, 2011 [1998])</p>	

Fonte: Elaboração própria

⁶ A polêmica existente entre o quadrado semiótico e hexágono lógico reside no fato de que um ano antes de Greimas e Rastier publicarem o texto que apresenta o modelo constitucional, Robert Blanché havia publicado seu livro *Estruturas Intelectuais: Ensaio sobre a organização sistemática de conceitos* [1967], no qual ele defende justamente que o quadrado lógico de Apuleio é uma estrutura incompleta, fazendo parte do hexágono lógico. Greimas e Rastier então optam por criar um quadrado semiótico que possui dois “termos flutuantes”, como é possível notar na Figura 1 (página 22), que se ligados de fato ao modelo formaria um hexágono assim como propusera Blanché.

Além das fontes primárias, que servirão de objeto para a análise, existem ainda as fontes secundárias, compostas por livros e artigos que se debruçaram sobre a história de semiótica de modo geral ou com enfoque na questão das estruturas elementares. Inicialmente, enquanto um artigo dedicado exclusivamente a história da estrutura elementar, devemos recuperar a publicação de Eliane Domaneschi, “O quadrado semiótico greimasiano: herança e transformação”, presente na revista *Estudos Semióticos* (2017, pp. 51-58). Apesar de breve, por não ser o foco da pesquisa de doutorado que a autora desenvolvia na época sob orientação de Waldir Bevidas, este texto representa o primeiro escrito em língua portuguesa sobre a história do conceito que tomamos por objeto⁷. Uma outra referência com algum viés histórico, mas sobretudo epistemológico, é o texto já citado do Ivã Carlos Lopes, “A noção de profundidade na semiótica” (2006), o título demonstra que a abordagem do nosso objeto, a estrutura elementar, não se dá de forma direta, entretanto. Novamente, na revista *Estudos Semióticos*, agora em 2019, temos a publicação do próprio Waldir Bevidas, “Um modelo catenário e tensivo para a estrutura do quadrado semiótico”, que adentra com maior profundidade nas propostas tensivas para o modelo constitucional. Agora, em língua inglesa, temos também como predecessor do nosso trabalho em nossas fontes secundárias, Sémir Badir, com seu artigo “How the semiotic square came” (2012). Neste artigo, o interesse de Badir reside em apresentar o quadrado semiótico apenas entre os anos de 1966 e 1968, com uma breve menção ao *Sémiotique* (1979).

Existem ainda entre nossas fontes secundárias, obras que se referem à história da disciplina semiótica de modo geral, sem dedicarem-se exclusivamente às estruturas elementares, mas que ainda assim serviram de auxílio na construção do nosso entendimento sobre a teoria que estudamos. Estas obras são *Razão e poética do sentido* (ZILBERBERG, 2006 [1988]); *Sémiotique du discours* (FONTANILLE, 1999); *História concisa da semiótica* (HÉNAULT, 2006 [1992]); *Les enjeux de la sémiotique* (HÉNAULT, 2012).

As fontes primárias, ou, textos-fontes, são, portanto, as obras que compõem de fato o percurso histórico das estruturas elementares no interior da semiótica, ou seja, que fundam e desenvolvem o nosso objeto. As fontes secundárias são artigos ou obras que se debruçam direta ou indiretamente sobre este percurso histórico, o modo direto sendo quando a própria estrutura elementar em sua historicidade é o tema do escrito e, o modo indireto, quando o objeto do

⁷ Vale notar que o título deste artigo se refere ao quadrado semiótico, mas a autora o considera, em seu estudo, equivalente a estrutura elementar da significação.

estudo é mais amplo que as próprias estruturas elementares ou adjacente a ela, como no caso da noção de profundidade ou do quadrado semiótico.

Enquanto trabalho historiográfico, levantamos ainda um outro conjunto de fontes que se divide em três tipos e que devemos parte da tipologia ao artigo “A citação em textos científicos: uma análise semio-histórica do argumento de influência” (MOREIRA; SANTOS; PORTELA, 2021). Seguindo, inicialmente, a recuperação que esse artigo faz de Koerner (2014), devemos dizer que ao reconstruirmos percursos históricos de conceitos anteriores à semiótica, que convergem em direção a ela, formando as estruturas elementares, nos servimos das influências de reconhecimento público. O reconhecimento público se dá por meio das citações diretas que os autores das nossas fontes fazem ao longo de seus textos. A partir dessas declarações abertas de influência integramos, por exemplo, Roman Jakobson, pelas citações diretas presente em *Sémantique Structurale* (1966), e Robert Blanché, pela citação direta presente em “The interaction of semiotic constraints” (1968). Por outro lado, existe uma outra forma de referência, bastante relevante para o nosso trabalho

Ao contrário da citação de citação em que o uso do “apud” informa ao enunciatário-leitor que a citação não pertence, de fato, a dado autor e dada obra, mas a outro autor, anterior ao imediatamente citado, existem citações indiretas que citam o trabalho de um pesquisador sem mencioná-lo, fazendo referência a outro. (MOREIRA; SANTOS; PORTELA, 2021).

Foi por meio dessa forma composta de citação indireta que pudemos integrar Aristóteles e Apuleio como parte de um percurso histórico de desenvolvimento das estruturas elementares anterior à semiótica, pois, apesar de nenhuma de nossas fontes primárias mencionarem esses dois autores clássicos, eles mencionam, como dissemos, Blanché e este, por sua vez, atribui aos dois lógicos da antiguidade as bases teóricas do quadrado lógico e sua primeira organização gráfica, respectivamente. De forma análoga, pudemos recuperar a influência de Nikolai Trubetzkoy no desenvolvimento de nosso objeto, em virtude da intensa parceria que este estabeleceu no Círculo Linguístico de Praga com Jakobson.

A última forma de influência que devemos abordar é a influência do campo de pesquisas dos autores sobre o seu trabalho. Enquanto Greimas não tenha citado Émile Benveniste, o semioticista lituano considerava sua disciplina como parte da linguística estrutural e se considerava como continuador dos grandes mestres dessa área, como Saussure e Hjelmslev. Portanto, ainda sem o reconhecimento público, ou a citação indireta, pelo conhecimento que temos enquanto linguistas e, posteriormente, pela comparação que fazemos das noções de níveis de análise linguística e nível fundamental em semiótica (em 3.2), a conexão e a influência entre

o trabalho de Benveniste e Greimas parece ser possível. Este último tipo de citação, em razão do alto grau de mistura entre o texto do citado e do citante e, conseqüentemente, do elevado esforço interpretativo requerido do historiógrafo para discerni-los, foi classificado como citação assimilada (MOREIRA; SANTOS; PORTELA, 2021).

Ainda sobre os preceitos metodológicos da historiografia linguística que guiaram nosso trabalho, explicitemos que nosso empreendimento de descrição dos estágios de desenvolvimento baseada exclusivamente pelos textos greimasianos que fundamentam a teoria é orientado pela categoria da imanência (KOERNER, 2014), que rege também a nossa análise. Entretanto, ainda será importante em nossa pesquisa, para a produção da interpretação do percurso reconstruído, verificar o estatuto perante a sociedade dos elementos teóricos envolvidos com as estruturas elementares da significação.

Já no que se refere à interpretação, em nossa pesquisa, a principal categoria que a mobiliza é a da continuidade/descontinuidade. Pela continuidade compreendemos, além da manutenção da configuração interna dos conceitos⁸, a reprodução das mesmas práticas teorizadoras, ou seja, a mesma reflexão metodológica no desenvolvimento da metalinguagem da disciplina. Dessa forma, a continuidade pode se manifestar tanto pelo silêncio, que reafirma a última posição tomada, quanto pela complexificação de um ponto de vista já assumido. Por outro lado, a descontinuidade em nossa pesquisa pode se tratar tanto de uma eventual redefinição do conceito, evidentemente, mas também de uma reorganização dos níveis metodológico e epistemológico da teoria. A continuidade assume, pois, ela mesma o papel de uma categoria, ou seja, um conceito formado pela relação opositiva entre outros dois, no caso, o silêncio e a complexificação. Seguindo a sabedoria popular, podemos afirmar que “quem cala consente”, ou ainda, de acordo com a formulação de Portela, “[...] o silêncio é tão ou mais significativo do que declarações.” (2018, p. 140). Quando, em um primeiro momento, se estabelece na teoria uma configuração interna determinada a um conceito está será sua definição até que o contrário seja defendido, portanto, ao não abordar este tema, se pacifica o estado de coisas inicial e se instaura a continuidade. Por outro lado, quando o tema em questão é de fato abordado de um ponto de vista teórico, para oferecer-lhe maior espessura, maior especialidade, servindo-se da mesma base metodológica que o criou, temos o que chamamos de “complexificação”. A descontinuidade é concebida nesta pesquisa como um termo simples, não em razão de nuances nesta relação com a tradição não poderem ser percebidas, mas sim pelo

⁸ Por configuração interna dos conceitos, referimo-nos às noções que subjazem ao conceito, o compoendo, e as relações específicas que assumem ao compô-lo.

fato de que a história do desenvolvimento da noção semiótica de estruturas elementares não oferecer exemplos através dos quais possamos formalizá-las, de modo que a descontinuidade permanece em nossa pesquisa como um termo simples.

Além da continuidade e da descontinuidade, a noção de influência também faz parte dos mobilizadores do esforço interpretativo. Esperada em trabalhos historiográficos, a questão da influência pode ser tanto uma via para se abordar conceitos como a originalidade de uma obra, a paternidade ou origem das ideias, a submissão do autor a tradição como também pode ser um caminho para se verificar a familiaridade entre as ideias e como certas formulações parecem engendrar outras. Detendo-nos um pouco acerca das diferentes abordagens que um trabalho historiográfico pode utilizar, destacamos três⁹ a seguir para declararmos de forma clara nossos interesses ao realizar esta pesquisa.

A primeira abordagem que mencionamos, que pode privilegiar termos mais superficialmente tímicos, ou seja, termos que expõem mais claramente a euforização ou disforização que carregam (originalidade, paternidade, submissão etc.) de forma a produzir uma espécie de sanção aos autores e teorias, pode ser entendida como uma abordagem “personalista”, que busca produzir heróis ou coadjuvantes.

Uma segunda abordagem é formada por um componente histórico e um componente social, é ela a referente às atribuições de influência da sociedade e do tempo vivido por quem a escreveu. Uma terceira abordagem do conceito de influência se trata de uma que traz para o primeiro plano as ideias em si, portanto, pode ser chamada também de “imanente”, esta abordagem busca na composição própria dos conceitos as tendências que levam a sua transformação, assim, como exemplo ilustrativo, podemos notar como um modelo de estrutura elementar categórico leva a eventual formulação de um modelo gradual, ou seja, há nas próprias organizações internas dos conceitos, seja lacunas, ou tensões que induzem o próprio conceito ao movimento, e, conseqüentemente, à transformação.

Dessa forma, buscaremos desvelar as influências no sentido mais imanente, demonstrando como certas ideias levam a outras, ainda assim, como já foi dito, somente o olhar imanente e a atenção exclusiva a dinâmica das ideias no interior é insuficiente para encontrar o pleno sentido de certas escolhas, pois enquanto pode sim existir tendências derivadas de certas

⁹ A numeração que fazemos aqui de abordagem possíveis do conceito de influência não visa a exaustão do assunto, mas sim demonstrar um panorama geral de problemáticas relacionadas a este conceito e como a nossa pesquisa os encarou e resolveu

organizações conceituais, essas tendências apontam para possibilidades e a determinação final e a cristalização da teoria é, no fim das contas, uma atualização das virtualidades possíveis.

A partir da discussão sobre a influência e da forma com que a nossa pesquisa lida com ela, podemos entrar no tópico de uma definição do trabalho historiográfico e, então, de uma comparação do modo pelo qual optamos por escrever esta história conceitual da semiótica com outros modos de se fazê-la. Dessa forma, apresentaremos as possibilidades de uma historiografia e delimitaremos com clareza as intenções e a extensão do nosso trabalho.

O artigo “História das ideias semióticas entre cronistas e inovadores” (PORTELA, 2018) oferece às comunidades historiográfica e semiótica uma tipologia que propõe dois modos através dos quais a história da semiótica vem sendo escrita. A primeira abordagem discernida pelo autor se baseia na apresentação diacrônica dos acontecimentos na teoria e sua relação ao andamento e posições do quadro científico maior pelo qual perpassa.

Essa abordagem é frequentemente linear e causal na sua maneira de compreender os fatos teóricos, pois se apoia, para coerência à narrativa que se conta, sobre os atores e actantes da ciência e sobre os programas, percursos e esquemas dos quais tomaram parte. (PORTELA, 2018, p. 141).

Em função do produto dessa forma de se proceder se assemelhar ao gênero da crônica que descrevemos no início deste capítulo, a abordagem é chamada de “cronista”. A segunda abordagem recebe o nome de “inovadora” e se distingue da anterior tanto por se propor a solução de um problema que encontra na história da disciplina, quanto por ocupar-se da diacronia constitutiva da crônica de modo diferente.

A diacronia apreendida nessa abordagem não é aquela dos fatos teóricos que, segundo as datas das publicações e dos acontecimentos julgados relevantes, se sucederam no tempo, mas aquela que se converte em sincronia para produzir seus resultados: o historiógrafo ultrapassa, suspende, as coerções temporais e “faz sistema” com os fatos teóricos, não raramente reconstruindo o próprio sistema e inovando. (PORTELA, 2018, p. 141).

A historiografia que estamos a construir neste trabalho compartilha da abordagem “inovadora” que Portela verificou dentre as histórias da semiótica. É importante ressaltar que não há juízo de valor nessas classificações e que ambas servem a propósitos diferentes. A nossa pesquisa, ao identificar um problema, apontado na Introdução, e se propor a solucioná-lo por meio da interpretação, e, ao construir a narrativa histórica de desenvolvimento das estruturas elementares abordando a questão da influência de forma ampla, situa-se no quadro dos inovadores descritos por Portela.

Ainda assim, algumas pesquisas históricas empreendidas por semioticistas de modo geral¹⁰, como Portela expõe em seu artigo, ao se focar na análise da teoria enquanto sistema conceitual tem deixado de elaborar um programa metodológico que atente as seguintes questões

(1) à retórica da teoria, (2) às ideias que permeiam e circundam os sistemas conceituais e (3) aos aspectos sociais e institucionais. Nosso trabalho, muito frequentemente, não distingue livros, periódicos ou anais como textos de acesso à teoria e nem se desdobra na construção de um corpus de depoimentos e entrevistas. (PORTELA, 2018, p. 140)

Vê-se então como o ponto de vista imanente nas pesquisas de viés histórico tem encoberto parâmetros de análise importantes para a construção de uma visão mais holística na qual a historiografia possa se realizar mais plenamente. Enquanto o presente trabalho não é estranho a todas essas questões que o trecho destacado expõe, as atendemos sob o ponto de vista da imanência. Ficam esclarecidas assim, nossas escolhas, intenções e limites.

1.3 Níveis lógicos de linguagem na descrição da imanência da teoria semiótica

Ao estabelecermos que a dimensão interna da teoria é o foco do nosso trabalho historiográfico, somos em seguida confrontados com o problema de como empreender na descrição desta imanência. É em vista de solucionar esta questão que recorremos aos níveis lógicos de linguagem expostos por Greimas na *Sémantique Structurale* (1966). Essa ferramenta teórica discerne quatro níveis de linguagem no interior da teoria, um primeiro nível é dedicado ao objeto da teoria, um segundo nível corresponde a metalinguagem descritiva que a teoria desenvolve para a descrição de seu objeto, ou objetos. O terceiro nível é o da metalinguagem metodológica, que compreende o nível de reflexão em que se desenvolve e se avalia a coerência do nível anterior. Por fim, o quarto nível é o epistemológico, em que a teoria do conhecimento subjacente ao nível metodológico é organizada. A seguir, apresentamos uma tabela com a organização desses níveis, exemplificando cada um deles.

Tabela 3: Níveis lógicos de linguagem

Nível do objeto	Semióticas-objeto; Lexemas; Narrativas; Universos discursivos; Etc.
------------------------	---

¹⁰ A exceção a esta generalidade sendo Thomas F. Broden (2013 **apud** PORTELA, 2018), mas podemos acrescentar ainda Moreira (2019) e Santos (2020).

Nível da metalinguagem descritiva	Estrutura elementar da significação; Estruturas narrativas; Etc.
Nível da metalinguagem metodológica	Lógica; Linguística estrutural; Indução; Dedução; Etc.
Nível epistemológico	Inventário epistemológico dos termos não-analisados; Fenomenologia da percepção; Etc.

Fonte: Elaboração própria

Dessa forma, seremos orientados em nossa descrição a discernir os diferentes objetos sobre os quais as estruturas elementares da significação se aplicam, para buscarmos até mesmo em um único estágio de desenvolvimento possíveis diferenças e aspectos que se revelam nessa aplicação. Distinguiremos o que é próprio da metalinguagem descritiva da semiótica referente ao nosso objeto e verificaremos do que é composto o nível metodológico e como se deu a reflexão formadora das estruturas elementares nesse nível. O nível epistemológico já estabelece um âmbito de reflexão que a semiótica greimasiana, em razão do “princípio do mínimo epistemológico”, não se estende, ainda assim os conceitos e as posições tomadas nesse nível impactam e moldam a forma que a estrutura elementar toma e as transformações pelas quais ela passa.

A partir dessa forma de se dividir a organização interna da teoria, teremos maior clareza na nossa descrição, e, como o modelo da descrição mobiliza em alguma medida a análise, essa distinção em níveis nos auxiliará a cumprir certos objetivos, como a chegar em uma definição mais precisa e mais clara da posição das estruturas elementares entre os outros conceitos da disciplina semiótica e a desvelar possíveis tensões existentes entre os níveis lógicos que compõem a dimensão interna da teoria.

2. DAS ORIGENS DAS ESTRUTURAS ELEMENTARES AO SEU DESENVOLVIMENTO NA SEMIÓTICA FRANCESA DE 1970

2.1 Teoria oposicional e elementaridade

Começaremos a exposição do desenvolvimento da noção de estruturas elementares na semiótica francesa pela apresentação da tradição de pensamento mais antiga que veio a formar o nosso objeto. Trata-se da lógica formal, conforme foi iniciada pelos escritos de Aristóteles e reorganizada pelo pensador romano Lucius Apuleio.

Apesar de não haver menção direta a nenhum desses autores nos textos greimasianos que formulam as estruturas elementares da significação, as ideias de Aristóteles e Apuleio acerca das formas oposicionais representam uma importante contribuição para o pensamento estrutural e ao desenvolvimento da noção estudada, sobretudo no referente à organização do quadrado semiótico, o modelo constituinte que na teoria greimasiana é um ponto importante de reflexão para o desenvolvimento da estrutura elementar da significação.

Uma vez não havendo a menção direta, o caminho para esses autores da obra greimasiana, poderia se dar tanto pelo reconhecimento do quadrado lógico das oposições subjacentes ao quadrado semiótico, e sua origem na lógica clássica, quanto, textualmente, pela citação no texto de Greimas e François Rastier, “The interaction of semiotic constraints” (1968), ao artigo de Claude Chabrol¹¹, acerca do livro de Robert Blanché *Estruturas Intelectuais: Ensaio sobre a organização sistemática de conceitos* (2012 [1967]). Nesse livro, Blanché, por sua vez, atribui os créditos do modelo constituinte a Aristóteles e Apuleio.

Nesta dissertação, portanto, em que propomos um estudo histórico do desenvolvimento da noção de estrutura elementar na semiótica, cabe investigarmos a origem dos conceitos que formam esse nosso objeto, bem como avaliar a presença da lógica e seus aparatos metodológicos na produção de autores que construíram o estruturalismo europeu, para que possamos identificar as continuidades e/ou discontinuidades que se estabelecem entre a semiótica de Greimas e seus antecessores.

¹¹ “Structures Intellectuelles”. In: *Social Science Information*, 1967, v. 6, ed. 5

Começando então com Aristóteles, abordaremos dois de seus textos presentes no *Órganon*¹², obra que reúne seus trabalhos referentes a lógica. Inicialmente com o texto que abre esse conjunto de trabalhos, o *Tratado das categorias* e, posteriormente, com os *Analíticos primeiros*. São nesses dois textos que estão presentes o conjunto de noções que vêm a formar o quadrado lógico, ainda que esse modelo seja organizado somente por Lucius Apuleio.

O *Tratado das categorias* se dedica a duas tarefas, primeiramente há a tarefa de oferecer um conjunto limitado de categorias que ordenem e hierarquizem o número virtualmente ilimitado de coisas que podem ser ditas, e, mais importante para a estrutura elementar, há a tarefa de oferecer uma primeira tipologia, e assim, formular um sistema, uma teoria, das formas pelas quais as “coisas”, ou as palavras no discurso, se opõem. Não obstante, o texto inteiro é marcado por uma centralidade da linguagem, estabelecendo como objeto do estudo a forma pelas quais as coisas são ditas. Na primeira seção essa centralidade fica clara quando Aristóteles define os termos “homônimo”, “sinônimo” e “parônimo”¹³, para as coisas com mesmo nome e significados diferentes, para as coisas com nomes diferentes, mas com o mesmo significado e para as palavras que derivam umas das outras.

A seguir, a reflexão é sempre guiada pela enunciação linguística: “Das coisas que são ditas, algumas envolvem combinação enquanto outras são ditas sem combinação”¹⁴ (ARISTÓTELES, 1991, p. 2, tradução nossa.). Isso demonstra como o surgimento da disciplina da lógica se deu de forma bastante próxima da reflexão acerca do funcionamento da língua e dá um testemunho condizente com o uso futuro por linguistas e semioticistas da metodologia oferecida pela lógica.

“As coisas são ditas serem opostas umas às outras de quatro modos: como relativas ou como contrárias ou como privação e possessão ou como afirmação e negação”¹⁵ (ARISTÓTELES, 1991, p. 20, tradução nossa.). Essas quatro formas propostas por Aristóteles representam a primeira formulação de uma teoria oposicional. Dessas quatro, entretanto, duas

¹² As versões dos textos de Aristóteles que utilizaremos serão da edição digital de ARISTÓTELES, *Complete Works (Aristotle)*, Princeton: Princeton University Press, trad. Jonathan Barnes; A. J. Jenkinson. 1991. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/58d6b5ff86e6c087a92f8f89/t/5913d191f7e0ab9113b8884e/1494471072597/Complete_Works_of_Aristotle.pdf.

¹³ “homonymous”, “synonymous” e “paronymous” (ARISTÓTELES, “Categories” *In: Complete works (Aristotle)*, 1991, p. 3).

¹⁴ Trecho original: “Of things that are said, some involve combination while others are said without combination” (ARISTÓTELES, 1991, p. 2).

¹⁵ Trecho original: “Things are said to be opposed to one another in four ways: as relatives or as contraries or as privation and possession or as affirmation and negation” (ARISTÓTELES, 1991, p. 20)

serão suprimidas pela tradição, enquanto outras duas resistirão para formar a base da compreensão ocidental sobre as oposições e o próprio quadrado semiótico.

Por interesse museológico podemos apresentar as duas formas oposicionais que não se cristalizaram na tradição. O modo de oposição das “relativas” é um tipo dedicado a termos que possuem seu sentido certo somente em relação a outros, como é o caso da oposição entre “metade” e o “dobro”. Vê-se que a especificidade designada não é operatória o suficiente para que essa forma oposicional seja distinta da oposição entre contrários, uma vez que há também uma relação de contrariedade entre esses termos.

A seguir temos a oposição dos termos privativos e possessivos. Esse tipo de oposição é estabelecido entre termos que se realizam naturalmente em um outro, no qual podem estar presentes ou ausentes. O exemplo aristotélico são os termos “visão” e “cegueira” que são relativos ao olho, e este, por sua vez, pode estar em posse da visão, ou, ao ser privado dela ser levado a cegueira. Assim como a forma anterior, não há aqui a generalização necessária para essa oposição possa servir de metodologia organizadora nas ciências em geral, e, em razão disso, os sistemas oposicionais¹⁶ que derivam dessa primeira teoria mantiveram apenas a oposição pela contrariedade e pela afirmação e negação, que virá a ser conhecida como contradição.

A contrariedade é explicada por Aristóteles como tendo algumas variantes, que apesar de não terem sido levadas adiante na tradição, tem sua falta sentida inclusive por Greimas quando avalia as duas oposições binárias presentes na fonologia de Jakobson. “Entretanto, no caso da oposição ‘*grande vs pequeno*’ constatamos facilmente a existência de um terceiro termo-objeto que é *médio*” (GREIMAS, 1966, p. 33-34, grifos do autor). Essa insuficiência na organização de oposição polares que possuem termos intermediários levou Greimas a recorrer a “axiomática das estruturas elementares elaborada por V. Brøndal” (GREIMAS, 1966, p. 34). Essa axiomática prevê um lugar nesses esquemas oposicionais tanto para um termo “complexo” que se define como sendo ambos dos termos polares da oposição de contrariedade, quanto para um termo “neutro”, que se define como não sendo nem um nem outro dos termos da primeira oposição.

Aristóteles, de mesmo modo, descreve no seu tratado que a oposição entre termos contrários pode acomodar outros termos de dois modos diferentes, “[...] Entre branco e preto

¹⁶ Pensamos aqui nos sistemas fonológicos de Jakobson (UTAKER, 1974), de Trubetzkoy (TRUBETZKOY, 1976) e nas estruturas elementares de Greimas (GREIMAS, 1966)

estão cinza, amarelo e todas as outras cores, e entre o mau e o bom o nem bom nem mau” (ARISTÓTELES, 1991, p. 20-21, tradução nossa¹⁷). Dessa forma, a contrariedade em Aristóteles reconhece a possibilidade de uma gradação entre os termos polares, bem como, a existência de um termo como o “neutro” de Brøndal, que não é nenhum dos termos polares.

A segunda forma oposicional aristotélica que figura no quadrado lógico e, eventualmente, no quadrado semiótico é o das afirmativas e negativas. Esta se diferencia de todas as outras até agora por ela se dar entre proposições e não entre termos isolados. E, além disso, é necessário que sempre uma das proposições seja verdadeira e que a outra seja falsa.

O exemplo que há no texto é o seguinte: “Sócrates está doente e Sócrates não está doente” (ARISTÓTELES, 1991, p. 23). É argumentado que, ainda que Sócrates não exista, é falso que ele está doente e verdadeiro que ele não está doente, uma vez que não existe. Essa oposição, operada pela negação, conhecida também como contraditoriedade, é importante na lógica pelo princípio que parte dela, o princípio da não-contradição. Esse princípio é tido como uma das bases do pensamento organizado, ou seja, a impossibilidade de se reconhecer como presentes simultaneamente um termo e sua negação é o pressuposto básico do pensamento racional.

Temos, então, a partir da teoria oposicional presente no tratado das categorias de Aristóteles um dos fundamentos do quadrado lógico que Lucius Apuleio viria a formar. Segundo David Londey e Carmen Johanson no capítulo “The logical background” do livro *The Logic of Apuleius* (LONDEY; JOHASON, 1987), além dessas ferramentas até agora descritas, um outro conjunto de ideias aristotélicas participaram na formulação do quadrado lógico, a silogística aristotélica.

O estudo sobre os silogismos na obra de Aristóteles começa no texto dos *Analíticos Primeiros* que integra, assim como o texto anterior, o *Órganon*. Neste estudo, Aristóteles apresenta um conjunto de formas nas quais uma proposição pode se apresentar. A passagem seguinte que abre o texto é proficiente em apresentá-las. “Uma proposição então, é um enunciado afirmando ou negando uma coisa de alguma outra coisa; podendo ser universal, particular ou indefinida.”¹⁸ (ARISTÓTELES, 1991, p. 2, tradução nossa.)

¹⁷ Trecho original: “[...] between white and black are grey, yellow and all other colours, and between the bad and the good the neither good nor bad”.

¹⁸ Trecho original: “A proposition, then, is a statement affirming or denying something of something; and this is either universal or particular or indefinite”.

A proposição, desse modo, pode ser tanto afirmativa quanto negativa. Sendo uma ou sendo a outra, ela ainda pode apresentar três formas quantitativas, universal, dizendo respeito a todos ou nenhum, particular, fazendo referência a alguns ou não a todos, e, por fim, indefinida, sem marcas quanto a sua quantidade.

Nesse sentido, podemos construir as proposições que compõem a silogística

Tabela 4: Silogística Aristotélica

	Afirmativas	Negativas
Indefinida	Prazer é bom	Prazer não é bom
Universal	Todo prazer é bom	Todo prazer não é bom
Universal	Nenhum prazer é bom	Nenhum prazer não é bom
Particular	Algum prazer é bom	Algum prazer não é bom
Particular	Nem todo prazer é bom	Nem todo prazer não é bom

Fonte: Elaboração própria.

O intuito da construção dessas proposições está no processo de dedução¹⁹ que elas proporcionam, do seguinte modo

1. Todo homem é mortal.
2. Sócrates é homem.
3. Portanto, Sócrates é mortal.

O que Lucio Apuleio faz, então, é organizar algumas dessas proposições com algumas das formas oposicionais da obra de Aristóteles, de modo que o quadrado lógico das oposições formulado por Apuleio já estava latente na teoria de Aristóteles. De modo similar, Greimas elabora na *Semântica Estrutural* (1966) as estruturas elementares da significação com as relações e os termos necessários para representá-las na forma de um quadrado, mas o quadrado semiótico aparece publicado pela primeira vez no artigo já mencionado de 1968, escrito em coautoria com François Rastier²⁰.

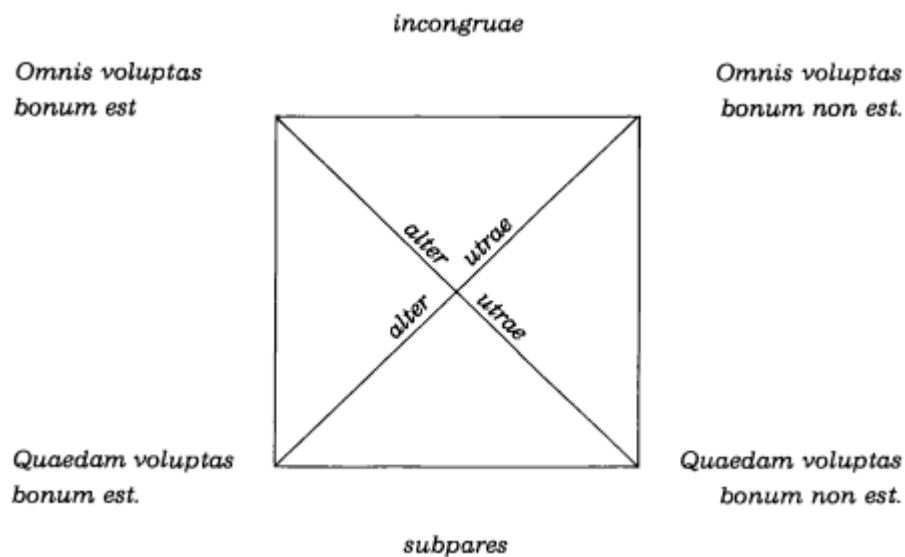
Isso demonstra como são de ordens distintas as atividades de manipular esses conceitos e a de ordená-los de modo gráfico. Ainda assim, a representação dessas duas teorias no

¹⁹ Dedução, inclusive, é uma tradução possível do termo em grego antigo *sylogismos* (ARISTÓTELES, “Prior Analytics” In: *Complete Works (Aristotle)*, 1991, trad. A. J. Jenkinson, p. 2).

²⁰ GREIMAS; RASTIER, “The interaction of semiotic constraints” In: *Yale French Studies* 1968, n.41, pp 86-105.

quadrado lhes oferece o potencial didático e estético das relações simétricas. Na tradição da lógica formal, Londey e Johanson (1987) atestam que “Esse diagrama tem sido a alimentação básica de estudantes de lógica elementar há séculos”²¹ (LONDEY; JOHANSON, 1987, p. 120, tradução nossa). Na semiótica, similarmente, o quadrado semiótico pode ter contribuído com uma melhor recepção das estruturas elementares.

Figura 4: Quadrado lógico das oposições



Fonte: (LONDEY; JOHANSON, 1987, p.110-111)

O quadrado lógico que representamos acima segue as orientações do próprio Apuleio no *Peri Hermeneias*, conforme trazidas por Londey e Johanson (1987, p. 110-11) e une proposições universais afirmativas e negativas com proposições particulares afirmativas e negativas, estabelecendo as relações de contrariedade e contraditoriedade. As relações de subcontrariedade e de subalternância, que frequentemente figuram no quadrado lógico e que estão presentes no quadrado semiótico foram acrescentadas ainda posteriormente a Apuleio, de acordo com os autores de *The Logic of Apuleius* (LONDEY; JOHANSON, 1987, p.108).

O quadrado lógico funciona como um dispositivo heurístico, no qual a partir do conhecimento da falsidade ou veracidade de uma proposição, pode-se deduzir a falsidade ou veracidade de outras. Dessa forma, sendo verdade que “todo prazer é bom”, decorre que a proposição contraditória a esse é necessariamente falsa. Do mesmo modo, a veracidade da proposição universal afirmativa exige que seja verdadeira também a particular afirmativa e que

²¹ Trecho original: “This diagram has been part of the staple fare of students of elementary logic for centuries [...]”.

seja falsa a particular negativa. A subcontrariedade, entretanto, estabelecida entre as particulares afirmativas e negativas não permite conclusões tão fortes quanto a contrariedade, hierarquicamente superior. Sendo verdade, por exemplo, que “algum prazer é bom”, não se pode, apenas a partir disso, deduzir que “todo prazer é bom”, apenas que é falso que “nenhum prazer é bom” em virtude do princípio da não-contradição.

Vemos, assim, que o quadrado lógico, enquanto dispositivo heurístico, cobre somente os princípios básicos e elementares da racionalidade e seu valor deriva justamente da formalização desse funcionamento primordial da intelectualidade. Nesse mesmo sentido, a semiótica greimasiana formulou o quadrado semiótico com o intuito de formalizar a categoria semântica, como unidade elementar do processo complexo de significação.

A elementaridade, portanto, é um âmbito de reflexão no qual a lógica formal é proficiente, e isso fez com que no paradigma estrutural da linguística a lógica tenha sido frequentemente recuperada enquanto metodologia para operacionalizar certas noções mais básicas e fundamentais da língua. O princípio saussuriano da diferença, derivado de sua afirmação de que “[...] na língua só existem diferenças” (SAUSSURE, 2006, p. 139), por sua vez, estabeleceu também uma via de aproximação entre as formulações da linguística, principalmente aquelas formulações referentes a seu nível mais geral, abstrato e simples, com a lógica.

Nikolai S. Trubetzkoy, em seu *Princípios de Fonologia*²², diz:

A ideia de diferença supõe a ideia de oposição. Duas coisas só podem ser diferenciadas uma da outra na medida em que elas se opõem uma à outra, isto é, na medida em que há entre elas uma relação de oposição. (TRUBETZKOY, 1976, p. 33, tradução nossa²³).

Essa concepção de língua como um sistema de valores enunciada por Saussure, orientou os estudiosos estruturalistas a enveredarem-se pelos estudos sobre a oposição e a reivindicarem a tradição da lógica formal enquanto uma metodologia necessária. Greimas tira desses princípios as mesmas consequências que o fonólogo, também lituano, na organização do nível elementar.

Consequentemente, uma função distintiva só pode cair sobre uma particularidade fônica na medida em que ela se opõe a uma outra particularidade fônica, isto é, apenas

²² Que utilizamos aqui na tradução francesa (TRUBETZKOY, *Principes de Phonologie*, Paris: Klincksieck, trad. J. Cantineau, 1976).

²³ Trecho original: “L’idée de différence suppose l’idée d’opposition. Deux choses ne peuvent être différenciées l’une de l’autre que dans la mesure où elles s’opposent l’une à l’autre, c’est-à-dire dans la mesure où il existe entre elles deux un rapport d’opposition”.

na medida em que é um termo de uma oposição fônica (TRUBETZKOY, 1976, p. 33, tradução nossa²⁴)

A estrutura elementar da significação desenvolvida por Greimas, sendo orientada por esses mesmos princípios, toma a estrutura elementar da fonologia de Praga como uma de suas bases e estabelece uma microestrutura linguística, organizando a elementaridade tanto fonológica quanto semântica.

2.2 Linguística estrutural e o nível fundamental

Demonstraremos neste capítulo de que forma a filiação da semiótica francesa a tradição dos estudos da linguística estrutural foi determinante para a formulação das estruturas elementares da significação na forma específica em que ela teve.

A semiótica de Algirdas Julien Greimas é uma disciplina que se insere no interior da ciência linguística. Dessa forma, muitos dos fundamentos e algumas das práticas que formam a linguística na fonética, fonologia, morfologia e sintaxe se replicam na semiótica de linha francesa. Além de ser uma disciplina que surge no quadro dos estudos linguísticos, a semiótica se desenvolve a partir do paradigma estrutural desses estudos, conforme deixa claro Greimas na quarta entrada referente ao “Estruturalismo” no *Dicionário de Semiótica* (2008): “Foi a partir do movimento estruturalista que a semiótica pôde desenvolver-se, no momento em que ela desbordava o quadro por demais estreito da linguística” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 168).

Dessa forma, Ferdinand de Saussure é uma figura de peso na tradição semiótica por ter sido aquele que organizou a linguística como disciplina científica, deixando claro seu objeto e sua extensão e formulando valiosos princípios para esse paradigma. No seu *Curso de Linguística Geral* (2006), Saussure, notadamente, oferece um vislumbre do desenvolvimento de uma disciplina como a semiótica

Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da Psicologia social, e por conseguinte, da Psicologia geral; chamá-la-emos de Semiologia (do grego semeion, “signo”). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. (SAUSSURE, 2006, p. 24).

O estudo, portanto, da língua enquanto sistema, enquanto entidade virtual capaz de gerar enunciados reais, apontava já para uma modalidade de pesquisa ampliada, na qual, além dos

²⁴ Trecho original: “Par conséquent une fonction distinctive ne peut échoir à une particularité phonique que dans la mesure où elle s’oppose à une autre particularité phonique, c’est-à-dire seulement dans la mesure où elle est un terme d’une opposition phonique”.

produtos da língua, os produtos de outros sistemas de signos como os sistemas das artes plásticas e os da música poderiam também ser analisados, para seus signos e seus funcionamentos no sistema serem mais bem compreendidos, construindo assim uma grande teoria semiótica.

Ainda outra decorrência do tratamento estrutural da língua, da sua conceitualização enquanto sistema, é a sua análise em níveis. Émile Benveniste, em seu *Problemas de linguística geral* (1976), apresenta no capítulo “Os níveis da análise linguística” essa forma de se proceder na linguística estrutural.

A noção de *nível* parece-nos essencial na determinação do procedimento de análise. Só ela é própria para fazer justiça à natureza articulada da linguagem e ao caráter *discreto* dos seus elementos; só ela pode fazer-nos reconhecer, na complexidade das formas, a arquitetura singular das partes e do todo. (BENVENISTE, 1976, p. 127, grifos do autor).

O objeto, assim, é colocado sob uma figurativização que organiza e expõe sua configuração interna, como Benveniste diz, a “noção de nível”, ou em semiótica o “semema” “nível” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 305), “faz justiça a natureza articulada da linguagem”. As unidades discretas, então, discernidas pelo olhar estrutural, se organizam em função de extensão e funcionamento na língua, formando os níveis do sistema linguístico e de sua análise. Chega-se assim as disciplinas linguísticas, como a fonética e fonologia que pesquisam as unidades mínimas do plano da expressão que não se relacionam com unidades do plano do conteúdo, como a morfologia que aborda as menores unidades da língua que apresentam função semiótica, e a sintaxe que trabalha com sintagmas e assim por diante.

Greimas e Joseph Courtés, em *Dicionário de semiótica* (2008), dedicam dez entradas para o verbete “nível”. A segunda entrada descreve a noção no quadro da linguística estrutural destacando a importância da noção para os estudos linguístico-semióticos, dizendo que “dada a complexidade das relações estruturais de um objeto semiótico, nenhuma análise seria possível, sem a distinção dos níveis de análise” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 305).

Essa herança metodológica tem duas implicações no desenvolvimento da estrutura elementar da significação na teoria greimasiana. A primeira está relacionada ao desenvolvimento do percurso gerativo de sentido. Essa ferramenta de leitura representou por muitos anos a disciplina semiótica francesa, sendo inclusive o tema central de muitos dos manuais de semiótica que trouxeram a disciplina para o Brasil (BARROS, 2005; FIORIN, 2001). Esse dispositivo corresponde ao “tronco semiótico comum” das línguas particulares, e Greimas e Courtés propõem que haja nele “a distinção entre nível semiótico (profundo) e nível

discursivo (mais superficial).” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 306). Depois dessa primeira distinção entre dois níveis, os autores discernem ainda no nível semiótico um plano de estruturas profundas, dotado de uma sintaxe e uma semântica própria e um outro plano de estruturas narrativas, possuindo também seu funcionamento descrito por uma sintaxe e uma semântica particular a esse plano (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 306).

Vemos então que a concepção da língua como um objeto articulado proposta pelo estruturalismo linguístico é endossada pela semiótica francesa, que continua a descrever a língua e seus processos como compostos por partes semelhantes e diferentes, que se articulam de um modo entre as semelhantes e, de outro, com as diferentes. O nosso objeto, então, as estruturas elementares da significação são um produto direto dessa herança estrutural. A estrutura elementar, que pode ser chamada estrutura ou de nível, de elementar, fundamental ou profundo, se trata de uma dessas instâncias na qual um conjunto de elementos de uma mesma ordem se articulam e se integram com o nível superior em direção à manifestação.

Essa compreensão geral da linguística estrutural sobre o fenômeno da linguagem, além de estar na raiz da existência de uma “estrutura elementar” na semiótica francesa, também colaborou de alguma forma para a configuração específica que a estrutura elementar assume dentro da semiótica. Vamos agora demonstrar de que forma isso se deu.

Como dissemos anteriormente, a divisão da língua numa estrutura composta por níveis estabeleceu as áreas de investigação das disciplinas linguísticas. E, inicialmente, sabe-se que os linguistas, independentemente da extensão de seu objeto, passavam apenas superficialmente sobre o plano do conteúdo. O distanciamento dessa metade da moeda semiótica se deveu a dificuldades na definição e no tratamento metodológico do conteúdo enquanto objeto científico.

Greimas aborda esse tema no texto intitulado “Uma parente pobre: a semântica” presente na *Semântica Estrutural* (1975) entre as páginas 12 e 14. Nesse texto, o semioticista apresenta duas tensões que perpassam o desenvolvimento da semiótica como um todo, mas também que perpassam o desenvolvimento daquilo que nos interessa mais nesse estudo, as estruturas elementares da significação.

Inicialmente, Greimas atribui a uma “onda de formalismo” (GREIMAS, 1975, p. 13) um dos fatores que levaram os linguistas ao esquecimento “patente e voluntário” da semântica. Não obstante, na página seguinte o autor ressalta a “necessidade de formalização”. Essa tensão entre o formalismo e a formalização será abordada nesse trabalho novamente na seção seguinte deste mesmo capítulo.

Enquanto o formalismo, por um lado, atrasou os estudos do significado e do plano do conteúdo, por esvaziar as formas linguísticas de seu sentido, esperando assim garantir a cientificidade do objeto através de modelos formais, a própria semiótica foi em dado momento criticada nesses mesmos termos. Greimas na segunda entrada do lexema “Formalismo” apresenta essa questão.

O termo formalismo torna-se francamente pejorativo quando qualifica as pesquisas realizadas nas ciências humanas que utilizam, no seu instrumental metodológico, procedimentos formais. Assim, a semiótica é acusada frequentemente de ser formalista e de “desumanizar” o objeto de suas pesquisas: na verdade, hoje ela ainda não chega a formalizar suas análises e não se encontra senão em um estágio de pré-formalização (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 195).

A outra tensão que destacamos, que está relacionada com a primeira, é entre a lógica e as ciências humanas, que pode ser pensada também como sendo uma tensão entre a formalização e as ciências humanas, uma vez que foi através dos métodos da lógica que a linguística estrutural se formalizou.

Voltando a “Uma parente pobre: a semântica”, Greimas encerra o pequeno texto apontando a essa tensão,

[...] se lhe parece evidente que sem o auxílio da lógica matemática, e da lógica simplesmente, a semântica só pode permanecer na contemplação de seus próprios conceitos gerais, do mesmo modo, ele [o autor] tem consciência de que uma iniciação semântica que não vise as ciências humanas e, em plena reviravolta, as ultrapasse, permanecerá, por muito tempo, como prática de igrejinha. (GREIMAS, 1975, p. 14).

O atraso, enfim, da semântica, deu às disciplinas do plano da expressão uma vantagem comparativa no desenvolvimento de seus conceitos e métodos. O Círculo Linguístico de Praga, com Roman Jakobson e Nikolai Trubetzkoy, ao longo dos anos de 1920 e final dos anos 1930, fizeram avanços substantivos na definição do objeto da fonologia, na descrição e organização dos sistemas fonéticos e fonológicos de línguas europeias, chegando até a exportar seus métodos para a antropologia estrutural francesa de Lévi-Strauss²⁵.

Dessa forma, quando a semântica veio a ser desenvolvida, as outras disciplinas do plano da expressão em linguística, já possuíam bases sólidas e avançadas. Isso permitiu que o estudo do plano do conteúdo se inspirasse nas conquistas obtidas por certos procedimentos do estudo do plano da expressão.

²⁵ (LÉVI-STRAUSS. “A análise estrutural em linguística e antropologia” *In: Antropologia Estrutural*, 2017, p. 43-66).

O nível fundamental, portanto, da semiótica greimasiana, recebe o exemplo do nível fonético e fonológico do plano da expressão, de forma que, além de dar a origem do nível fundamental, a linguística estrutural e sua noção de nível deu a estrutura elementar da significação um exemplo de organização interna da elementaridade linguística.

Essa associação entre plano da expressão e plano do conteúdo, do ponto de vista de sua organização interna, não veio inicialmente de Greimas, mas sim de outro grande influenciador de sua teoria e figura importante para o paradigma estruturalista, Louis Hjelmslev. Entramos assim, em outro tópico importante para o assunto da influência da linguística estrutural no desenvolvimento da estrutura elementar da significação: o isomorfismo entre os planos da linguagem.

A hipótese de que os planos da linguagem se organizam de forma análoga nos dois lados da função semiótica foi enunciada por Hjelmslev nos *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* (1975) e no texto intitulado “Pour une sémantique structurale”, presente no livro *Essais Linguistiques* (1959).

Nos *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* (1975), Hjelmslev ao abordar a “Expressão e conteúdo” (p. 53-64) dá um primeiro passo no sentido de sustentar essa posição. O autor faz isso demonstrando a relação de solidariedade existente entre a função semiótica e seus funtivos, expressão e conteúdo.

A função semiótica é, em si mesma, uma solidariedade: expressão e conteúdo são solidários e um pressupõe necessariamente o outro. Uma expressão só é expressão porque é a expressão de um conteúdo, e um conteúdo só é conteúdo porque é conteúdo de uma expressão. (HJELMSLEV, 1975, p. 54)

Essa posição de pressuposição mútua entre os planos da linguagem permite concebê-los como grandezas de uma mesma natureza, e, portanto, de uma configuração interna análoga.

Uma vez realizada, a análise mostra além do mais que o plano da expressão e o do conteúdo podem ser descritos, exhaustivamente e não-contraditoriamente, como construídos de **modo inteiramente análogo**, de modo que se pode prever nos dois planos categorias definidas de **modo inteiramente idêntico**. Isso só fará confirmar novamente a correção da concepção segundo a qual expressão e conteúdo são grandezas da mesma ordem, iguais sob todos os aspectos (HJELMSLEV, 1975, p. 63, grifos nossos).

O resultado prático dessa concepção sobre o fenômeno da linguagem se dá no capítulo seguinte, “Invariantes e variantes” (HJELMSLEV, 1975, p. 65-78), bem como, no já mencionado “Pour une sémantique structurale” (HJELMSLEV, 1959, p. 96-112). Trata-se da eleição do método da comutação para a análise do nível fundamental do plano do conteúdo.

A comutação é definida por Hjelmslev como sendo uma “[...] correlação que contrai uma relação com uma correlação do plano oposto da língua.” (HJELMSLEV, 1959, p. 103, tradução nossa²⁶). A função da comutação foi inicialmente desenvolvida no Círculo Linguístico de Praga por N. S. Trubetzkoy para o estudo do plano da expressão. Com o exercício de substituição de fonemas e a verificação de um efeito subsequente no plano do conteúdo, se discernia quais fonemas tinham função distintiva no sistema. A proposta hjelmsleviana era que usando o mesmo método poderia se chegar nas unidades distintivas mínimas do plano do conteúdo.

O plano do conteúdo, portanto, teria o seu nível mais elementar, de unidades de menor extensão do sistema, composto de termos que se diferenciam entre si e que pela sua combinação viriam a formar unidades maiores que comporiam os signos, da mesma forma que os fonemas ao serem selecionados ao longo da cadeia da fala formam unidades maiores que vêm a compor os significantes.

Enquanto essa proposta de análise da significação tenha sido considerada inadequada, por ser “atomista” (FONTANILLE, 1999) e privilegiar os termos em detrimento dos conjuntos de relações que se estabelecem entre eles e de fato formam o processo de significação²⁷, o princípio que levou a formulação dessa proposta, a hipótese da isomorfia entre os planos da linguagem, persistiu na teorização de Greimas e na sua semiótica.

As estruturas elementares da significação, que representam o nível mais fundamental, geral e abstrato do percurso gerativo de sentido, tiveram sua formulação inspiradas pela organização dos sistemas fonológicos de Roman Jakobson. As formas oposicionais que Jakobson reconhece entre os traços diferenciais servem de exemplo e de base para Greimas definir em sua semiótica os modos de existência das articulações sêmicas. Arild Utaker nos auxilia a compreender melhor esses dois tipos distintos de oposição que Greimas demonstra na página 33 da *Sémantique Structurale* (1966), uma vez que o próprio autor não vem a dar nomes a esses tipos oposicionais nem a discorrer sobre o que os torna diferentes. No artigo “On the binary opposition” (1974), Utaker nos explica que para Jakobson existem dois tipos de

²⁶ Trecho original: “[...] corrélation qui contracte une relation avec une corrélation du plan opposé de la langue.” (HJELMSLEV, 1959, p. 103).

²⁷ “De fato, uma vez que se convencionou que os termos objetos sozinhos não comportam significação, é ao nível das estruturas que é necessário procurar as unidades significativas elementares, e não ao nível dos elementos.” (GREIMAS, 1966, p.30).

oposições binárias capazes de organizar todas as diferenças existentes entre os fonemas e nos traz um excerto de Jakobson em que esses tipos de oposições são abordados.

O ouvinte é obrigado a escolher entre **duas qualidades polares da mesma categoria**, tais quais grave vs. agudo, compacto vs. difuso, **ou entre a presença e ausência de uma certa qualidade**, tais quais vozeado vs. não-vozeado, nasalizado vs. não-nasalizado, forte vs. não forte (JAKOBSON, 1952, p.3 **apud** UTAKER, 1974, p. 74, tradução e grifos nossos²⁸)

Vimos na seção anterior deste capítulo que as oposições entre termos de qualidades polares são denominadas oposições de contrariedade, bem como as oposições entre um termo e sua negação são denominadas oposições de contraditoriedade, é, portanto, com a contrariedade e com a contradição que Jakobson contribui com a primeira formulação da estrutura elementar da significação.

Não obstante, Viggo Brøndal também figurou nessa primeira formulação com sua “axiomática das estruturas elementares”, oferecendo outros dois tipos de termos, alocados entre a relação de contrariedade, eles são definidos por serem nem um termo polar nem o outro, no primeiro tipo, chamado de “neutro”, e por serem tanto um quanto o outro, no segundo tipo, denominado “complexo” (GREIMAS, 1966, p. 34).

É digno de nota que, com esses conjuntos de termos e de relações, o quadrado semiótico já estava latente na teoria semiótica, com todas suas peças formuladas, entretanto, o *insight* que levaria a organização geométrica das estruturas elementares no modelo constituinte não se fez presente, assim como fora com Aristóteles e a primeira organização geométrica no quadrado lógico de sua teoria oposicional, que aconteceu somente posteriormente com Lucius Apuleio.

Demonstramos então, como a noção de nível oriunda da linguística estrutural foi determinante de duas formas para a concepção da estrutura elementar da significação na semiótica greimasiana. Primeiramente, em razão da estrutura elementar se tratar de um desses níveis que compõem o sistema linguístico no plano do conteúdo. Posteriormente, por estabelecer um nível correlato no plano oposto da língua, que a partir da hipótese do isomorfismo entre os planos da linguagem se torna um exemplo, de forma que a organização e funcionamento interior desses níveis elementares devem ser análogos.

²⁸ Trecho original: “The listener is obliged to choose either between two polar qualities of the same category, such as grave vs. acute, compact vs. diffuse, or between the presence and absence of a certain quality, such as voiced vs. unvoiced, nasalized vs. non-nasalized, sharpened vs. non-sharpened”.

2.3 Algirdas Julien Greimas e a semiótica francesa

Estando demonstradas as principais ideias precursoras das estruturas elementares da significação e estabelecidas as tradições nas quais eles se inserem, entraremos agora na descrição do percurso de desenvolvimento dessas estruturas na obra greimasiana. Com o foco na imanência, extrairemos das obras selecionadas os estágios de desenvolvimento que elas apresentam para que possamos apontar as continuidades e discontinuidades. Essa atividade nos permitirá também perceber as tendências que se delineiam na teorização das estruturas elementares, assim como na semiótica francesa como um todo, uma vez que uma teoria e seus conceitos não são entidades autônomas.

2.3.1 *Sémantique structurale* (1966)

Nessa obra seminal, tida pela comunidade semiótica como o discurso fundador da disciplina semiótica de linha francesa, Greimas, de modo programático, estabelece as bases e as linhas de investigação de uma semiótica estrutural e com um plano de fundo linguístico. Um dos intuitos predominantes no livro é o desenvolvimento de uma metalinguagem que seja capaz de descrever os modos de existência e de presença²⁹ das estruturas de significação. Nesse sentido, as estruturas elementares têm, nesta obra, uma primeira elaboração que se cristalizou quase que integralmente na teoria semiótica, como um conjunto dessa metalinguagem descritiva, construída para a descrição de determinados objetos linguísticos e sobre uma linguagem metodológica e epistemológica explícitas, formando assim, a própria teoria semiótica greimasiana, uma semiótica científica segundo a definição de Hjelmslev.

Como demonstramos, a estrutura elementar da significação deve muito de sua formulação ao princípio da diferença enunciado por Saussure. Greimas apesar de não enunciar esse fato explicitamente, ressalta o “caráter revolucionário” (1975, p. 27) da famosa afirmação saussuriana de que na língua há somente diferenças. Para então descrever e tornar operatória a noção de diferença no nível fundamental da significação, Greimas recorre aos modos de existência já formalizados da fonologia estrutural e da axiomática das estruturas elementares de Brøndal.

²⁹ “Modo de existência” se refere a organização dos elementos no sistema enquanto “modo de presença” se refere a organização e funcionamento dos elementos na manifestação discursiva.

Resulta então deste fazer, uma estrutura elementar composta de “termos-objeto” que são denominados “semas”, na esteira dos “traços distintivos” de Jakobson e dos “elementos diferenciais” de Saussure. Esses “semas”, entretanto, são apenas pontos de interseção da relação que há entre eles, pois, na teoria semiótica e estrutural, como um todo, a relação é hierarquicamente superior aos termos, de modo que Greimas batiza com o nome de estrutura elementar a relação que simultaneamente “conjunta” e “disjunta”³⁰ os termos, como a seguir, “Designaremos com o nome de estrutura elementar tal tipo de relação” (GREIMAS, 1975, p. 30). A partir disso, Greimas recupera as formas oposicionais dos autores estruturalistas mencionados, mas é de se notar como o semioticista, apesar de descrever e demonstrar esses modos de oposição raramente os nominaliza. A breve tipologia dessas relações na *Sémantique Structurale* (1966), portanto, é uma parte da estrutura elementar que não persiste na teoria. Recuperaremos essa questão no capítulo seguinte, quando abordamos o texto de 1968 que traz para a teoria semiótica uma tipologia mais coesa.

Não obstante, Greimas apresenta nessa obra uma microestrutura composta já, potencialmente, de seis termos chamada de estrutura elementar e que constitui o modo de existência de uma categoria. Quanto às relações, Greimas oferece à relação que é simultaneamente conjuntiva e disjuntiva o nome de “relação antonímica”, e para a relação que se estabelece entre os semas e a categoria sêmica inteira é reservado o nome de “relação hiponímica” (GREIMAS, 1966, p. 40).

No que se refere à metalinguagem descritiva das estruturas elementares na *Sémantique Structurale* (1966), esses poucos conceitos definidos constituem a totalidade da noção. A partir de então, nos dedicaremos a expor as interações desse nível de teorização com os níveis do objeto, da metodologia e da epistemologia para precisar a posição e a função dessa noção no interior da teoria, bem como identificar tendências ou conflitos no interior da teoria em relação a estrutura elementar.

Começaremos pelo nível epistemológico, que é o mais profundo, por duas razões. A primeira é que Greimas o estabelece logo no começo da *Sémantique Structurale* (1966), e a segunda é que o autor geralmente é reservado nas considerações acerca das questões filosóficas maiores que escapam à área de investigação da semiótica. Frequentemente, Greimas indica

³⁰ “Conjuntiva” aqui é a relação de semelhança e “disjuntiva” é a relação de diferença, ambas entram em jogo simultaneamente na estrutura elementar, pois a relação necessita de uma “base de semelhança” sobre a qual estabeleça a diferença.

cautela na abordagem desses temas no interior da semiótica, deste modo, ele é direto quanto às filiações epistemológicas para não se deter no assunto.

A “primeira escolha epistemológica” greimasiana é a filiação de sua semiótica aos postulados da fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty. Greimas ainda apresenta essa teoria como integrando o clima de opinião das ciências humanas do século XX. Com isso, se estabelece “a percepção como lugar não linguístico onde se situa a significação” (GREIMAS, 1975, p. 15). Efetivamente, não decorrem desse posicionamento grandes consequências para as primeiras formulações da estrutura elementar. Inicialmente, se estabelece um ponto de partida para o estudo da significação

A única forma de focalizar, atualmente, o problema da significação consiste em afirmar a existência de discontinuidades no plano da percepção, e dos espaços diferenciais (como o fez Lévi-Strauss), criadores de significação, sem se preocupar com a natureza das diferenças percebidas (GREIMAS, 1975, p. 27)

Como se vê, o autor parte da percepção para chegar às diferenças, ao invés de já partir da afirmação saussuriana. A filiação a fenomenologia de Merleau-Ponty e a eleição da percepção como ponto de partida para o estudo sobre a significação também oferece ao quadro das estruturas elementares uma categoria proprioceptiva importante que se projeta sobre as oposições fundamentais. Trata-se da categoria “euforia vs. disforia”. No discurso fundador, Greimas diz o seguinte a respeito desse par, “Diríamos que tudo se passa como se, ao nível da percepção onde situamos essas figuras, uma categoria *subjetiva, proprioceptiva*, viesse a seu encontro para binarizá-las numa espécie de *a priori* integrado na própria percepção” (GREIMAS, 1975, p. 116, grifos do autor).

A categoria da “foria”, que compreende o eufórico e o disfórico, é alocada no nível da percepção e é entendida como imposição dela. Em uma dada unidade discursiva, em que se pode discernir uma estrutura elementar que mobilize o percurso de significação, como por exemplo “vida vs. morte”, essa categoria perceptiva é projetada sobre a primeira e torna um termo da oposição eufórico e o outro disfórico. Como tudo em semiótica, a projeção dessa categoria é arbitrária e não motivada, de modo que vida não é necessariamente “eufórica”, embora geralmente seja, o que vai determinar a forma da projeção de uma categoria sobre a outra é a organização da unidade discursiva em questão.

São esses os dois pontos nos quais a filiação com a fenomenologia teve algum impacto ou relação, nessa primeira etapa de formulação da estrutura elementar. Integramos no nível epistemológico, ainda, algumas outras noções explicitadas também pelo próprio Greimas. Essas

noções fazem parte do “inventário epistemológico dos postulados não analisados” (GREIMAS, 1966, p. 28). Os conceitos que integram o desenvolvimento da metalinguagem descritiva, mas que pertencem a outras disciplinas ou que estão em um nível de reflexão que não é o da semiótica são categorizados por Greimas como pertencendo a esse inventário. No quadro das estruturas elementares estão elencados os conceitos de “continuidade”, “descontinuidade”, “presença”, “simultaneidade” e “identidade”.

Enquanto esses conceitos em si não representam algo de relevante para nossa historiografia, o fato deles existirem representa algo digno de se levar em consideração. O cuidado do semioticista ao construir seu edifício teórico, expondo a forma sistemática de sua organização interna e explicitando o lugar específico das noções que aborda nessa estrutura demonstra, além do rigor científico, que a teoria é construída ela mesma como uma semiótica, ou seja, uma estrutura, composta de níveis que se integram. A teoria, portanto, espelha seu objeto e é construída em bases análogas àquelas do objeto que descreve.

Direcionando a atenção agora para nível do objeto da teoria, destacaremos o funcionamento da estrutura elementar no nível dos lexemas e das narrativas. Na *Sémantique Structurale* (1966), Greimas alerta que descrição semântica e o modo de funcionamento das estruturas de significação na manifestação discursiva, ou seja, no interior do lexema, não são mais isomorfas à descrição fonológica e à manifestação dos fonemas.

É preciso inicialmente constatar a ausência de isomorfia entre os dois planos, do significante e do significado; as unidades de comunicação dos dois planos não são equidimensionais. Não é um fonema que corresponde a um lexema, mas sim uma combinação de fonemas. A análise dos dois planos deve, pois, ser conduzida, embora pelos mesmos métodos, separadamente, e deverá visar ao estabelecimento da existência de *femas* para o significante, e de *semas* para o significado, unidades mínimas dos dois planos da linguagem. (GREIMAS, 1975, p. 42-43, grifos do autor).

Nessa passagem temos duas discordâncias com Greimas, a primeira por reduzir o conceito de “forma” presente no conceito de “isomorfia” a extensão dos objetos. Ele próprio diz que os métodos de investigação são os mesmos, e isso pressupõe uma forma organizacional semelhante entre esses objetos que os tornam isomorfos. a segunda discordância é pelo autor estabelecer o “sema” como unidade mínima do significado, quando a algumas páginas atrás é estabelecido que “é ao nível da estrutura que é necessário procurar as unidades significativas elementares, e não ao nível dos elementos” (GREIMAS, 1966, p. 30). A definição de isomorfismo no *Dicionário de Semiótica* corrobora a inconsistência do uso do termo na passagem destacada da *Sémantique Structurale* (1966):

É evidente que tal isomorfismo não leva em consideração as dimensões das unidades do plano dos signos, no interior dos quais as estruturas da expressão e do conteúdo se realizam no momento da manifestação (o formante de um semema é geralmente constituído de vários fonemas) (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 245).

A parte essas questões, na *Sémantique Structurale* (1966) são desenvolvidos, no âmbito da análise lexical, sistemas sêmicos que articulam diversas estruturas elementares, hierarquizando-as.

Figura 5: Sistema sêmico da espacialidade



Fonte: (GREIMAS, 1966, p. 46)

É preciso destacar, que os semas e as categorias sêmicas presentes nesse sistema constituem uma metalinguagem e não equivalem aos lexemas utilizados para representá-los. A manifestação efetiva de um lexema se dá pela reunião de algumas dessas categorias. Uma tabela que segue a exposição do sistema sêmico da espacialidade demonstra a reunião de algumas dessas categorias na manifestação lexical:

Figura 6: Manifestação lexemática e sistemas sêmicos

SEMAS LEXEMAS	espacia- lidade	dimensio- nalidade	vertica- lidade	horizon- talidade	perspec- tividade	latera- lidade
{ <i>haut</i>	+	+	+	-	-	-
{ <i>bas</i>	+	+	+	-	-	-
{ <i>long</i>	+	+	-	+	+	-
{ <i>court</i>	+	+	-	+	+	-
{ <i>large</i>	+	+	-	+	-	+
{ <i>étroit</i>	+	+	-	+	-	+
{ <i>vaste</i>	+	-				
{ <i>épais</i>	+	-				

Fonte: (GREIMAS, 1966, p. 48)

Esses sistemas, que descrevem o modo de existência das estruturas elementares no interior do sistema lexical são apresentados de modo programático, o autor não visa a exaustão, mas sim a proposição de uma forma de se proceder nesse campo. Entretanto, o projeto da descrição completa desses sistemas não é levado adiante na semiótica em virtude do amplo espaço que o estudo da narrativa tomou na teoria. Desse modo, as estruturas elementares que possuem protagonismo nesse nível de análise, por se tratar de um nível mais próximo da elementaridade, perderam um campo de aplicação e investigação na semiótica, que como dissemos, não se deteve nos lexemas enquanto objeto.

Agora, nas semióticas de maior dimensão, como as narrativas e o discurso, a estrutura elementar divide o palco da análise com outros níveis e ferramentas de descrição e generalização. Tomaremos como exemplo do funcionamento da estrutura elementar a amostra de descrição do “universo de Bernanos” para precisar a posição desse nível semiótico na análise discursiva. A escolha do objeto aqui, ultrapassa a extensão do narrativo, uma vez que o “universo” aqui é entendido como um conjunto discursivo produzido por um mesmo autor. Independente disso, esse sistema mais amplo funciona de modo satisfatório aos nossos interesses.

A apresentação da estrutura elementar nessa amostra de descrição demonstra como num objeto mais extenso, entram em jogo no nível fundamental outros elementos que com objetos mais simples são dispensáveis, complexificando a estrutura elementar de acordo com a complexificação do objeto descrito. A categoria, então, que manifesta a isotopia escolhida é dada como “ $E = (V+M)$ ” (GREIMAS, 1975, p. 292). Composta pelos termos “vida” e “morte”, a categoria da “existência humana” é considerada no universo em análise como precariamente equilibrada, pendendo ora para um termo, ora para o outro. Desse modo, essa oposição apresenta duas variações, uma delas o termo dominante é a vida “ $E^1 = (V + m)$ ” e na outra variação a dominância recai sobre a “morte” “ $E^2 = (v + M)$ ”.

Além da notação simbólica que marca com maiúsculas os termos dominantes e com minúsculas os termos dominados, temos como novidade a hierarquização de duas manifestações de estruturas elementares sob uma superior, mais geral. Essa articulação complexa de estruturas estabelece uma primeira manifestação de uma sintaxe elementar, relacionada à alternância no universo particular de dominâncias de termos opostos, agenciada, por sua vez, por uma outra estrutura elementar composta pela oposição “dominado vs. dominante”. Há assim, na descrição de objetos complexos uma complexificação do que é

elementar, em razão de sobreposições estruturais e, de certo modo, de um sincretismo categorial. Indo no mesmo sentido dessas correlações de estruturas, entra em cena o “algoritmo dialético” (GREIMAS, 1975, p. 325). Essa noção atribui um caráter temporal à estrutura elementar colocando “asserção” e “denegação” como operações sucessivas e, assim, dinamizando o modo de presença dessas estruturas no discurso, formando também uma sintaxe que é conhecida na *Sémantique Structurale* (1966) como modelo transformacional.

Partindo agora para o nível imanente da metodologia, devemos apontar duas questões principais para o esclarecimento da posição da estrutura elementar na economia da teoria semiótica. A primeira questão já abordamos, em certa medida, e voltaremos ainda a elaborá-la, trata-se do papel da lógica na formulação e organização da metalinguagem do nosso objeto. Há, claramente, uma carência de reflexão em torno dos modos de oposição em virtude desses conhecimentos presentes na *Sémantique Structurale* (1966) virem, principalmente, dos trabalhos de Jakobson e Brøndal. Dessa forma, algumas questões terminológicas que futuramente serão resolvidas são apresentadas no discurso fundador ainda sem definição e notação simbólicas claras. A segunda questão que temos que demonstrar é como a estrutura elementar é utilizada também como ferramenta metodológica para a organização de outras metalinguagens descritivas da semiótica e o modelo atuacional é um excelente exemplo de como isso acontece. Consequentemente, tomaremos ele para a demonstração, mas essa prática organizadora se dá ao longo de quase toda a *Sémantique Structurale* (1966).

O modelo atuacional, concebido para ser um inventário reduzido de atuantes e geral o bastante para ser capaz de descrever potencialmente qualquer universo semântico, é importado da obra *Morfologia do Conto Popular Russo* (1983) de Vladimir Propp e do livro *As duzentas mil situações dramáticas* (1993) de Étienne Souriau. Desde sua importação até sua integração à teoria semiótica, os modelos apresentados por esses autores passam por uma generalização e reorganização para se tornarem mais limitados e gerais e, assim, mais eficientes. Esses processos se dão pela redução e reunião em categorias atuacionais, construídas por relações opositivas.

Desse modo, Greimas forma três categorias atuacionais, totalizando seis termos de atuantes. Como estamos agora no âmbito da categoria fica, de certo modo, claro o papel metodológico da estrutura elementar na formulação do nível semiótico e a dupla função do nosso objeto na teoria, de descrever o plano do conteúdo e de desenvolver outras metalinguagens descritivas do conteúdo. Há, assim, a categoria atuacional “‘Sujeito’ vs.

‘Objeto’”; “‘Destinador vs. ‘Destinatário’”; “‘Adjuvante’ vs. ‘Oponente’” (GREIMAS, 1975, p. 230-233).

Essa ocorrência vai no sentido de demonstrar como há um espelhamento da teoria semiótica e seu objeto, os sistemas semióticos. O modo de organização fundamental, portanto, de tais sistemas, a estrutura elementar, seja da significação ou da expressão, organiza também a teoria que descreve e se constrói por oposições fundamentais.

2.3.2 “The interaction of semiotic constraints” (1968) e Dicionário de Semiótica (1979)

Começaremos, então, a descrição do que entendemos como um novo estágio de desenvolvimento das estruturas elementares. O período escolhido, a partir dos textos apontados, representa a introdução de novos elementos de descrição e sua cristalização na teoria semiótica com a integração ao *Sémiotique* (GREIMAS; COURTÉS, 1979). Deter-nos-emos ainda nas categorias dos níveis lógicos de linguagem para avaliar as diferenças desse estágio com o anterior, verificaremos as tendências do fazer teórico e identificaremos as continuidades e descontinuidades.

O texto “The interaction of semiotic constraints” foi produzido em coautoria por Greimas e François Rastier. Publicado na Revista norte americana *Yale French Studies*, o artigo é o que apresenta pela primeira vez o quadrado semiótico³¹, e junto com o quadrado, uma série de novas relações estabelecidas no interior da categoria elementar.

Inicialmente, é possível ver como há uma reorganização da notação simbólica dos termos em conjunto com uma precisão maior das relações que os estabelecem. Na *Sémantique Structurale* (1966), os termos contrários eram notados como “s vs. não s”. A utilização da partícula de negação “não” é confusa, se não errada, pois ela mobiliza a relação entre os termos contraditórios. Em virtude disso, os termos contrários passam a ser marcados como “s1 vs. s2”. Esse ajuste que poderia se dar então com os termos contraditórios não acontece, e, ao invés de serem marcados como “não s1”, continuam como “-s1”, com o sinal gráfico podendo ir em cima do termo.

³¹ Essa afirmação é verdadeira para textos greimasianos, pois um quadrado semiótico já havia sido organizado por Claude Chabrol no ano anterior. (CHABROL; “Structures Intellectuelles” In: *Social Science Information*, 1967, v. 5, pp. 205-209).

A nova notação simbólica é proposta por Claude Chabrol (1967) e aceita por Greimas e Rastier, entretanto, eventualmente, a antiga notação herdada dos escritos de Jakobson e replicada na *Sémantique Structurale* (1966) ainda é utilizada no *Sémiotique* (1979) em momentos específicos que faz referência a essa herança.

As relações estabelecidas no quadro da estrutura elementar também passam por uma revisão e recebem maior clareza na sua tipologia. As relações entre “s1” e “s2” com “S”, e de “-s1” e “-s2” com “-S” são definidas como “hierárquicas”, enquanto as relações de contrariedade, contradição e implicação são definidas como “categóricas”. As relações de contrariedade são aquelas presentes entre “s1” e “s2”, e entre “-s1” e “-s2”, embora essa segunda possa ser definida também como subcontrariedade. As de contradição ocorrem entre os termos e sua negação, portanto, entre “S” e “-S”, “s1” e “-s1”, “s2” e “-s2”. As de implicação, ou complementaridade se dão entre “s1” e “-s2” e entre “s2” e “-s1”. Esse tipo de relação possui um sentido único, de forma que o termo negativo implica no positivo, mas não o inverso. Organizamos uma tabela para a melhor visualização dessa tipologia.

Tabela 5: Tipologia das relações contidas no quadrado semiótico

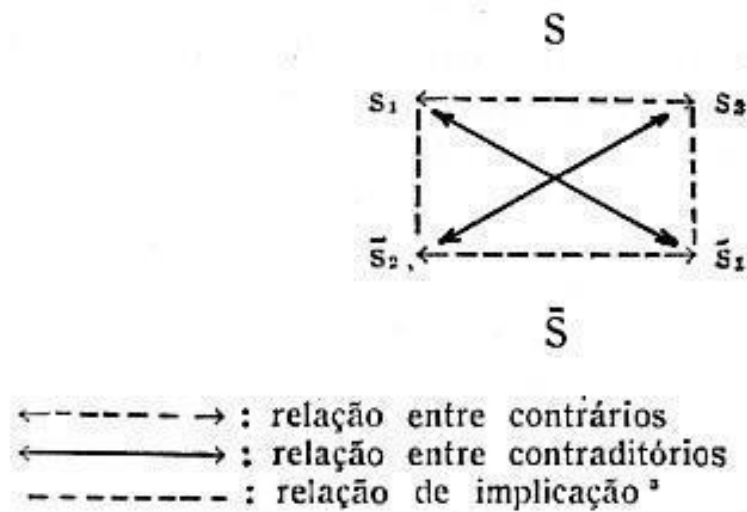
Relações hierárquicas	S com s1 e s2; -S com -s1 e -s2
Relações categóricas	Todas relações abaixo
Relações de contrariedade	$s1 \leftrightarrow s2$; $-s1 \leftrightarrow -s2$
Relações de contraditoriedade	$S \leftrightarrow -S$; $s1 \leftrightarrow -s1$; $s2 \leftrightarrow -s2$.
Relações de implicação	$-s1 \rightarrow s2$; $-s2 \rightarrow s1$

Fonte: Elaboração própria

Além dessa tipologia das relações, fundada sobre uma definição mais clara de seu funcionamento, os autores elaboram uma tipologia das “dimensões” do quadrado semiótico. Há, assim, no modelo constituinte dois “eixos”, dois “esquemas” e duas “dêixis”³². Os eixos são compostos por “S”, definido como “s1 + s2” e “-S”, definido por “-s1 + -s2”, os esquemas por “s1 + -s1” e “s2 + -s1” e as dêixis pela relação implicativa entre “s1 + -s2” e “s2 + -s1”.

³² De acordo com a tradução presente em GREIMAS, RASTIER. “O jogo de restrições semióticas” In: *Sobre o Sentido: Ensaio semióticos*. Petrópolis: Vozes, 1975, trad. Ana Cristina Cruz Cesar, pp. 126-143.

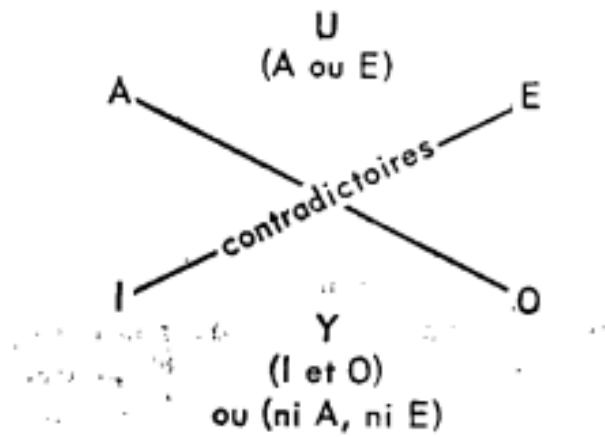
Figura 7: Quadrado semiótico



Fonte: (GREIMAS, RASTIER, 1975, p. 127)

Desse modo, o quadrado semiótico entra na teoria greimasiana acompanhado de uma metalinguagem descritiva mais rica e precisa em suas definições. Esse avanço no nível da metalinguagem descritiva está correlacionado com um aprimoramento no nível de reflexão que o formula, o nível metodológico. A lógica, que é mencionada na *Sémantique Structurale* (1966) enquanto disciplina, não é efetivamente empregada com sua longa tradição de descrição de relações elementares em 1966, pois Greimas utiliza, como já foi dito, as relações estruturais de Jakobson e Brøndal. Claude Chabrol é, nesse sentido, a primeira pessoa a fazer a ponte entre a teoria semiótica e a metodologia da lógica ao apresentar para Greimas o livro de Robert Blanché, *Estruturas Intelectuais* (2012[1967]). Nessa obra, Blanché moderniza a lógica clássica ao generalizar e ampliar o quadrado lógico no modelo do hexágono lógico. Desse modo, o modelo de Apuleio, que operava proposições, passa a operar conceitos, e suas quatro posições se tornam seis.

Figura 8: Hexágono lógico

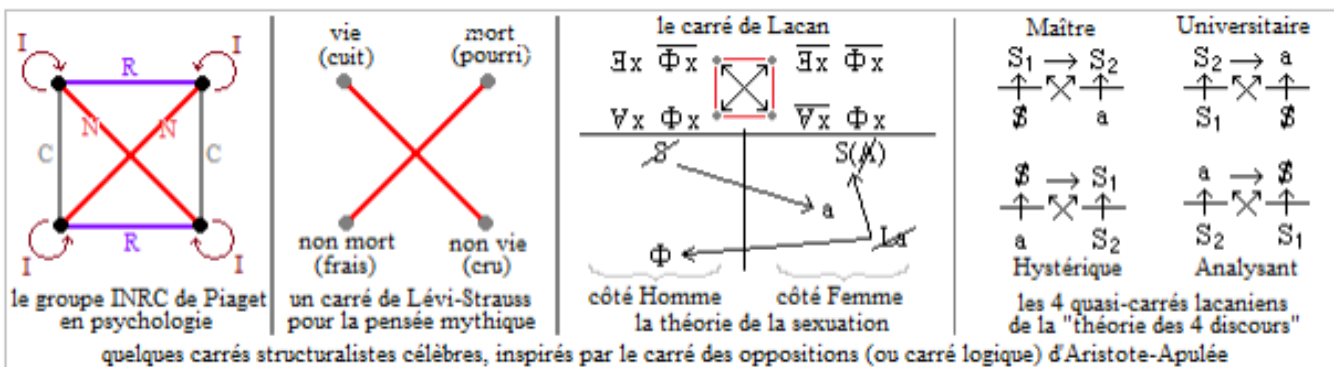


Fonte: (CHABROL, 1967, p. 207)

A exposição de Greimas e a incorporação na teoria da tipologia das relações devem ser consideradas como uma maior asserção do papel da lógica na metodologia semiótica, principalmente no quadro da estrutura elementar. No *Dicionário de Semiótica* (2008, p. 163), os autores afirmam que “O conceito de estrutura elementar só pode tornar-se operatório se submetido a uma interpretação e a uma formulação lógicas”. Portanto, essa metodologia que já estava presente anteriormente é ampliada nesse novo estágio de desenvolvimento.

Além do hexágono de Blanché, o quadrado semiótico é declarado por Greimas e Rastier isomorfo a algumas outras estruturas contemporâneas, embora essas outras estruturas não sejam referenciadas de forma tão direta como o hexágono. Reproduziremos uma imagem na qual o lógico Alessio Moretti colocou sistemas estruturais homólogos, lado a lado para demonstrar a semelhança entre eles.

Figura 9: Quadrados estruturalistas



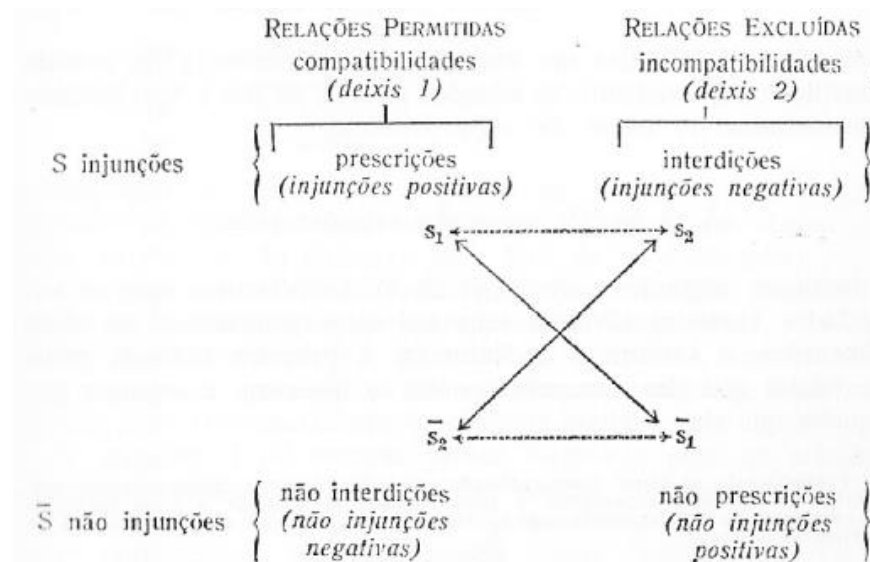
Fonte: (MORETTI, A. 2014, p. 6)

A recorrência desse modelo une a psicologia, a antropologia, a psicanálise, a matemática e a lógica naquilo que o pensamento estrutural possui de mais elementar, a definição e

organização básica de uma estrutura. Desse modo, o gesto de apropriação da metodologia da lógica é também uma adequação aos estudos estruturalistas que em alguma medida integravam essa mesma forma de se proceder.

A amplitude de aplicações do modelo converge com os interesses também expansivos da semiótica no que se refere ao nível do objeto da teoria. O artigo de 1968 é apresentado como tendo interesse “amplamente antropológico” (GREIMAS, RASTIER, 1968, p. 86, tradução nossa³³), e os revestimentos que os autores fazem sobre quadrado são diversos, como as relações sexuais na sociedade francesa tradicional.

Figura 10: O modelo social das relações sexuais



Fonte: (GREIMAS, RASTIER, 1975, p. 131)

Constrói-se, desse modo, uma estrutura simples e ampla o suficiente para ser aplicada nos domínios dos lexemas, dos universos literários, antropológicos e de todas as outros conjuntos significativos, que se fundamentem no nível mais elementar pela diferença e relações intracategoriais, sistemas semióticos, enfim.

No nível da epistemologia, verificamos que a presença da fenomenologia só se dá no momento anterior à teorização. Ela continua determinando a percepção como lugar não linguístico onde se dá a significação, mas não decorre disso uma metodologia própria para a formulação das estruturas elementares nem algum efeito sobre os mais diversos objetos que ela descreve.

³³ Trecho original: “largely anthropological”.

O modelo de organização das estruturas elementares, isomorfas então ao quadrado semiótico, apresentado nesse estágio de desenvolvimento é o que se estabeleceu na teoria e se manteve por bastante tempo intocado. Sigamos, portanto, com a descrição para vermos os desconfortos que essa configuração provocou e que causaram ajustes e novas interpretações sobre o nível fundamental.

2.3.3 Diferentes usos do quadrado semiótico

O quadrado semiótico, no artigo que foi desenvolvido e apresentado, “The interaction of semiotic constraints” (GREIMAS; RASTIER, 1968), recebe uma disposição que podemos entender como “canônica”. Entretanto, ao longo do Dicionário de semiótica (GREIMAS; COURTÉS, 2008), e da produção de outros semioticistas, esse modelo canônico recebe alterações conforme a necessidade da matéria em questão que o mesmo deve analisar. Verifiquemos, então, no que se baseiam as construções alternativas de quadrados semióticos.

Começando pelo quadrado semiótico da veridicção, esta variação do modelo se aproveita, além dos eixos ($s_1 + s_2$; $\sim s_1 + \sim s_2$) como no quadrado cânone, das dêixis ($s_1 + \sim s_2$; $s_2 + \sim s_1$) para formar também metatermos.

Figura 11: Quadrado semiótico das modalidades veredictórias

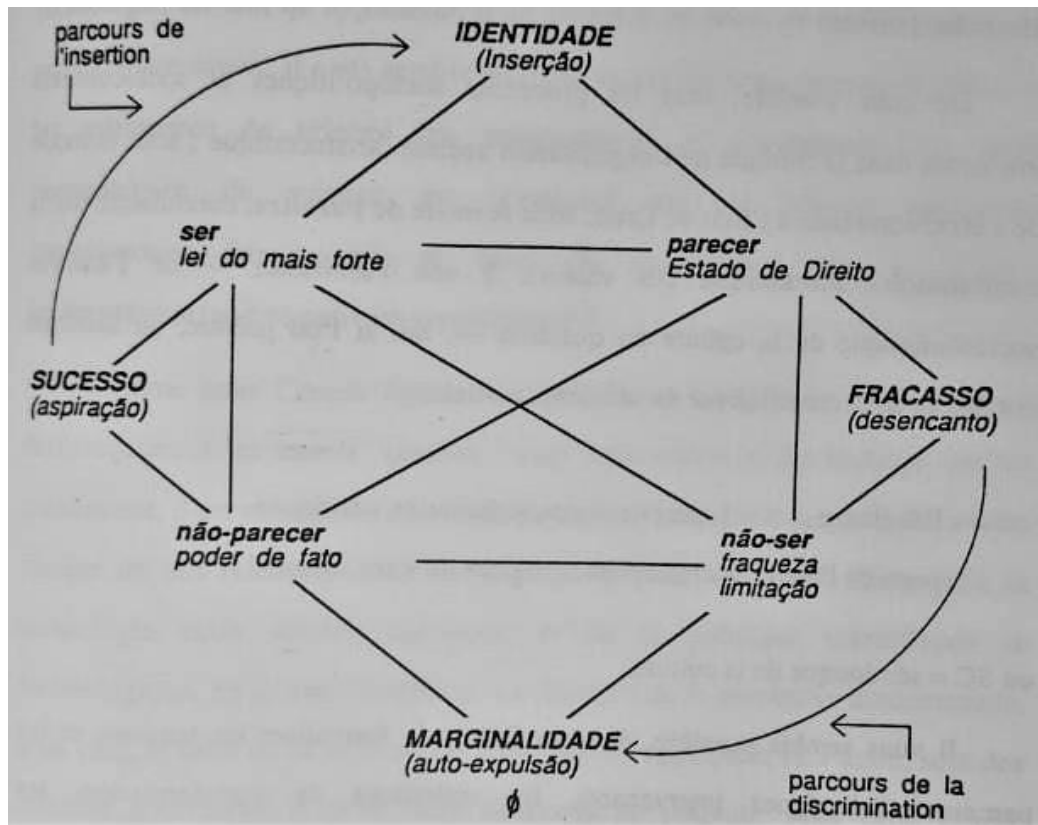


Fonte: (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 367)

Este quadrado se tornou bastante célebre em função da importância que o processo veredictório tem na análise de diversas narrativas, mas também pelo sucesso da lexicalização dos metatermos, que reafirma a justeza da análise da microestrutura da veredicção. O

semioticista brasileiro Cidmar Teodoro Pais também é lembrado por ter se apropriado dessa variante mais complexa do quadrado semiótico, utilizando-a diversas vezes.

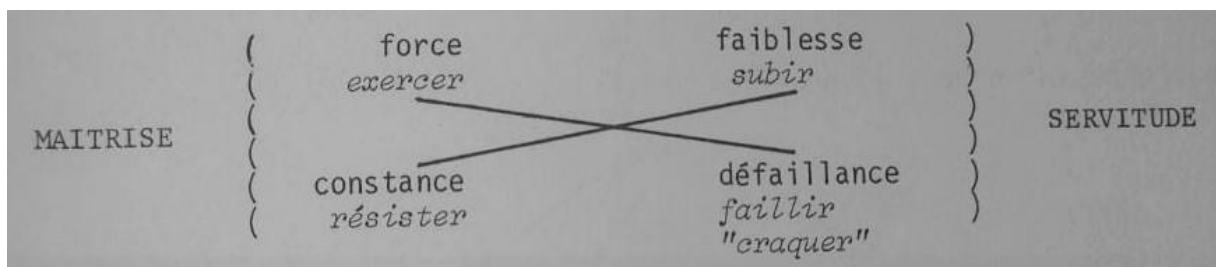
Figura 12: Quadrado da inserção e descriminação de Cidmar Teodoro Pais



Fonte: (PAIS, 1993, p. 633)

Por outro lado, há manifestações do quadrado semiótico nas quais os eixos não são pertinentes para a análise, de modo que apenas as dêixis figuram como metatermos. Claude Zilberberg nos seus *Essais sur les modalités tensives* (1981) monta quadrados assim frequentemente.

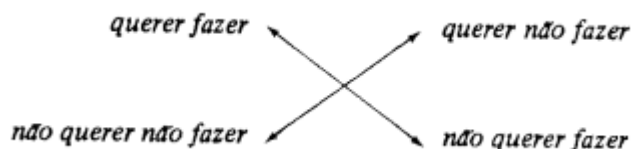
Figura 13: Quadrado da força e da fraqueza de Zilberberg



Fonte: (ZILBERBERG, 1981, p. 55)

Apesar dessas possibilidades de manifestações oferecidas pelo modelo inicial apresentado em 1998 por Greimas e Rastier, a estrutura mais produtiva e utilizada por Greimas e outros semioticistas é a versão mais simples que não dispõe de nenhum termo complexo.

Figura 14: Quadrado das modalidades do querer-fazer



Fonte: (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 370)

A maior recorrência dessa configuração para o quadrado o semiótico se dá, parcialmente, pelo fato de nos quadrados que organizam as modalidades os metatermos não terem pertinência na análise e, como, com bastante frequência as modalidades são organizadas na visualidade do quadrado, esse modelo se torna mais produtivo.

2.3.4 Críticas à estrutura elementar da significação

Uma crítica geral e comum à teoria semiótica francesa nessas primeiras décadas que descrevemos, parte de sua interpretação como uma teoria formalista. Essa crítica, Greimas denuncia tanto na *Sémantique Structurale* (1966) quanto e em *Sémiotique* (GREIMAS; COURTÉS, 1979). Na entrada referente a “formalismo” temos a seguinte explicação

O termo formalismo torna-se francamente pejorativo quando qualifica as pesquisas realizadas nas ciências humanas que utilizam no seu instrumental metodológico, procedimentos formais. Assim, a semiótica é acusada frequentemente de ser formalista e “desumanizar” o objeto de suas pesquisas: na verdade, hoje ela ainda não chega a formalizar suas análises e não se encontra senão em estágio de pré-formalização. (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 195).

Vemos então que essas críticas, entendidas aqui como qualificações negativas da teoria, são em resposta a importação dos métodos da lógica e a filiação ao estruturalismo em si, uma vez que se convencionou nessa tradição recorrer a esses estudos formais. As estruturas elementares e o quadrado semiótico, portanto, enquanto firme ponto de convergência, tanto dos procedimentos formais, quanto do clima de opinião estruturalista, reunia de modo exemplar as características que levavam a tal interpretação da teoria.

Enquanto essas críticas, pelo menos de acordo com a resoluta argumentação greimasiana, não geravam necessidades de revisão, certamente chamavam atenção para certos

aspectos e, de certa forma, para um certo estilo em torno do quadrado semiótico que eventualmente foram levados em consideração.

A construção, pois, de uma axiomática universal e atemporal passa por abstrações que para se tornarem operatórias necessitam de um tratamento formal, com termos construídos, definidos e formando, o tanto quanto possível, um sistema fechado e recursivo. Um modelo lógico resultante desse processo, como é o quadrado semiótico, é capaz de propor um breve conjunto de termos e operações como fundamentando a significação no nível mais simples e abstrato, ao preço de equiparar a atividade psíquica humana a um algoritmo deveras elementar e estático.

Essa alegação, de “desumanizar” é análoga às afirmações derivadas do “humanismo”, com o qual Hjelmslev também argumentava contra. Segundo o dinamarquês, resultava de um realismo ingênuo a crença de que os fatos humanos não se submeteriam a uma generalização sem sofrer uma desconfiguração fundamental (HJELMSLEV, 1975). A diversidade, portanto, seria um aspecto inalienável dos produtos sociais e, nesse sentido, a generalização desses fatos levaria a “desumanização” dos mesmos. No mesmo sentido desses argumentos estão as críticas ao formalismo russo. Seus críticos também apresentam a alegação de que um componente fundamental é removido do objeto pelos procedimentos formais. No caso deles e da Rússia de 1920, era “o componente ideológico das obras literárias” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 195).

Na *Sémantique Structurale* (1966, p. 13), Greimas responde a uma definição um pouco diferente de formalismo. Trata-se da concepção do estruturalismo norte americano sobre o signo linguístico: “É conhecida a famosa definição do signo linguístico dada por Bloomfield (*Language*): ‘uma forma fonética que tem sentido (p.138), ‘um sentido sobre o qual nada se pode saber’ (p. 162).”. Formalismo aí se refere ao entendimento de que só é possível se adereçar cientificamente a “forma” da linguagem e não ao seu “conteúdo”, a semiótica portanto é completamente aversa a essa acepção do termo.

Dessa forma, podemos entender como a crítica em torno do formalismo se dá pela alegação de que o ponto de vista imanente, e a operacionalização dessa imanência através de procedimentos formais se trata de uma redução do fato humano a um esquema mecânico, determinalista e idealista. Esse argumento pode ainda assumir diferentes formas. Uma primeira, mais firme, é incompatível com a teoria, pois o formalismo mais puro não viabiliza uma pesquisa em torno do sentido. Uma segunda, numa acepção mais leve, compreende que uma

disciplina generalizante e fundada sobre axiomáticas seja redutora dos fenômenos humanos e culturais.

De fato, essas acusações convergem com uma tensão inevitável formada durante essas décadas no interior do sistema da imanência que estabelecemos. Trata-se da presença, inicialmente tímida, da fenomenologia de Merleau-Ponty no nível epistemológico, com a abundância da lógica formal no nível metodológico. A *Fenomenologia da percepção* (2018 [1945]), de Merleau-Ponty, propõe uma revisão da teoria do conhecimento idealista e empirista, baseada no argumento de que ambas as tradições filosóficas foram marcadas pelo “intelectualismo”, privilegiando a razão na construção do saber e diminuindo o papel do corpo enquanto sistema de percepção e produção de sentido. Dessa forma, Merleau-Ponty critica que na história da teoria do conhecimento até então, o papel do sensível foi sumariamente tido como um obstáculo no caminho da razão.

Uma descrição da elementaridade, portanto, ocorrendo inteiramente na alçada das determinações lógicas fundamentais, estreitamente relacionadas com a própria definição do pensamento organizado, geraria eventualmente algum atrito com a base epistemológica que problematiza esse modo de se proceder. Veremos que isso que compreendemos como uma “tensão” mobilizará um movimento na organização e apresentação das estruturas elementares da significação.

Há, ainda, uma outra problemática em torno dessas estruturas que podemos também entender como decorrente do fato da semiótica ser uma disciplina formal. Essa é a problemática do binarismo, ou da binaridade. Novamente, existem alguns sentidos e interpretações derivados de uma mesma base, e intensidades variantes de posicionamentos a partir de cada um deles. Sobre a binaridade, Greimas e Courtés nos dizem:

Um conjunto de fatores históricos e pragmáticos fez com que se concedesse às estruturas binárias um lugar privilegiado na metodologia linguística: uma prática – vitoriosa – de acoplamento binário de oposições fonológicas, levada a efeito pela Escola de Praga; a importância que adquiriu o sistema aritmético binário (0/1) no cálculo automático; a simplicidade operatória da análise binária por referência a estruturas mais complexas; o fato de qualquer estrutura complexa pode ser formalmente representada sob a forma de uma hierarquia de estruturas binárias, etc. (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 39).

É reconstruído assim o “clima de opinião” estruturalista, com a atribuição do protagonismo da Escola de Praga na elaboração de sistemas binários em linguística. Além disso, é explicado como qualquer estrutura mais complexa pode ser formalmente reduzida a estruturas binárias. A estrutura elementar, como demonstramos desde o começo é fruto também dos

sistemas fonológicos binários de Praga, Utaker diz ainda que Jakobson, além de construir tal modelo binário, “[...] também sustenta a visão mais forte e controversa que traços distintivos são definidos em termos de oposições binárias entre traços distintivos” (UTAKER, 1974, p. 73, tradução nossa³⁴). Essa utilização da oposição binária na definição do próprio termo da oposição binária está diretamente relacionada com a definição de fonema dada por Trubetzkoy³⁵ e levou à sua associação com o binarismo. Sobre esse conceito Greimas e Courtés dizem,

A binarização, como prática linguística, deve ser distinguida do binarismo, que é um fundamento epistemológico segundo o qual a articulação ou a apreensão binária dos fenômenos é uma das características do espírito humano: a este postulado se ligou, com ou sem razão, o nome de R. Jakobson, que deu uma formulação binária as categorias fêmicas por ele erigidas em universais fonológicos das línguas naturais. (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 40).

A binaridade presente na teoria pode levar a sua interpretação como binarista, assim como os procedimentos formais levariam, se exacerbados, a avaliação da semiótica como uma disciplina formalista. Ainda nesse sentido, de união dessas duas problemáticas, os autores apresentam no trecho destacado anteriormente como em um sistema formal, as estruturas mais complexas poderiam ser reduzidas a relacionamentos binários entre os termos. O quadrado semiótico, dessa forma, é mais uma vez um exemplar construído em sua base por esses procedimentos criticados em algum nível e então se torna um possível alvo na teoria.

Em uma entrevista de 2015, François Rastier, quando perguntado sobre a organização do quadrado semiótico e o artigo “The interaction of semiotic constraints” (1968), respondeu que “Ele respondia a necessidade de sair do binarismo jakobsoniano ao integrar outros tipos de oposição e deixando espaço para os percursos elementares” (PICCIUOLO; RASTIER, 2015, p. 1, tradução nossa³⁶). Vemos então que a presença das relações binárias era julgada de uma intensidade tônica que precisaria se tornar átona, e isso se realizaria pela extensão de outros tipos de relações no interior da categoria elementar.

A semiótica, entretanto, possuía nesse estágio de desenvolvimento das estruturas elementares, uma definição restrita da relação binária

“A binaridade caracteriza um único tipo de estrutura: só podem ser consideradas *categorias binárias* aquelas cuja relação constitutiva é a contradição (por exemplo: *asserção/negação*; *conjunção/disjunção*) (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 40, grifos dos autores).

³⁴ Trecho original: “he also holds the stronger and more controversial view that distinctive features are defined in terms of binary oppositions between distinctive features”.

³⁵ Discutimos isso no capítulo 3.1. Lógica formal e elementaridade.

³⁶ Trecho original: “Il répondait au besoin de sortir du binarisme jakobsonien en intégrant d’autres types d’opposition et en laissant la place à des parcours élémentaires”.

A partir dessa definição, a estrutura elementar, que é a definição de uma categoria, apesar de ser composta por relações binárias³⁷, só seria de fato uma estrutura binária se a sua “relação constitutiva” fosse a da contradição. O sucesso do artigo “The interaction of semiotic constraints” (1968), a luz da afirmação de Rastier na entrevista demonstrada, se torna questionável e, dessa forma, o ajuste do quadrado semiótico às necessidades da teoria também. De todo modo, essas questões que estão muito ligadas ao nível epistemológico e metodológico da teoria são frequentemente dispensadas de elaboração por não responderem aos interesses da semiótica e não fazerem parte do nível de reflexão que se pratica na teoria, fazendo parte, portanto, de outras disciplinas e áreas de investigação.

Os autores de *Tensão e Significação* (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001 [1998]), no capítulo referente às noções de categoria e quadrado semiótico, apresentam dois comentários acerca da organização das estruturas elementares que gostaríamos de integrar ao nosso trabalho historiográfico. A primeira questão é uma avaliação retrospectiva da estrutura elementar greimasiana a luz de formulações de Hjelmslev. Segundo Fontanille e Zilberberg, para Hjelmslev, “a oposição participativa [é] julgada mais pertinente para descrever os dados semióticos do que a oposição distintiva.” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 62).

A escolha, portanto, de Greimas, por organizar a estrutura elementar da significação por meio da oposição distintiva é uma recusa de um postulado hjelmsleviano e uma tomada de posição pela metodologia de Praga. Outra crítica que Fontanille e Zilberberg apresentam vem de Bernard Pottier, “[...] que sempre insistiu no fato de que *não-rico* não implica necessariamente *pobre*.” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2011, p. 69, grifos dos autores).

Essa constatação da “fraqueza” da relação de implicação no quadrado semiótico pode ser reunida com outra objeção ao modelo constituinte. Feita por Alessio Moretti, a objeção em questão se trata da incompletude do modelo. O quadrado semiótico, enquanto dispositivo formal, é isomorfo ao quadrado lógico e a sua importação gráfica se deu através do hexágono lógico de Robert Blanché. Acontece que Blanché desenvolve o hexágono justamente pelo quadrado ser uma estrutura incompleta. De tal maneira que a replicação de um quadrado semiótico, ao invés de um hexágono semiótico é também uma tomada de posição e uma escolha por um dos modelos enquanto é uma recusa pelo outro. Dessa forma, as críticas feitas ao modelo

³⁷ Os autores afirmam que essas relações são binárias na entrada anterior a essa no Dicionário “[...] Jakobson reconheceu a existência de dois tipos de oposição binária (que nós interpretamos como contradição e contrariedade).” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 40).

quadrangular pelos adeptos do modelo hexagonal recaem agora sobre o quadrado semiótico, sendo julgado uma estrutura incompleta.

Greimas e Courtés comentam em *Sémiotique* sobre a incorporação dos termos “complexo” (Y) e “neutro” (U) no modelo constituinte, propostos inclusive por Brøndal.

Para explicar a formação de tais termos, diferentes soluções foram propostas. Pouco propensos a acrescentar uma hipótese a mais, consideramos que a problemática envolvida continua em aberto, à espera de descrições mais precisas e mais abundantes. [...] É uma questão cuja solução se tornou difícil, por implicar o reconhecimento de percursos sintáticos assaz complexos e provavelmente contraditórios, os quais redundam nesse gênero de formações. (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 368)

Ficam assim apresentadas então, algumas críticas e objeções aos estágios de desenvolvimento da estrutura elementar que descrevemos.

2.4 Semiótica: projeto científico

A semiótica francesa oriunda da obra *Sémantique Structurale* (1966) de Greimas não se reivindicava uma ciência, entretanto, sua concepção se dá dentro de um projeto científico, levando muito frequentemente a ser chamada de “disciplina com vocação científica” (BOURDON, 1997). A cientificidade que a disciplina busca afeta, portanto, o nível metodológico da teoria e, conseqüentemente, a formação e desenvolvimento de sua metalinguagem descritiva, em especial, como demonstraremos aqui, as estruturas elementares da significação, nosso objeto. Dessa forma, nesta subseção, discutiremos no que se baseia esta “cientificidade”, como ela foi formada historicamente e as implicações dessa escolha metodológica na formação de nosso objeto de análise.

A abordagem científica sobre os fenômenos da linguagem foi uma preocupação presente desde a teorização saussuriana da linguística, que através da divisão entre língua e fala estabeleceu uma primeira fronteira clara e objetiva sobre o que entraria na alçada desta nova ciência (SAUSSURE, 2006). Neste sentido, a língua no seu estado virtual relativamente estável conferiu à linguística um objeto sujeito a pesquisa científica. Hjelmslev, em seguida, como bom continuador de Saussure, frisa este importante aspecto da pesquisa em linguística estrutural, a sua cientificidade.

Compreende-se por linguística estrutural um conjunto de pesquisas que repousam sobre uma hipótese segundo a qual é cientificamente legítimo descrever a linguagem

como sendo essencialmente uma entidade autônoma de dependências internas, ou, em uma palavra, uma estrutura. (HJELMSLEV, 1959, p. 21, tradução nossa³⁸).

A cientificidade, portanto, se tratou de um programa de base para a linguística estrutural, fazendo-se presente como um eixo modulador das metodologias empregadas pelos estudiosos das diversas escolas que se dedicaram a este novo projeto científico. Na obra *Principes de Phonologie* (TRUBETZKOY, 1976 [1938]), a definição do objeto, novamente, se torna uma arena na qual a cientificidade do discurso da linguística deve ser defendida e os “psicologismos” e a “consciência linguística” devem ser claramente separados dos modos de se proceder na descrição dos sistemas linguísticos.

É necessário evitar recorrer a psicologia para definir o fonema: com efeito, o fonema é uma noção linguística e não uma noção psicológica. Toda referência a ‘consciência linguística’ deve ser descartada ao se definir o fonema. Pois a ‘consciência linguística’ ou é um apelo metafórico da língua, ou ainda uma noção verdadeiramente vaga que deveria ser ela mesma definida por sua vez, o que talvez, não possa ser feito. [...] Se aceitarmos esta definição, não saberemos nunca em um caso concreto o que deve ser considerado como fonema. (TRUBETZKOY, 1976, p. 42, tradução nossa³⁹).

Nesta ocasião de definição do objeto da fonologia praguense, o autor recorre à lógica para garantir que a objetividade não seja maculada por nenhum tipo de subjetividade, comuns nas análises até então. O fonema, deste modo, é definido como sendo o termo de uma oposição fonológica que não pode ser subdividido em outras oposições, como é exposto a seguir, “Estas unidades fonológicas que, no ponto de vista da língua em questão, não se deixam analisar em unidades fonológicas ainda menores e sucessivas, nós chamaremos de fonemas.” (TRUBETZKOY, 1976, p. 37, tradução nossa).⁴⁰

É possível notar através destes fragmentos textuais como a defesa do campo de atuação desses pesquisadores está diretamente relacionada com o padrão científico que almejam. A psicologia, neste sentido, é “vaga”, de “difícil ou impossível definição” e não auxilia as análises dos casos “concretos”, portanto, o fato humano da linguagem está sujeito a melhores descrições e análises na alçada da linguística, de acordo com a argumentação apresentada.

³⁸ Trecho original: “On comprend par linguistique structurale un ensemble de recherches reposant sur une hypothèse selon laquelle il est scientifiquement légitime de décrire le langage comme étant une entité autonome de dépendances internes, ou, en un mot, structure.”

³⁹ Trecho original: Il faut éviter de recourir à la psychologie pour définir le phonème: en effet le phonème est une notion linguistique et non pas psychologique. Toute référence à la ‘conscience linguistique’ doit être écartée en définissant le phonème. Car la ‘conscience linguistique’ est ou bien une appellation métaphorique de la langue, ou bien une notion tout à fait vague qui doit elle-même être définie à son tour, et qui peut-être ne peut pas l’être du tout. [...] Si l’on admettait cette définition, on ne saurait jamais dans un cas concret ce qu’on doit considérer comme phonème

⁴⁰ Trecho original: Ces unités qui, au point de vue de la langue en question, ne se laissent pas analyser en unités phonologiques encore plus petites et successives, nous les appellerons des phonèmes.

O caráter científico da pesquisa, portanto, é, além de uma garantia de que certos parâmetros serão seguidos, uma razão de ser para a disciplina, uma defesa, enfim, para um programa de pesquisas contra outros programas que venham a reivindicar seu objeto e subjugá-la, eventualmente, nas disputas pelos financiamentos em suas diversas formas. A psicologia, como demonstrado, fora uma dessas adversárias, soma-se a ela ainda, a filosofia da linguagem. Retornando a Hjelmslev, no mesmo capítulo anteriormente citado o autor afirma que “a linguística estrutural substituirá a ‘filosofia da linguagem’ do passado por pesquisas positivas e científicas” (HJELMSLEV, 1959, p. 21, tradução nossa⁴¹).

Opõem-se, assim, à metodologia científica da linguística estrutural tanto a psicologia quanto a filosofia da linguagem. Enquanto definições negativas como essas tenham seu valor para a compreensão de um fenômeno complexo como este, no que consiste, pois, positivamente esta cientificidade e de que modo ela interage com a concepção e desenvolvimento do nosso objeto?

Sabe-se que, historicamente e até nos dias de hoje, há uma certa dificuldade na grande comunidade científica de se considerar o conhecimento produzido pelas ciências humanas como científico. Paralelamente, então, existe uma tendência de se considerar exclusivamente aquilo que é produzido em matéria de ciências exatas e naturais como efetivamente científico. Há ainda o conceito de “humanismo”, criticado por Hjelmslev nos *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* (1975), que prega que os fatos humanos são essencialmente tão vastos e irregulares que jamais poderiam surgir do seu estudo uma ciência. Efetivamente, desde meados do século XVIII, há uma hierarquização das ciências que coloca os estudos acerca das culturas e seus produtos como carentes de uma metodologia apropriada. O texto que serve de base e justificativa para esta afirmação é o *Tratado da natureza humana* (2009), de David Hume, que já no subtítulo desta obra expõe o que a partir de então se tornará uma forte tendência nas humanidades, “Uma tentativa de introduzir o método de raciocínio experimental em assuntos morais”⁴².

Apesar de Hume oferecer um antecedente valioso para esta postura diante dos estudos acerca dos fatos culturais, Auguste Comte que virá, de fato, a cristalizar esta tendência com o

⁴¹ Trecho original: la linguistique structurale substituera à la "philosophie du langage" de jadis une recherche positive et scientifique.

⁴² Enquanto não compete aos nossos interesses pontuar com precisão e de forma definitiva o início dessa longa tradição de importação metodológica, acreditamos que pelo peso do autor em questão no pensamento ocidental e pela sua anterioridade aos programas de pesquisas analisados aqui, é suficiente considerá-lo como um ponto de partida.

seu *Cours de philosophie positive* (1968), obra que reúne lições de um curso ministrado entre 1830 e 1842. A filosofia positiva, apresentada por Comte, trata-se de um dos três estados do espírito humano, sendo o mais tardio, perfeito e, portanto, definitivo. Para Comte, a intuição humana para a produção do saber se manifesta inicialmente através do estado teológico, no qual o sentido das coisas em si é colocado em questão e resolvido por meio de mitos. O estado teológico, dessa forma, tensiona com o estado positivo enquanto termos polares da categoria do entendimento. Entre os dois, há um termo mediador, o estado metafísico, no qual se dá uma “simples modificação do primeiro, os agentes sobrenaturais são substituídos por forças abstratas, verdadeiras entidades inerentes dos diversos seres/estados do mundo [...]” (COMTE, 1968, p. 3, tradução nossa⁴³). O último termo polar desta marcha dos modos de se filosofar, é então o estado positivo, no qual

[...] o espírito humano reconhecendo a impossibilidade de atingir noções absolutas, renuncia a busca pela origem e destinação do universo, e a conhecer as causas íntimas dos fenômenos, para se dedicar unicamente a descobrir, através do bom uso combinado da razão e da observação, suas leis efetivas, isto é, suas relações invariáveis de sucessão e similitude. (COMTE, 1968, p. 4, tradução nossa⁴⁴).

Vemos então como a delimitação do objeto está na essência deste modo de se filosofar. Distinguir, portanto, aquilo é possível conhecer daquilo que é inútil pesquisar. Esta imposição da ciência positiva está, enfim, realizada no “corte saussuriano”, da divisão entre a língua e fala, e foi por muito tempo um impedimento das pesquisas sobre o sentido, como já demonstramos anteriormente com o exemplo da afirmação de Bloomfield⁴⁵. Este ponto é mais um entrave superado pela semiótica para se propor como uma disciplina com vocação científica, visando justamente preencher os requisitos da filosofia positiva. Seguindo na análise do trecho apresentado, devemos destacar a necessidade exposta da combinação da razão e da observação para descobrir as leis que governam os fenômenos estudados. Enquanto a observação se refere aos métodos experimentais de confronto das hipóteses e opiniões com a realidade manifestada através dos sentidos, a união desta faculdade com a da razão, como Comte propõe, é o que pode

⁴³ Trecho original: Simple modification du premier, les agents surnaturels sont remplacés par des forces abstraites, véritables entités (abstractions personnifiées) inhérentes aux divers êtres du monde [...].

⁴⁴ Trecho original: [...] l’esprit humain reconnaissant l’impossibilité d’obtenir des notions absolues, renonce à chercher l’origine et la destination de l’univers, et à connaître les causes intimes des phénomènes, pour s’attacher uniquement à découvrir, par l’usage bien combiné du raisonnement et de l’observation, leurs lois effectives, c’est-à-dire leurs relations invariables de succession et de similitude.

⁴⁵ Capítulo 3.3.3, p. 49.

realmente transcender os dados em direção de uma verdadeira teoria, que sistematize o seu objeto e formule⁴⁶ leis capazes de explicar os dados ainda inacessíveis.

Anne Hénault, em seu *História concisa da semiótica* (2016) [1992], esclarece que a própria linguística estrutural é fruto de um projeto de ciência positiva de Saussure.

Não existe “teoria” propriamente falando, exceto quando um esforço de reflexão suplementar é consagrado à busca de coerência entre as diversas descobertas, a sua sistematização. [...] a preocupação de Saussure é justamente inscrever a linguística entre as ciências das leis (ou ciências teomáticas, segundo a classificação de Naville). (HÉNAULT, 2006, p. 37)

É neste panorama, também, que se insere o posicionamento de Hjelmslev, nos *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* (1975), de definir como método da ciência da linguagem a indução aliada a dedução, isto é, o “bom uso combinado da razão e da observação” (COMTE, 1968, p. 4)

A seguir, no *Cours de philosophie positive* (1968), Comte afirma que apesar de, em sua época, a humanidade já ter atingido o estado da filosofia positiva, nem todos os ramos do conhecimento haviam se atualizado para este novo e definitivo patamar.

Com efeito, dentre as quatro categorias principais dos fenômenos naturais enunciadas a todo momento, os fenômenos astronômicos, físicos, químicos e fisiológicos, se percebe uma lacuna essencial relativa aos fenômenos sociais, [...] é evidente que esta não alcançou ainda o domínio da filosofia positiva. (COMTE, 1968, p. 17, tradução nossa⁴⁷)

Este estado de coisas descrito por Comte oferece uma nova luz sobre a questão da posição das ciências humanas relativa àquelas que podemos entender atualmente como as ciências exatas e da natureza. No conjunto dos três tomos que compõem este curso de filosofia positiva comtiana, o autor funda a disciplina da sociologia e oferece, como estamos a descrever, as bases da cientificidade para todo o conjunto das ciências, base esta que é bastante forte ao longo dos séculos XIX e XX. Há, entretanto, novas bases epistemológicas que vêm disputar a influência do positivismo e abordaremos este tópico apenas na medida em que ele implica no desenvolvimento das estruturas elementares da significação. Devemos ressaltar ainda,

⁴⁶ Poderíamos, aqui, optar pelo verbo “descobrir” ou invés do “formular”, a descoberta evidentemente é o ideal no âmbito da ciência positiva, entretanto ela sugere uma validade definitiva, a formulação enquanto pode parecer satisfatória num dado momento nunca se torna isenta do confronto com os dados e pode, eventualmente, se tornar insatisfatória, ou errônea. O termo “descoberta”, neste sentido, pode parecer tirar do ser humano o ato criador da lei, mas acaba conferindo a ela um estatuto maior do que é apropriado.

⁴⁷ Trecho original: En effet, dans les quatre catégories principales de phénomènes naturels énumérées tout à l’heure, les phénomènes astronomiques, physiques, chimiques et physiologiques, on remarque une lacune essentielle relative aux phénomènes sociaux, [...] il est évidente qu’il n’est pas point encore dans le domaine de la philosophie positive.

entretanto, o sucesso que a linguística estrutural obteve ao se desenvolver no sentido estabelecido pela ciência positiva, sucesso este atestado por um personagem como Lévi-Strauss, que abre o segundo capítulo do seu *Antropologia Estrutural* (2017) com o testemunho do papel central assumido pela linguística entre as ciências sociais

No conjunto das ciências sociais ao qual pertence indiscutivelmente, a linguística ocupa, entretanto, um lugar excepcional: ela não é uma ciência social como as outras, mas a que, de há muito, realizou os maiores progressos: a única, sem dúvida, que pode reivindicar o nome de ciência e que chegou, ao mesmo tempo, a formular um método positivo e a conhecer a natureza dos fatos submetidos à sua análise. (LÉVI-STRAUSS, 2017, p. 45).

Até aqui, demonstramos como há formalizado em Comte um padrão de cientificidade, pela determinação do objeto, pela necessidade de uma teorização organizadora dos dados em leis e pela verificação dessas leis através da observação ou experimentação. A partir disso, podemos verificar como há na linguística estrutural, e, conseqüentemente na semiótica greimasiana, uma outra importação metodológica, complementando aquela acarretada pela hipótese da isomorfia dos planos da linguagem, trata-se da importação dos métodos das ciências da natureza.

A atividade taxonômica, fundada nas ciências biológicas no século XVIII, prevê a organização dos seres vivos e, eventualmente, até dos minerais, em função de suas similitudes e diferenças, remontando das manifestações mais específicas até as classes mais gerais e abstratas. Sabe-se da influência da botânica de Goethe na obra de Vladimir Propp, de reconhecimento pelas epígrafes seu *Morfologia do conto maravilhoso* (PROPP, 2001), e pode-se reconhecer o mesmo princípio aplicado na formulação dos níveis de análise linguística e, logo, nos níveis do percurso gerativo do sentido.

Já na física, em uma nota mais íntima às estruturas elementares, o modelo atômico, que enquanto qualidade⁴⁸ serviu de crítica a semântica estrutural de Hjelmslev e, posteriormente, em menor intensidade ao próprio modelo greimasiano da categoria, é comparado pelo próprio Greimas à estrutura semântica.

Assim como a estrutura atômica é facilmente concebida como uma combinatória, cujo universo atualmente manifestado nada mais é do que uma realização parcial, também a estrutura semântica, **idealizada segundo um modelo comparável**, permanece aberta, só recebendo fechamento pela história. GREIMAS, 1975, p. 104, *grifo nosso*).

⁴⁸ Nos referimos aqui a pecha de “atomista” que recebeu o modelo de estrutura elementar hjelmsleviano, que privilegiava os termos em detrimento das relações estabelecida por eles, infringindo assim o caro princípio estrutural de que a pertinência está sobre as relações.

Vejamos, a noção de átomo, assim como a noção de unidade elementar, faz referência a um elemento indivisível, da menor extensão possível, que viria pelas suas combinações formar todos os conjuntos existentes. Evidente que de Demócrito a Niels Bohr, muita coisa aconteceu e ainda hoje acontece. Não obstante, é digno de reconhecimento como o projeto de ciência positiva da semiótica reproduz de certo modo a abordagem desta ciência natural. Do mínimo indivisível de Demócrito e da bola de bilhar de Dalton para as figuras do sentido de Hjelmslev; do reconhecimento em J. J. Thomson de cargas positivas e negativas no átomo com seu modelo de pudim de ameixas para a axiomática das estruturas elementares de Brøndal, que metaforicamente estabelece cargas positivas e negativas para os elementos dominantes e dominados do termo complexo; do modelo atômico planetário de Rutherford que estabelece mais precisamente as unidades constituintes do átomo e suas relações topológicas, através de uma visualidade atraente, para a estrutura elementar e o quadrado semiótico greimasiano; e, finalmente, das experimentações da mecânica quântica de dividir o “indivisível” encontrando as partículas subatômicas, para a ousada pergunta de Zilberberg, “Sous les sèmes y a quoi?”⁴⁹. Esses paralelismos nas concepções e em seus desenvolvimentos históricos se devem, como disse Greimas, à “idealização sob um modelo comparável” (GREIMAS, 1975, p. 104), mas também à cientificidade positiva, que se estabelece como base epistemológica na Europa desde Comte, se manifestando de maneira intensa nos antecessores de Greimas e determinando em alguma medida seu trabalho.

Não obstante, há desde a *Sémantique Structurale* (1966), em germe, a influência de uma nova base epistemológica para semiótica francesa, trata-se da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty. Como foi dito anteriormente, a primeira escolha epistemológica do discurso fundador não ressoou significativamente na formulação da estrutura elementar na data, mas indicava que estava por vir um novo padrão de cientificidade, ou pelo menos novos parâmetros, para a semiótica do final do século XIX e para o século XX. Neste sentido, a abordagem psicológica, anteriormente interdita pelos estruturalistas, passa a ter progressivamente mais espaço até alcançar centralidade nos modelos semióticos, em especial no ponto de vista tensivo. Um exemplo disso é a chamada “[...] ‘cena primitiva’ da significação, isto é, a emergência do sentido a partir do sensível, estas questões se tornam primordiais.” (FONTANILLE, 1999, p. 41, tradução nossa⁵⁰). Este trecho demonstra como a investigação semiótica se permite, contra

⁴⁹ C. ZILBERBERG, “Sous les sèmes y a quoi?”. In: *Essais sur les modalités tensives*. Amsterdam: John Benjamins, 1981, pp 1-28.

⁵⁰ Trecho original: “[...] ‘scène primitive’ de la signification, c’est-à-dire l’émergence du sens à partir du sensible, ces questions deviennent primordiales.

o positivismo clássico, abordar a psicologia das sensações, até mesmo num estado idealizado “primitivo”.

Esta nova liberdade na teorização semiótica, entretanto, não é utilizada como forma de negar o que anteriormente produzido, mas sim para dar complemento e continuidade, como demonstra o trecho seguinte, “Se a função semiótica é tão proprioceptiva quanto lógica, então a significação é tão afetiva, emotiva e passional quanto conceitual ou cognitiva.” (FONTANILLE, 1999, p. 42, tradução nossa⁵¹).

A partir do próximo capítulo buscaremos demonstrar como esta abertura epistemológica oferecida pela fenomenologia de percepção contribui para novos desenvolvimentos metodológicos e, por conseguinte, as transformações proporcionadas nos modelos e na metalinguagem descritiva da semiótica referente às estruturas elementares da significação.

⁵¹ Trecho original: Si la fonction sémiotique est proprioceptive tout autant que logique, alors la signification est tout autant affective, émotive, passionnelle, que conceptuelle ou cognitive.

3. O “PONTO DE VISTA” TENSIVO SOBRE AS ESTRUTURAS ELEMENTARES DA SIGNIFICAÇÃO

3.1 Construção da reformulação tensiva das estruturas elementares nos anos 1980

O artigo de Claude Zilberberg intitulado “Sous les sèmes y a quoi” que abre o livro *Essais sur les modalités tensives* (1981) não pode ter sua importância subestimada dentre os percursos de desenvolvimento da noção de elementaridade do sentido em semiótica. O mesmo vale para o desenvolvimento do ponto de vista tensivo na disciplina, em virtude da centralidade que a estrutura elementar da significação ocupa na construção teórica da tensividade.

O questionamento feito sobre os semas, pontos de interseção das relações constitutivas das estruturas elementares, presente desde o título do artigo, propõe um novo nível de profundidade e elementaridade ao modelo de Greimas e Rastier, que no ano de publicação dos *Essais sur les modalités tensives* (1981), completava 13 anos. Este questionamento tem por base tanto pontos em abertos da teorização de Greimas, Rastier e Courtés que descrevemos no capítulo 3, quanto ajustes e interpretações oriundos da percepção e criatividade de Zilberberg.

Inicialmente, o autor reconhece a inspiração advinda da fonologia que seus antecessores tiveram ao formular a estrutura elementar da significação, assim como o papel epistemológico que a fenomenologia cumpre no interior da teoria semiótica. Entretanto, sobre essas duas fontes ele emite o seguinte juízo, “Mas, examinando-as de perto, essas duas referências talvez não tenham o rigor nem a necessidade que comumente se supõe ter.” (ZILBERBERG, 1981, p. 2, tradução nossa⁵²). No que concerne a integração da fenomenologia da percepção à teoria de greimasiana, nos seus estágios de desenvolvimento aqui descritos, havíamos já apontado para a falta de consequências sobre o nosso objeto. Vejamos agora, as considerações de Zilberberg acerca das importações que a semiótica fez da fonologia para o seu nível fundamental do sentido e o porquê, segundo ele, “O recurso ao modelo fonológico é, parece-nos, fundado sobre um equívoco cujas consequências vão longe demais” (ZILBERBERG, 1981, p.3, tradução nossa⁵³).

O incômodo de Zilberberg, que o leva a enunciar este último trecho, não é exatamente com aquilo que origina esta importação, a hipótese de isomorfia entre os planos da linguagem,

⁵²Trecho original: “Mais, à les scruter de près, ces deux références n'ont peut-être ni la rigueur, ni la nécessité que couramment on leur suppose”.

⁵³ Trecho original: “Le recours au modèle phonologique est, nous semble-t-il, fondé sur une équivoque dont les conséquences vont assez loin”.

mas sim com a forma com que ela se deu, ou ainda, com a base de comparação que foi estabelecida entre o modelo fonológico e a elementaridade do sentido até então. Dessa forma, ele oferece à semiótica uma nova compreensão sobre a fonologia que, em razão da isotopia estabelecida entre os planos, acaba resultando em uma nova compreensão sobre as estruturas elementares.

Zilberberg argumenta que a inspiração de Greimas na formulação das estruturas elementares se baseou no ponto de vista articulatório da descrição dos traços distintivos, e que foi esta a base de comparação entre o conteúdo e a expressão sobre a qual a semiótica até então havia se detido, passando pela colaboração de Rastier e Courtés. Todavia, apoiando-se nos *Essais de linguistique générale* (1963) de Jakobson, o autor demonstra que o modelo de descrição da articulação se subordina à descrição das qualidades acústicas dos sons da língua: “[...] como um meio para o seu fim, a classificação dos dados motores deve ser feita tomando por referência aos modelos acústicos” (JAKOBSON, 1963, p. 134 **apud** ZILBERBERG, 1981, p. 3, tradução nossa⁵⁴).

Estabelece-se assim, uma hierarquia entre os tipos de diferenciação estabelecidos por estes dois modelos descritivos. A interpretação de Zilberberg sobre esses fatos estabelece que o ponto de vista articulatório fornece oposições segundo a seguinte diferença, “presença” vs “ausência”, enquanto as oposições geradas pela descrição acústica são orientadas pelo par “elevado” vs “reduzido” (ZILBERBERG, 1981, p.3, tradução nossa⁵⁵).

A diferença, portanto, dos dois tipos de oposição que mobilizam as descrições articulatória e acústica, é a oposição entre o “categórico” e o “gradual”, respectivamente. Zilberberg apresenta, então, alguns motivos para buscar atestar a superioridade, ou, maior pertinência, de um tipo oposicional sobre o outro. Inicialmente, o autor diz que o “meio acústico é mais fino, mais sutil, mais delicado que o meio articulatório” (ZILBERBERG, 1981, p. 3, tradução nossa⁵⁶), conseqüentemente, o inverso é dito (enunciação não-enunciada) sobre as oposições categóricas e, por extensão, as estruturas elementares dos anos 1970. O inverso categórico (fino vs grosso; sutil vs denso; delicado vs grosseiro”) ou o inverso gradual (mais vs menos). É interessante, também, recuperar algumas figurativizações suscitadas pelo modelo

⁵⁴ Trecho original: “comme un moyen est à sa fin, la classification des données motrices doit se faire en se référant aux modèles acoustiques”.

⁵⁵ Os termos originais são “présence”, “absence”, “élevé” e “réduit”.

⁵⁶ Trecho original: “le milieu acoustique est plus fin, plus subtil, plus délicat que le milieu articulatoire.”

formal categórico, como “*macchineta*”⁵⁷ (LOPES, 2006, p. 3), a “desumanização” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 195), e, evidentemente a figura do “quadrado” (GREIMAS; RASTIER, 1968). Estes dois conjuntos de isotopias figurativas que se formam em torno de cada tipo de oposição são importantes para percebermos os sentidos gerados por certas práticas teorizadoras e como a disciplina se posicionou frente a estes sentidos.

Posteriormente, em um novo confronto entre o categórico e o gradual, Zilberberg produz novos enunciados que revelam a posição desses tipos oposicionais na sua abordagem da elementaridade. Segundo o semiótico, a oposição gradual é anterior e pressuposta pela oposição categórica, fundadora, portanto, da oposição categórica. O curioso, entretanto, é que o percurso pressuposto nessa relação vai de uma estrutura mais complexa (a gradual) para uma estrutura mais simples (a categórica), indo, assim, no sentido inverso do canônico estabelecido pelo percurso gerativo do sentido,

Talvez por um desejo de inteligibilidade, podemos imaginar que a mente humana, para realizar a construção de objetos culturais (literários, míticos, pictóricos, etc.) parta de elementos simples e siga um percurso complexo, encontrando em seu caminho constrangimentos a que deve submeter-se, bem como as escolhas que pode fazer (GREIMAS; RASTIER, 1968, p. 85-86, tradução nossa⁵⁸).

Poderia ser que a dimensão de produção intelectual envolvido na criação dessas formas opositivas seja distinto do nível dos “objetos culturais”, ou que a este sentido proposto por Greimas e Rastier fosse simplesmente a título de inteligibilidade. Outra perspectiva sobre este argumento é considerar a substância e seu aspecto gradual como anterior à forma que incide sobre ela, estabelecendo os seus pontos-limite. Independentemente da contraintuitividade aparente desta genealogia proposta por Zilberberg, ficam demonstradas claramente, não só a hierarquia que se estabelece entre esses dois tipos de contrariedade⁵⁹, o categórico e o gradual, como a hierarquia que se estabelece entre o “complexo” e o “simples” no ponto de vista tensivo.

A partir de todas essas análises dessas formas de oposição e do seu papel na organização da elementaridade da expressão, Zilberberg se dá de frente com o ultimato, “Conseqüentemente, o recurso ao modelo fonológico deverá, se mantido, ser ao menos

⁵⁷ Essa expressão Lopes reproduz do próprio Greimas.

⁵⁸ Trecho original: “Perhaps out of a desire for intelligibility, we can imagine that the human mind, in order to achieve the construction of cultural objects (literary, mythical, pictural, etc.) starts with simple elements and follows a complex course, encountering on its way constraints to which it must submit, as well as choices which it can make.”

⁵⁹ Vê-se aqui, curiosamente, que a partir da tipologia das formas oposicionais de Aristóteles (3.1) e da estrutura elementar greimasiana, pode-se formar uma categoria, chamada “contrariedade” que abarca os termos polares “categórico” e “gradual”.

adaptado” (ZILBERBERG, 1981, p. 4, tradução nossa⁶⁰). Evidente que revogar o recurso ao modelo fonológico teria consequências e reverberações fortes naquilo que se pode entender como a base da constituição do nível elementar da significação em semiótica. Tal empreitada, dificilmente produziria resultados que não se enquadrariam como descontinuidade, no sentido historiográfico, com relação ao que fora construído pela semiótica até então. Dessa forma, a via mais radical para lidar com esses problemas visualizados por Zilberberg não é tomada e o autor faz, como dissemos anteriormente, uma mudança na base de comparação entre a expressão e o conteúdo que configura a reivindicação de isotopia entre eles.

Está claro até então que a mudança necessária às estruturas elementares é a integração da contrariedade de tipo gradual. Entretanto, esta integração não é às custas da relação categórica estabelecida entre os semas, mas sim às custas do estatuto dos semas de unidades simples. A gradação é introduzida por Zilberberg no interior do sema, tornando-o assim, “*constituído por uma diferença*” (ZILBERBERG, 1981, p. 5, tradução nossa⁶¹). A oposição gradual que nos conduziu até aqui, “elevado vs reduzido” recebe um novo revestimento lexical para se tornar “tensão vs relaxamento” (ZILBERBERG, 1981, p. 6-7, tradução nossa⁶²).

Dessa forma, o sema que até então era um ponto de encontro de relações, passa a ser uma gradação entre dois estados de tensão e relaxamento, entre os quais uma descontinuidade é traçada.

Um sema aparece antes como uma massa sêmica, variando entre dois estados, um dos quais se dirá *relaxado* e o outro *tenso*; a interdependência desses estados define um eixo de continuidade; a oposição será então concebida como a intersecção do eixo de continuidade do sema s1 e o eixo de continuidade do sema s2 em virtude de um princípio de descontinuidade (ZILBERBERG, 1981, p. 7, tradução nossa⁶³).

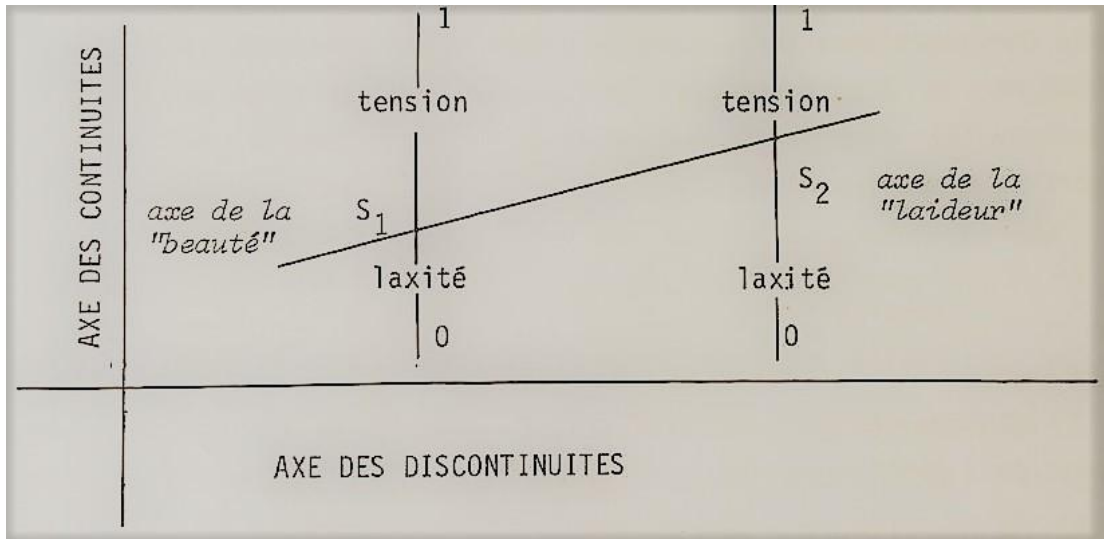
Figura 15: Elementaridade subsêmica

⁶⁰ Trecho original: “En conséquence, le recours au modèle phonologique devrait, s’il est maintenu, être au moins aménagé.”

⁶¹ Trecho original: “*constitué par une différence*”

⁶² Termos originais: “tension” e “laxité”.

⁶³ Trecho original: Un sème apparaît plutôt comme une masse sémique, variant entre deux états dont l’un sera dit *lâche* et l’autre *tendu*; l’interdépendance de ces états définit une axe de continuité; l’opposition sera alors conçue comme l’intersection de l’axe de continuité du sème s1 et de l’axe de continuité du sème s2 en vertu d’un principe de discontinuité.



Fonte: (ZILBERBERG, 1981, p. 7)

Este novo modelo de oposição, orientado em torno do gradual, encontra no plano cartesiano sua forma natural de representação. O espaço entre a posição 0 referente ao limite do relaxamento, e a posição 1 referente ao ápice da tensão, é preenchido por todo o *continuum* que ali cabe. Ironicamente, talvez, buscar representar mais do que os termos polares dessas oposições graduais se torna supérfluo. Quantificar com precisão as posições possíveis que os semas podem assumir, entretanto, não é o intuito, mas sim encontrar no jogo das relações elementares onde se encaixa a dinâmica do gradual.

As oposições “elevado” vs “agudo” e “tensão” vs “relaxamento” são concebidas, inclusive, como “[...] a descontinuidade do contínuo” (ZILBERBERG, 1981, p. 6, tradução nossa⁶⁴). Tentar trazer essas concepções para o nível da inteligibilidade discursiva, que é pautada pela descontinuidade das formas linguísticas⁶⁵ demonstra bem o nível de “profundidade” do sentido que está sendo tratada aqui. Tanto é assim, que essas proposições fornecem um novo nível de elementaridade ao quadro das estruturas elementares, demonstrado a seguir:

Tabela 6: Níveis de elementaridade das estruturas elementares

⁶⁴ Trecho original: “[...] la discontinuité du continu”.

⁶⁵ O conteúdo linguístico, afinal, transmitido pelo discurso, consiste em descontinuidades (forma) em um contínuo (substância).

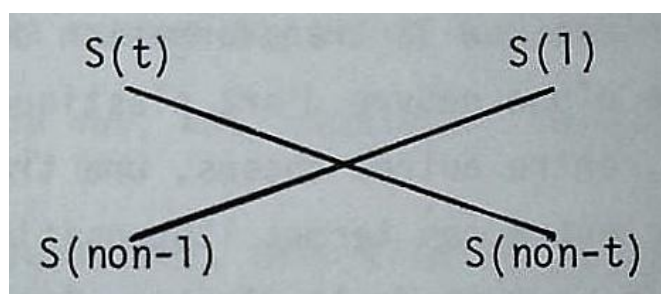
Nível categorial	S (s1+2) e ~S (~s1+~s2)
Nível sêmico	s1, s2, ~s1 e ~s2
Nível subsêmico	Tensão vs relaxamento

Fonte: Elaboração própria

Dessa forma, é possível perceber como todas as considerações feitas por Zilberberg acerca do estatuto de cada um dos tipos de contrariedade e sua proposta de “ajustar” o recurso ao modelo fonológico não tem por finalidade apagar o que a semiótica escreveu até então sobre a organização elementar da significação, mas sim integrar a este quadro conceitual elementos que sua leitura da fonologia apontava como pertinentes e faltantes.

A partir da coexistência desses dois níveis de elementaridade, surgem alguns entrelaçamentos dos seus modos de presença interessantes que revelam, ou reforçam, as suas posições no interior da economia da teoria. Vejamos, ao propor uma sintaxe para a nova configuração da oposição que forma os semas, Zilberberg estabelece que há um “percurso de relaxamento” que parte do “tenso” S1 (t) em direção ao “extensivo” S1 (não-t). Assim como há um “percurso tensivo” que vai do “relaxado” S1 (l) ao “intensivo” S1 (não-l) (ZILBERBERG, 1981, p. 12, traduções nossas⁶⁶). Através do entrecruzamento desses dois percursos são formados dois quadrados semióticos, o primeiro com as notações simbólicas apresentadas (Figura 10) e, o segundo, com um revestimento lexical que estabelece para cada posição desse “quadrado” semiótico uma “modalidade tensiva” (Figura 11) (ZILBERBERG, 1981, p. 12, tradução nossa⁶⁷).

Figura 16: Entrecruzamento dos percursos subsêmicos

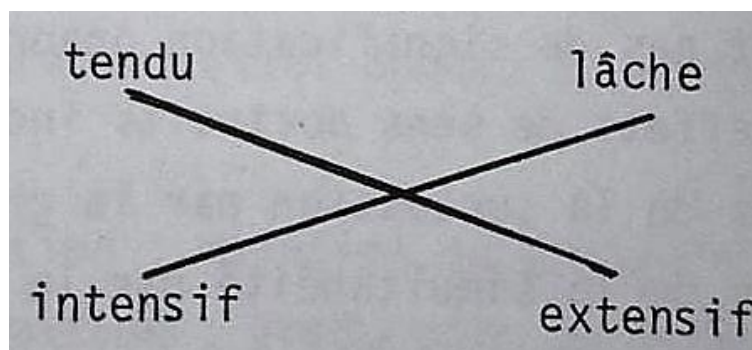


⁶⁶ Termos originais: “parcours laxiste”; “tendu”; “extensif”; “parcours tensif”; “lâche”; “intensif”.

⁶⁷ Trecho original: “modalités tensives”.

Fonte: (ZILBERBERG, 1981, p. 12)

Figura 17: Modalidades tensivas



Fonte: (ZILBERBERG, 1981, p. 12)

Vemos, então, que o quadrado semiótico é utilizado para organizar modalidades do próprio nível subsêmico. Essa prática teorizadora é representativa de dois pontos importantes para nosso estudo histórico e epistemológico acerca das estruturas elementares. O primeiro é a diferença entre o modelo gráfico do quadrado semiótico e as estruturas elementares. Nos dois quadrados acima, temos o entrecruzamento de, aparentemente, duas contradições. Contudo, não resulta desses modelos uma estrutura elementar da significação. Primeiramente porque (t) e (não-t) é uma oposição gradual, assim como (l) e (não-l)⁶⁸. Em seguida, porque cada dêixis representa o espaço interior a um só sema, e uma relação entre semas, como é no caso da estrutura elementar. Quadrado semiótico e estruturas elementares, portanto, são independentes apesar da excelência representativa que o primeiro tem sobre a segunda.

O segundo ponto que temos a oportunidade de abordar a partir da apresentação das modalidades tensivas é a função metodológica que o quadrado semiótico assume na teorização da semiótica. Nos últimos parágrafos da seção 3.3.1, pudemos verificar como a noção de categoria e as oposições que a constituem pautaram o processo de generalização do modelo atuacional de Propp para reduzi-lo e formar o modelo greimasiano, integrando, dessa forma, o nível de reflexão metodológica da teoria. Desta vez, Zilberberg se serve da disposição dos termos e das relações em um quadrado semiótico no processo de formular suas modalidades tensivas, reafirmando que nesse jogo relacional reside um elemento metodológico importante para os semioticistas na produção da metalinguagem descritiva da teoria.

⁶⁸ Zilberberg representa na figura 10 a oposição gradual entre “tenso+” (1) e “tenso-” (0) com os termos (t) e (não-t), entretanto, o operador de negação, “não”, estabelece uma relação de contraditoriedade, entre a qual não pode haver gradação. Dessa forma, o semioticista retoma a “tradição” estabelecida por Greimas (1966) do uso indiscriminado da notação lógica em semiótica (BADIR, 2012).

Finalizando, busquemos colocar em perspectiva a entrada do novo nível de elementaridade do nível profundo da significação, sua nova forma opositiva e a nova abordagem do diagrama do quadrado semiótico. Enquanto essas formulações se apresentam como continuidade, o que de fato são, elas trazem consigo uma nova hierarquização e, conseqüentemente, uma nova axiomática, pois isso implica em novos valores, assim como em uma redistribuição da pertinência ao longo dos três níveis de elementaridade. A pertinência, desse modo, é uma espécie de recurso limitado do qual os conceitos dependem. A subsistência de um elemento na teoria ou sua substituição está relacionada, evidentemente, ainda que não de forma integral, à pertinência que a teoria como um todo atribui a este elemento. É claro, também, que os semioticistas estão todos preocupados com o bom andamento da disciplina e o nível de operacionalidade de cada conceito, ainda assim, enquanto uma pesquisa dedicada especificamente às estruturas elementares, buscamos o que há de polêmico, inclusive nas transições pacíficas.

Encerrando assim a descrição deste estágio de desenvolvimento da semiótica, cujas contribuições são relevantes para a discussão da elementaridade, partimos a seguir para a descrição daquilo que foi produzido já na última década do século XX, no que concerne nosso objeto.

3.2 A especialização do ponto de vista tensivo sobre as estruturas elementares nos anos 1990

Nesta seção, abordaremos um novo estágio de desenvolvimento do nosso objeto pela interpretação tensiva da semiótica do discurso, construído a partir do estágio apresentado na seção anterior, e, portanto, em continuidade com as formulações de Greimas. Anteriormente a esta descrição, entretanto, é relevante para nossa compreensão deste percurso histórico que se forma, tomarmos ciência de alguns antecedentes.

A começar pela integração de *Semiótica das Paixões* (GREIMAS; FONTANILLE, 1993 [1991]) ao nosso trabalho, última obra escrita por Greimas, em coautoria com Fontanille. Através do título e do ano de publicação, podemos perceber duas coisas. Primeiramente, pelo ano em que foi publicada, pode-se notar que dez anos já a separam das primeiras reavaliações da estrutura elementar propostas por Zilberberg. Em seguida, pelo título, é possível perceber que não é um estudo dedicado ao nosso objeto. Não obstante, possui declarações relevantes para compreendermos como o autor do discurso fundador da disciplina se posiciona sobre aquelas interpretações que já completam uma década.

Na introdução, escrita pelo próprio Greimas⁶⁹, o semioticista lituano anuncia:

O edifício teórico não pode ser construído, num gesto fundador acompanhado de uma sequência de deduções teomáticas: uma descoberta localizada na superfície do texto, uma inconsistência que aí se percebe não deixa de ressoar em profundidade na teoria e provocar perturbações, suscetíveis de questionar a economia do percurso gerativo em seu conjunto. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 9).

Dessa forma, Greimas deixa claro que a teoria semiótica, enquanto uma disciplina de vocação científica, inspirada pelo método positivo desde Saussure e consciente da necessidade de se aliar o método dedutivo ao indutivo, reavaliando-se a teoria construída de acordo com os novos dados relevantes ou problemáticos à medida que aparecem. Nesse sentido, a semiótica só pode ser uma teoria em construção, na qual aquilo que em um momento é adquirido pode, mediante justificativa, ser revisto ou abandonado.

Há, portanto, o reconhecimento dos movimentos de novas interpretações da teoria como legítimos, e ainda que não sejam mencionados diretamente um aval explícito é concedido para tanto. Além disso, a Semiótica das Paixões oferece também de importante para nosso objetivo de descrição das tendências da teoria, um ponto de inflexão no sentido da abertura da teoria para os temas referentes à sensibilidade, indicado também pelo próprio título.

É por isso que o sujeito epistemológico da construção teórica não pode apresentar-se como puro sujeito cognitivo “racional”; com efeito, em seu percurso que conduz ao advento da significação e à sua manifestação discursiva, ele encontra obrigatoriamente uma fase de “sensibilização” tímica. (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 14)

Dessa forma, a teoria semiótica se ajusta para melhor responder às implicações epistemológicas de sua filiação a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, buscando integrar à semiótica “intelectualista” das décadas anteriores, os modos de se conhecer relativos ao corpo e a afetividade, afinal, “poder falar de paixão é, portanto, tentar reduzir esse hiato entre o ‘conhecer’ e o ‘sentir’” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 22).

Zilberberg, da sua parte, posteriormente a publicação dos *Essais sur les modalités tensives* (1981), se dedicou a um intenso estudo histórico sobre a semiótica e suas influências na linguística estrutural que publicou sob o título de *Razão e poética do sentido* (1988). Nesta obra, o semioticista aprofunda-se nas teorias linguísticas de Saussure, Hjelmslev, Brøndal, Jakobson, entre outros, assim como faz uma reavaliação do próprio paradigma greimasiano da semiótica. Ele apresenta também elementos teóricos importantes para a construção do ponto de vista tensivo, como o fazer missivo. Escreve, então, a história da disciplina enquanto colabora

⁶⁹ Fontanille, em entrevista concedida a Portela (FONTANILLE; PORTELA, 2006, p. 168), revela que somente a introdução e a conclusão da *Semiótica das paixões* (1993) foi escrita pelo próprio Greimas.

na sua construção e desenvolvimento. Essa apropriação que Zilberberg faz da história da semiótica o torna um excelente exemplo da definição de cientista oferecida por Koerner (2014) na sua comparação com o assistente de laboratório:

Argumentaria que é este conhecimento ou esta conscientização informada o que constitui a diferença essencial entre o cientista e o assistente de laboratório: o cientista sabe de onde vieram as técnicas e quais são as suas limitações; o assistente de laboratório, que controla somente a arte mecânica do ofício, não o sabe, e facilmente pode ficar bloqueado, quando um procedimento que esperava estar correto para emulá-lo a toda hora não produz o resultado desejado. (KOERNER, 2014, pp. 33-34).

A partir dessas tendências que assinalamos, e da apropriação da parte dos semioticistas de sua própria história, temos a reunião dos dois grandes estudiosos Zilberberg e Fontanille, que mostram que o conhecimento mais elevado que pode se chegar é aquele construído coletivamente. A história das estruturas elementares, inclusive, é uma história de colaborações, como notou Badir (2012), pois, após a *Sémantique Structurale* (1966), os textos mais importantes de desenvolvimento deste conceito foram escritos em parcerias. Partamos então, para a descrição do estágio de desenvolvimento do nosso objeto representado por *Tensão e Significação* (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001) e, recorrendo, por vezes, aos *Elementos de semiótica tensiva* (ZILBERBERG, 2011) que compartilha do mesmo estágio de desenvolvimento da estrutura elementar tensiva.

De acordo com o prólogo da obra em questão, este trabalho colaborativo entre Fontanille e Zilberberg se propunha de início a ser um dicionário, entretanto, o número de verbetes foi reduzido para cada elemento poder ser tratado com maior profundidade. Dessa forma, o capítulo mais relevante para a história das estruturas elementares é aquele intitulado “Categoria - Quadrado semiótico” (2011, p. 60-122). O título evoca uma questão discutida ao longo desta dissertação, a suposta equivalência entre estruturas elementares da significação e quadrado semiótico. Os autores não sustentam explicitamente esta tese, e a divisão pelo travessão dos termos que compõem o título pode estar sendo usado para tratá-los como elementos distintos. O fato é que a noção de “categoria”, ela sim é sinônima de estrutura elementar, enquanto, novamente, o quadrado semiótico possui um sema diferencial relativo à representação gráfica, pois ele é, de fato, um diagrama que é análogo às estruturas elementares.

Um trecho do Dicionário de semiótica utilizado pelos autores vai no sentido de atribuir essa especificidade visual ao quadrado semiótico do qual, a noção de categoria e estrutura é desprovida, “Compreende-se por quadrado semiótico a **representação visual** da articulação lógica de uma categoria qualquer.” (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 364 **apud** FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 60, grifos nossos). Já a categoria que possui acepções

diversas encontra, em uma delas, definição equivalente à de estrutura elementar. De acordo com a sexta entrada do verbete de “Categoria” do *Dicionário de semiótica*:

Sendo qualquer semiótica uma rede relacional, as estruturas elementares que organizam tais relações podem ser consideradas como **categorias semânticas**: conforme o plano da linguagem que ajudam a constituir, elas serão chamadas ora categorias **sêmicas**, ora categorias **fêmicas**, podendo ambas ser utilizadas como categorias gramaticais (a entonação ou a ordem das palavras, são categorias fêmicas ou funções gramaticais). (GREIMAS; COURTÉS, 1983, p. 45).

De todo modo, a relação entre essas noções é íntima e requer, frequentemente, um tratamento simultâneo, ainda que isso venha a colaborar para a confusão conceitual.

A seguir, o domínio da história da disciplina em que atuam proporciona aos autores de *Tensão e significação* (2001) a capacidade de expor e se posicionarem em relação às tradições semióticas que os antecederam de modo excepcionalmente sintético, de tal maneira que as tensões que estão em jogo na sua interpretação ficam claras. Assim apresentam as quatro semióticas que disputaram nos anos 1960 a linguística europeia

uma semiótica da *diferença* e do *valor*, herdeira declarada do *Curso de linguística geral* de Saussure; uma semiótica da *dependência* preconizada por Hjelmslev; uma semiótica da *oposição* binária distintiva, formulada por Jakobson e ilustrada por Lévi-Strauss; enfim, uma semiótica da *complexidade*, proposta já com certa clareza por Brøndal. (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 66, grifos dos autores).

E, então, os autores se posicionam: “[...] colocamo-nos deliberadamente na perspectiva de uma *semiótica da dependência e da complexidade*.” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 75, grifos dos autores). Vejamos, então, as implicações da escolha desses conceitos na reorganização das estruturas elementares.

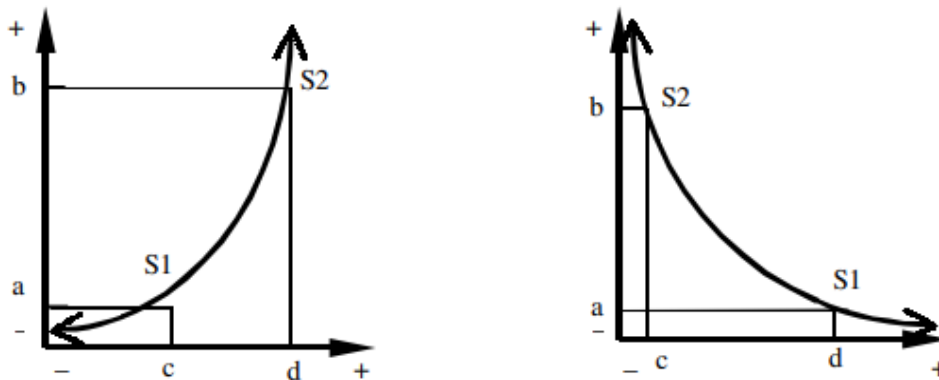
A começar pela complexidade, mais uma vez os semas são o “alvo” da reformulação proposta. Embasados na linguística de Copenhague, Fontanille e Zilberberg concebem o sistema linguístico como possuindo exclusivamente elementos complexos, ou seja, todo elemento é composto por pelo menos duas dimensões. Os semas, portanto, que na semiótica greimasiana eram i) unidades mínimas do conteúdo; e, ii) pontos de interseção entre relações categóricas, passam a ser i) grandezas compostas; e, ii) valores assumidos no interior de dimensões graduais.

Poder-se-ia, então, questionar se dentro desta nova perspectiva em que há apenas elementos complexos, se essas dimensões não seriam as novas “unidades mínimas” transformando todo este postulado em um esforço inútil. Entretanto, as dimensões são em si complexas, por sua natureza gradual. Cada dimensão é dimensão de uma qualidade semântica

que vai de um grau átono até um grau tônico, transformando-as em subcategorias. Acrescenta-se a isso, o fato de cada dimensão entreter com a outra uma relação de dependência, o que nos leva ao segundo tópico desta primeira apresentação descritiva. A dependência estabelece, de fato, a complexidade constitutiva dos elementos dependentes, uma vez que o isolamento não é permitido.

A forma utilizada para se representar este modelo de elementaridade é um diagrama baseado, assim como o modelo da seção, no plano cartesiano.

Figura 18: Diagrama tensivo



Fonte: (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 26)

Podemos ver, então, que o sema, unidade complexa, ao se definir pela sua dupla posição entre dimensões, torna inviável e desprovido de significação uma dimensão isolada, estabelecendo assim a dependência entre todos os elementos envolvidos para que tenham sentido, e para produzirem significado.

Prosseguindo, as dimensões podem assumir um conteúdo semântico variável, a depender do objeto que se analisa. Apesar disso, elas possuem uma ordenação invariável sobre a qual os conteúdos que a revestem devem se ajustar.

(i) na linha das ordenadas, um eixo da intensidade sobre a qual incidem os estados de alma que afetam o sujeito;

(ii) na linha das abscissas, um eixo da extensidade sobre o qual incide a consistência variável dos estados de coisas. (ZILBERBERG, 2011, p. 253).

Recai, portanto, sobre a dimensão orientada verticalmente, os conteúdos relativos à percepção afetiva dos acontecimentos e é chamada “intensidade” enquanto que, na dimensão orientada pela horizontal, recaem os conteúdos relacionados à inteligibilidade e sua designação

é a “extensidade”. A categoria que surge da união dessas dimensões é a da “tensividade”, em razão disso, o diagrama apresentado na figura 14 é também chamado de espaço tensivo.

Cada dimensão, ou eixo, é um gradiente e, portanto, composto de virtualmente infinitas posições, entretanto duas posições são as privilegiadas e pertinentes, as posições polares. Na metalinguagem da semiótica tensiva, essas posições são chamadas “valências”, as valências, portanto, da intensidade são “impactante vs. tênue”, enquanto as da extensidade são “concentrado vs. difuso”⁷⁰ (ZILBERBERG, 2011, p. 67).

A partir disso, é possível perceber, ao se referir novamente a figura 14, que no espaço tensivo são traçados dois perfis de correlações de valências. O primeiro perfil demonstrado na imagem que reproduzimos acima é o da correlação conversa, no qual ambas valências se movem no mesmo sentido no diagrama. Já o segundo perfil é o da correlação inversa, que ocorre quando a valência de um eixo recua na mesma medida em que a valência do eixo oposto avança.

Como havíamos apontado na seção 3.4, é marcante como no nível do objeto houve uma expansão que, anteriormente, sob as determinações da ciência positiva, que orientou os trabalhos de Saussure, Hjelmslev, Lévi-Strauss, entre outros, jamais seria possível. Não só agora a dimensão das percepções subjetivas é passível de análise para a semiótica, como essa dimensão assume na teoria um papel fundamental, no sentido de que ela realmente fundamenta a elementaridade de produção e da recepção do sentido. Além da defesa do padrão de cientificidade da teoria, o afastamento metodológico que preocupava os linguistas se relacionava também com a defesa do campo de atuação da linguística, que poderia ser reivindicado por disciplinas como a própria psicologia. Contudo, esse tipo de preocupação não parece afligir os semioticistas se nos basearmos nos escritos que nossa descrição tem por base.

Os autores de *Tensão e significação* (2001) atribuem a tipos diferentes de análises os resultados obtidos por Greimas, Rastier e Courtés, no modelo que produziram para as estruturas elementares, e os resultados que eles mesmo obtiveram. Essa oposição entre tipos de análise é oriunda de Hjelmslev e consiste, a primeira, em uma análise por subdivisão que leva o analista a encontrar ora termos simples, ora termos complexos que se organizam em hierarquias, enquanto o segundo tipo é o da análise por dimensões, empreendida por Fontanille e Zilberberg. Esse tratamento dos dados produz exclusivamente elementos complexos que se organizam no

⁷⁰ As valências “impactante” e “concentrado” são as que assumem as posições positivas (+) nos gradientes, enquanto as valências “tênue” e “difuso” assumem as posições negativas (-).

interior de uma rede. A seguir, destacamos um trecho enumerando esses elementos que formam a organização do modo de existência da elementaridade de acordo com a interpretação tensiva.

(i) a relação paradigmática se insere no que propomos chamar, com Hjelmslev, uma *rede* [...];

(ii) uma rede compõe, por definição, dimensões distintas. Nesse sentido, várias explanações no presente estudo mostram que as dimensões predominantes podem ser a *intensidade* e a *extensidade*;

(iii) em cada dimensão operam correlações de *valências*, ora conversas, ora inversas [...]. (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 69).

Até aqui, descrevemos o funcionamento proposto pela semiótica tensiva para a estrutura elementar enquanto sistema, paradigmaticamente. Vamos agora apresentar como as premissas tensivas concebem a ordenação dessas estruturas enquanto processo. Retornando antes, brevemente, a título de esclarecimento, a sintaxe elementar da semiótica *standard*, lembremos que ela era formada por duas operações que levavam de um termo da oposição contrária ao seu termo rival, a partir de duas operações. Primeiramente, partindo de s_1 , a operação da negação gerava seu termo contraditório $-s_1$, em seguida, através da implicação a sintaxe elementar conduzia ao termo s_2 . Na seção 3.3.3, “Críticas à estrutura elementar da significação”, apresentamos a objeção que se levantava contra, particularmente, o papel da indução nesse percurso.

A reflexão da tensiva sobre a sintaxe elementar parte tanto da organização que já estava posta, baseada na contradição e na implicação, quanto das objeções feitas a este modelo. Sua teorização se dá, então, buscando solucionar a problemática produzida pela “fraqueza” da relação de implicação, que ao selecionar o contrário a partir do contraditório realiza um gesto muito específico de modo aparentemente arbitrário ou injustificado, e, a solução dessa problemática deriva justamente de introduzir de modo mais determinante as premissas da complexidade e da dependência.

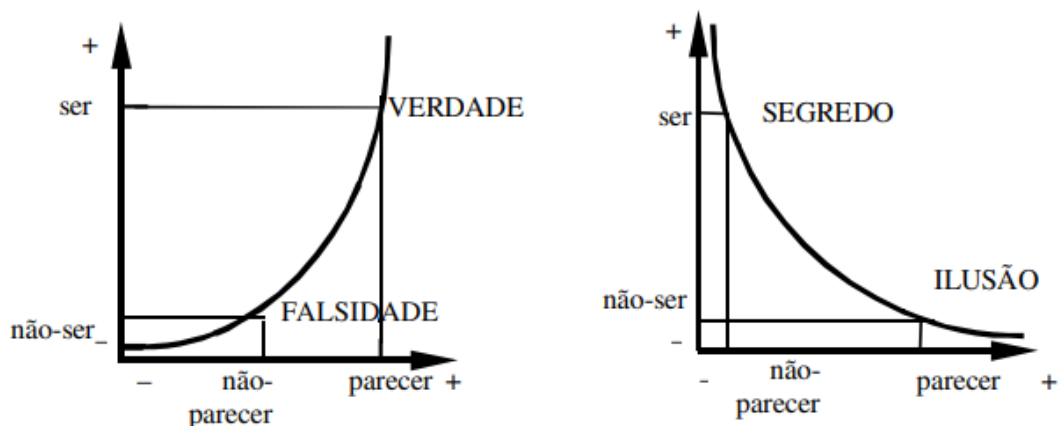
Partindo da determinação de que não há termos simples nas categorias, somente complexos, a sintaxe elementar passa a operar simultaneamente com duas dimensões articuladas, fazendo com que a arbitrariedade aparente da seleção da implicação pelo termo contrário seja solucionada por meio da correlação dessas dimensões, que orienta a implicação no sentido da recursividade da microestrutura categorial. As dimensões postas em correlação são determinadas em cada universo discursivo, de modo que uma mesma dimensão pode ser associada com dimensões diferentes a depender da construção das isotopias desses discursos. O exemplo oferecido pelos autores parte da oposição entre “pobre” e “rico”, que se torna uma

dimensão gradual que compreende essas duas posições máximas. De acordo com os autores, essa dimensão se associará com dimensões distintas caso apareça num conto folclórico ou numa história bíblica, “No primeiro caso, ela será tratada dentro da isotopia social, como uma figura do *não poder fazer individual*; no outro, dentro da isotopia da sensibilidade à palavra divina, quer dizer, na verdade, como um *pode saber* ou *poder sentir*” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 72). Dessa forma, a semiótica tensiva formaliza o “suplemento” necessário a operação implicativa para justificar a seleção específica que ela realiza entre a negação de s1 e a asserção de s2.

Entretanto, enquanto a correlação de dimensões parece oferecer uma saída natural para as problemáticas encontradas no modelo anterior da sintaxe elementar, podemos perceber, através da organização das dimensões propostas pelos autores, um agravamento de outra problemática que surgia da utilização da contradição e da implicação, não apenas como operadores da sintaxe como também da semântica elementar. A problemática é a da falta de homogeneidade da estrutura, justamente por lidar com esses dois tipos de operações lógicas.

Dessa vez, este problema se manifesta em razão do espaço tensivo, que é concebido como articulação de oposições graduais, ser articulado vez ou outra com termos contraditórios, implicando que entre um termo e sua negação exista um gradiente. Há espaços tensivos organizados pelos autores, inclusive, que ambas dimensões são formadas por oposições contraditórias, como mostra a imagem a seguir.

Figura 19: Modalidades veredictórias no espaço tensivo



Fonte: (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 78)

Portanto, assim como os autores acentuaram a aproximação da teoria semiótica com a fenomenologia, eles acentuaram também o desvinculamento da semiótica com a lógica. O próprio Greimas tinha clareza ao demonstrar que o funcionamento da linguagem não era puramente lógico e, conseqüentemente, a semiótica não poderia se limitar a descrever seus objetos seguindo à risca as determinações da lógica. Não obstante, ele buscou certa isomorfia entre as definições das relações lógicas em sua teorização e as definições usuais dos trabalhos de lógica. Fontanille e Zilberberg, por outro lado, se valendo de Hjelmslev⁷¹, buscaram uma liberdade maior para poderem operar com a contradição da maneira que demonstramos acima. Eis a seguir um trecho ilustrando esses posicionamentos:

Para Greimas e Courtés, a articulação é dada como “lógica”, mas parece-nos mais judicioso considerá-la como “lógico-discursiva”; caso contrário, a teoria semiótica seria “apriorística” e “transcendente”, ou seja, contraditória com as premissas epistemológicas às quais, por outro lado ela se vincula. (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p. 62).

Para encerrarmos a descrição deste último estágio de desenvolvimento que consta em nossa pesquisa para a estrutura elementar tensiva, organizamos em uma tabela o novo léxico referente ao nosso objeto elaborado por Fontanille e Zilberberg.

Tabela 7: Léxico tensivo para as estruturas elementares da significação

Rede	Tensividade	
Dimensões	Intensidade	Extensidade
Valências	Impactante vs. Tênu	Concentrado vs. Difuso

Fonte: Elaboração própria

Na tabela apresentada, há uma orientação vertical que corresponde ao englobamento dos conceitos, no sentido que o conceito de rede é composto por dimensões, e o conceito de dimensões é, no fim das contas, um conjunto de valências. Assim como a valência é composta por uma dimensão de intensidade e outra de extensidade, e essas dimensões, por sua vez, são compostas pelas valências impactante vs. tênu e concentrado vs. difuso, respectivamente. Dessa forma, há também uma orientação horizontal de identidades, pois a tensividade é uma

⁷¹ A formulação hjelmsleviana a que os autores recorrem nesse caso é a subordinação dos sistemas lógicos e sublógicos ao sistemas pré-lógicos, que segundo Hjelmslev é o único capaz de descrever efetivamente a linguagem

rede, a intensidade é uma dimensão e, assim por diante. Por fim, é certo que a semiótica tensiva produziu uma metalinguagem descritiva bastante mais rica do que a que está aqui exposta, nos limitamos, então, à descrição dos elementos que julgamos mais centrais na sua interpretação do nível elementar.

4. DIÁLOGOS ESTABELECIDOS COM A SEMIÓTICA POR MEIO DAS ESTRUTURAS ELEMENTARES

Neste capítulo, apresentaremos ainda outras interpretações sobre o nosso objeto que são produtos do incômodo de autores com certos aspectos da estrutura original elaborada por Greimas e desenvolvida pelo lituano em parceria com Rastier e Courtés. Esses outros modelos, derivados do greimasiano não ocupam em nossa pesquisa uma posição de centralidade, e isso se dá por três razões. A primeira razão é, em si, dupla, se dá pelo fato de termos privilegiado a interpretação tensiva das estruturas elementares e, a extensão de ser limitada, não sobrando espaço para se debruçar mais sobre esses outros modelos. Já a segunda razão é que esses modelos são voltados mais puramente ao modo de representação das estruturas elementares, o quadrado semiótico, do que propriamente a elementaridade do sentido.

Finalmente, o último motivo é a menor fidelidade ao projeto greimasiano que os trabalhos que apresentaremos aqui representam, pois, apesar de Greimas não ter participado efetivamente da interpretação tensiva sobre a elementaridade semiótica, a proximidade de Fontanille e Zilberberg do mestre lituano, juntamente com o apego desses semioticistas pelas referências da linguística estrutural que estiveram com Greimas desde a escrita do discurso fundador, atribuem a contribuição desses autores às estruturas elementares uma propriedade mais “canônica” e “oficial”.

Prossigamos então com as breves exposições de diferentes projetos concebidos para o quadrado semiótico, na perspectiva de diálogos e pontes estabelecidas entre a semiótica e teorias diferentes, em virtude da reflexão acerca do modelo constitucional.

4.1 Jean Petitot e a topologização do quadrado semiótico

Jean Petitot é um autor francês de grande envergadura teórica, tendo iniciado sua formação estudando matemática na década de 1960 e, em seguida, nas décadas de 1970 e 1980, percorrido formações na área das ciências humanas e sociais. Foi discípulo de René Thom, um matemático bastante consagrado que recebeu a medalha Fields, equivalente a um prêmio Nobel na área da matemática. Sendo discípulo de Thom, ele se dedicou principalmente à teoria elaborada pelo seu professor, a teoria das catástrofes. Sua dedicação a esta teoria é também motivo da grande amplitude teórica dos seus escritos, pois apesar de ser uma teoria matemática,

ela possui aplicação em muitas ciências e disciplinas, como na física, na biologia, na psicologia e, é claro, na semiótica.

Sendo a interdisciplinaridade que se estabelece nessa interpretação do quadrado semiótico bastante profunda e complexa com a área da matemática, só podemos oferecer um panorama superficial da troca realizada entre teoria das catástrofes e a teoria semiótica de Greimas. Ainda assim, apoiados em textos de Erik Christopher Zeeman⁷² (1976) e de Ivã Carlos Lopes (2014), conseguiremos transmitir os aspectos fundamentais desse momento em que a elementaridade da significação e sua forma de representação animou debates e motivou trocas teóricas, representando um momento importante da narrativa que estamos construindo.

Inicialmente, sobre a teoria das catástrofes, devemos esclarecer que o termo "catástrofe" não está aqui, necessariamente na sua acepção mais trágica e radical, portanto, se refere a qualquer mudança brusca no interior de um sistema. Um exemplo competente dessas "catástrofes" corriqueiras é a ebulição da água, que após sofrer perturbações graduais em sua temperatura atinge, aos 100°C, um ponto no qual uma alteração brusca e descontínua se dá na sua organização material, indo de líquida para gasosa. Evidentemente, uma "quebra" repentina da bolsa, ou, um deslizamento de terra, também se configuram como catástrofes. Entretanto, o objeto da teoria das catástrofes é justamente a estabilidade dos sistemas (PETITOT, 1977). A abordagem matemática desses eventos catastróficos, a partir dos quais se compreende a estabilidade nos sistemas em que eles ocorrem, se dá através da topologia. Acerca disso, Zeeman (1976) diz o seguinte:

A teoria é derivada da topologia, o ramo da matemática preocupado com as propriedades das superfícies em muitas dimensões. A topologia está envolvida porque as forças subjacentes na natureza podem ser descritas por superfícies lisas de equilíbrio; é quando o equilíbrio se desfaz que ocorrem as catástrofes. O problema para a teoria da catástrofe é, portanto, descrever as formas de todas as superfícies de equilíbrio possíveis. Thom resolveu esse problema em termos de algumas formas arquetípicas, que ele chama de catástrofes elementares. (ZEEMAN, 1975, p. 65, tradução nossa⁷³).

Dessa forma, é a partir das catástrofes elementares descritas por Thom, que Petitot realiza a topologização do quadrado semiótico em 1977. O motivo por detrás desse

⁷² Zeeman foi também discípulo de Thom e responsável pela popularização da teoria das catástrofes nos anos 1970 através da aplicação dos modelos da teoria a diversas áreas do conhecimento, o que levou também a teoria a ser bastante criticada (LOPES, 2014).

⁷³ Trecho original: The theory is derived from topology, the branch of mathematics concerned with the properties of surfaces in many dimensions. Topology is involved because the underlying forces in nature can be described by smooth surfaces of equilibrium; it is when the equilibrium breaks down that catastrophes occur. The problem for catastrophe theory is therefore to describe the shapes of all possible equilibrium surfaces. Thom has solved this problem in terms of a few archetypal forms, which he calls the elementary catastrophes.

empreendimento é a compreensão de Petitot de que a organização “lógico-combinatória” do modelo constitucional oculta seu “ser-formal real” (PETITOT, 1977, p. 357, traduções nossas⁷⁴). Petitot inicia, assim, a apresentação de sua proposta com uma crítica de como a lógica formal foi interpretada e utilizada pelos semioticistas até então, com atenção especial para a operação de contradição e a ambiguidade que ela apresenta na teoria semiótica.

De fato, existe no quadrado semiótico uma *equivocidade estrutural original* entre a oposição lógica A vs $\sim A$ e a oposição privativa A vs não A . Não A exprime a *ausência* de um traço, isto é *uma não-marcação* enquanto $\sim A$ exprime a *afirmação* de um traço negado, ou seja, *uma anti-marcação*. (PETITOT, 1977, p. 357, tradução nossa⁷⁵)

A concepção da oposição de contrariedade também é avaliada por Petitot como equivocada e, além disso, em virtude da articulação entre os níveis do percurso gerativo do sentido, sua crítica se estende para todas as estruturas semio-narrativas, alcançando, desse modo, a gramática narrativa. Não obstante, o problema fundamental do qual decorrem todas essas questões é o fato de, segundo Petitot, as relações constitutivas da estrutura elementar e do quadrado semiótico serem, na verdade, relações topológicas e não lógicas. A solução, enfim, consiste na topologização do modelo semiótico.

Como as oposições privativas e as oposições qualitativas são de essência topológica e não lógica, pois surgem de uma articulação de lugares (colocalização) e não de uma sintaxe de termos (relações), o quadrado semiótico, que as conecta e as faz "manter-se juntas" em uma forma canônica de complexidade mínima, é topológica em essência. (PETIOT, 1977, p. 372, tradução nossa⁷⁶)

A topologia do quadrado semiótico é concebida primeiramente pelas definições topológicas de suas partes, o sema, desse modo, mais uma vez perde seu posto de unidade mínima do plano do conteúdo e assume uma definição de uma posição em um plano. Essa posição é, porém, mais do que simples ponto, ela é representada por curvaturas que podem possuir “mínimas” e “máximas”. As mínimas são as pontas das curvaturas, enquanto as máximas são protuberâncias que apontam para cima no interior da curvatura. Entre as mínimas, uma toma a posição de dominante sobre a outra, o que estabelece entre ela uma relação de pressuposição, em que a mínima dominante pressupõe a outra. Ela se diferencia por ser a mais profunda na curvatura.

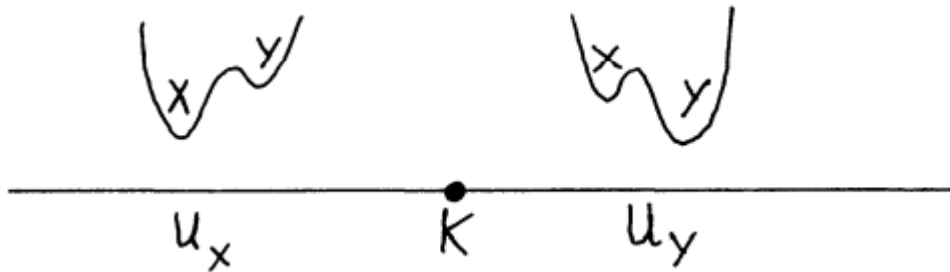
⁷⁴ Termos originais: “logico-combinatoire”; “être-formel réel”.

⁷⁵ Trecho original: “Il existe en effet dans le carré sémiotique une équivocité structurale originaire entre l'opposition logique A vs $\sim A$ et l'opposition privative A vs non A . Non A exprime en effet l'absence d'un trait, c'est-à-dire un non-marquage alors que $\sim A$ exprime l'affirmation d'un trait nié, c'est-à-dire un antimarquage.”

⁷⁶ Trecho original: Puisque les oppositions privatives et les oppositions qualitatives sont d'essence topologique et non logique, puisqu'elles relèvent d'une articulation de places (colocalisation) et non d'une syntaxe de termes (relations), le carré sémiotique, qui les connecte et les fait « tenir ensemble » en une forme canonique de complexité minimale, est lui-même d'essence topologique.

A seguir, na Figura 20, está representada na catástrofe elementar de codimensão 1, chamada “prega”, que é a mais simples de todas, sendo simplesmente uma linha horizontal (LOPES, 2014, p. 187), duas posições (U_x e U_y) que se definem pela dominância de mínimas distintas. O ponto K estabelece o ponto de catástrofe, em que o evento descontínuo acontece e a qualidade dos sistemas se altera. Na topologia, os processos devem poder acontecer sempre nos dois sentidos, portanto, tanto U_x ao atravessar o ponto K se torna U_y , quanto o inverso. Desse modo, temos a organização topológica da oposição qualitativa, ou, da contrariedade (PETITOT, 1977).

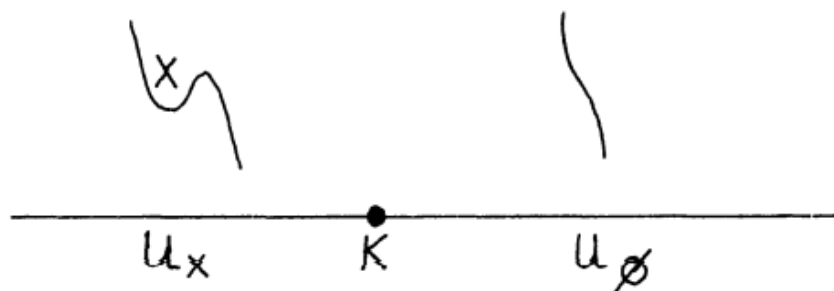
Figura 20: Topologia da oposição qualitativa



Fonte: (PETITOT, 1977, p. 383)

Prosseguindo, as oposições privativas são organizadas na mesma catástrofe elementar que possui o ponto K como catastrófico, porém a posição U_x será definida apenas pela presença de uma mínima acompanhada de uma máxima, enquanto a posição U_y é formada pela anulação mútua entre a mínima e a máxima para formar uma ausência de posições, como na figura a seguir.

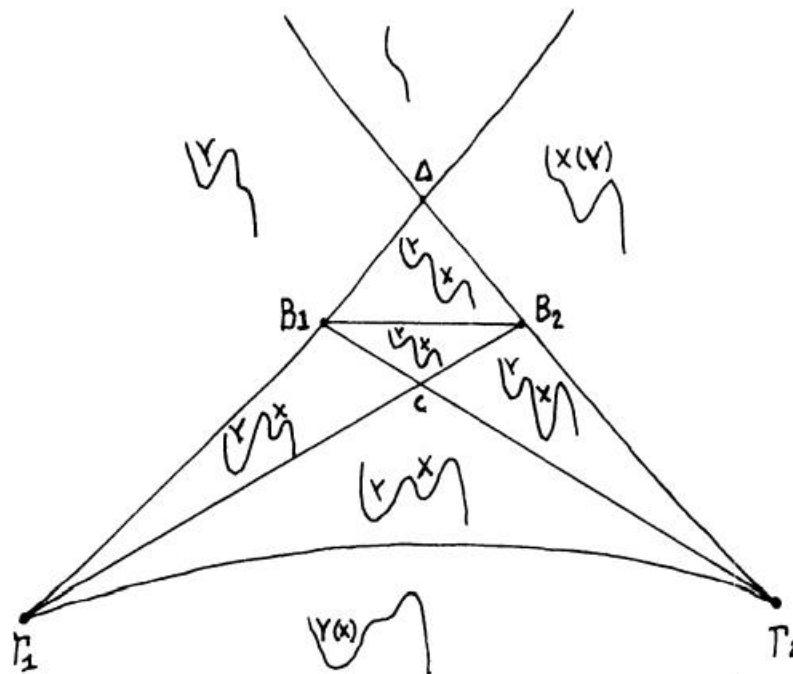
Figura 21: Topologia da oposição privativa



Fonte: (PETITOT, 1977, p. 384)

Nos limitaremos a explanação dessas duas topologias pois o grau de complexidade do pensamento do Petitot aumenta consideravelmente desses modelos baseados na catástrofe elementar de uma única codimensão, para a catástrofe elementar de três codimensões chamada “cauda de andorinha”, na qual o modelo topológico do quadrado semiótico de fato se realiza. Podemos, entretanto, ainda reproduzi-lo, a título de curiosidade.

Figura 22: Modelo topológico do quadrado semiótico



Fonte: (PETITOT, 1977, p.408)

É possível perceber com o que apresentamos, como as propostas da teoria das catástrofes para a semiótica são profundas e, por isso, radicais. Se levadas às últimas consequências, uma ampla revisão da base epistemológica e metodológica da teoria seriam necessárias.

4.2 A geometria oposicional e as expansões possível do quadrado semiótico

A geometria oposicional é uma disciplina situada entre a geometria e a lógica, seus principais desenvolvedores são Jean-Yves Béziau e seu aluno Alessio Moretti. Este quadro de

pesquisas foi formalmente apresentado por Moretti em 2004, mas a fonte mais antiga que utilizamos aqui é sua tese de pós-doutorado “The geometry of logical opposition” (MORETTI, 2009). Para o nosso trabalho tem especial relevância o estudo histórico feito por Moretti sobre o quadrado semiótico, no qual ele propõe a aplicação da geometria oposicional para corrigir certas aplicações de noções lógicas no quadrado, e para complexificar o modelo com o aumento de termos em oposição no seu interior, este estudo é o “Le retour du refoulé: l’hexagon logique qui est derrière le carré sémiotique” (MORETTI, 2014).

Inicialmente, devemos ter em mente que a geometria oposicional é um campo de estudos derivado das produções em lógica formal de Aristóteles e Apuleio, a partir do quadrado lógico das oposições, e das produções de Robert Blanché, que é influência⁷⁷ de reconhecimento público de Greimas e que integra nossa pesquisa, acerca do hexágono lógico das oposições. Além de Blanché, Moretti credita a Augustin Sesmat, outro lógico francês, um papel relevante na produção do hexágono lógico, ainda que independentemente de Blanché.

Recapitulando, então, esses predecessores, Aristóteles desenvolve uma tipologia de oposições que leva Apuleio a organizar um diagrama que dispõe duas oposições aristotélicas no formato de um quadrado. Já no século XX, Blanché (1966) generaliza o quadrado das oposições para operar com conceitos ao invés de proposições e, em seguida, adiciona dois novos termos naquele modelo para transformá-lo em um hexágono.

Partindo desse percurso histórico de desenvolvimento no quadro das disposições geométricas de relações lógicas, Moretti desenvolve a seguinte pergunta que leva a concepção do campo de pesquisas da geometria oposicional

Coloca-se naturalmente a questão de saber se existe um limite para a expressão da oposição entre um número arbitrário de termos isso vai gerar novos objetos lógico-geométricos? Que forma terão? Que leis os governarão? Para essas primeiras questões básicas, a teoria da *n*-oposição (NOT) dá uma resposta precisa. (MORETTI, 2009, p. 181-182, tradução nossa⁷⁸)

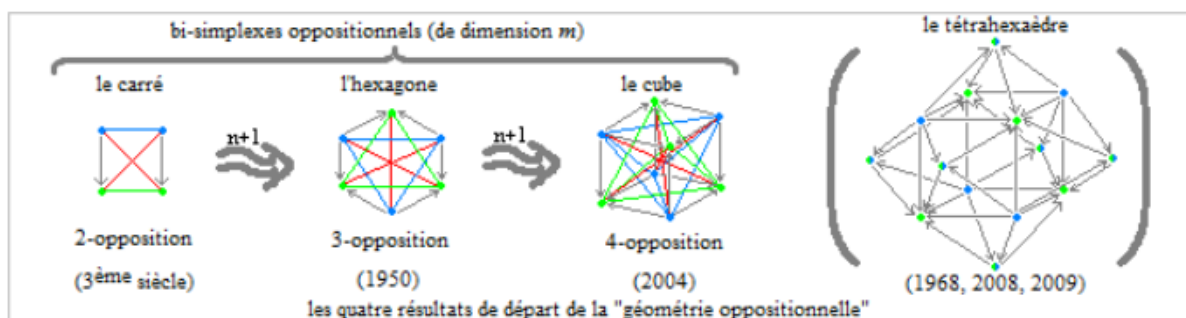
A teoria da *n*-oposição (*n-opposition theory*, em inglês, daí a sigla NOT), portanto, é um ramo da geometria oposicional que lida com os modelos que se diferenciam na quantidade (n) de oposições na sua constituição. A seguir, dispomos uma imagem que demonstra os

⁷⁷ A questão da influência de Blanché sobre Greimas é polêmica como já comentamos, e iremos aprofundar ainda sobre esse tema.

⁷⁸ Trecho original: The question arises naturally as to whether there is a limit to the expression of opposition between an arbitrary number of terms: will this generate new logical-geometrical objects? Which shape will they have? Which laws will govern them? To these first basic questions, n-opposition theory (NOT) gives a precise answer.

diferentes modelos que resultam do aumento de oposições, mantendo equidistância entre os termos e alguma simetria na sua disposição visual.

Figura 23: Modelos geométricos de oposições



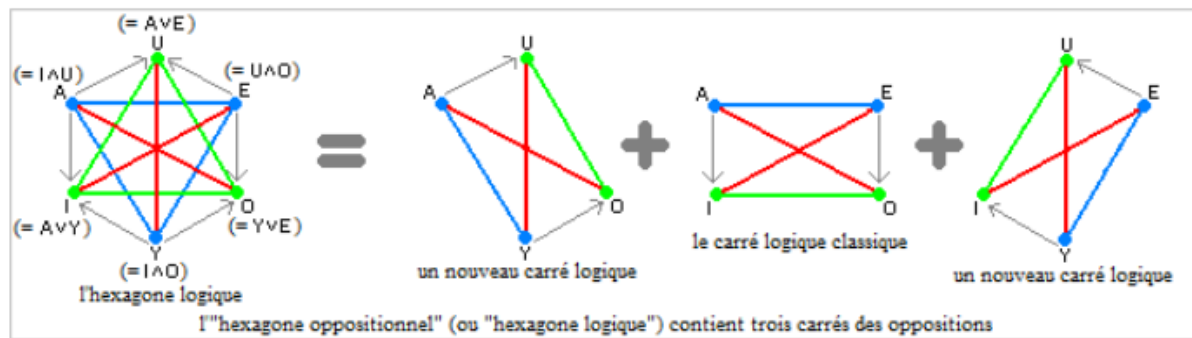
Fonte: (MORETTI, 2014, p. 30)

É nesse sentido que Moretti propõe à semiótica a complexificação do quadrado semiótico, seu ponto de vista, portanto, é focado em torno da lógica presente no modelo constitucional e nas redes relacionais que ele forma e, poderia vir a formar. Dessa forma, a seu favor, ele utiliza como argumento as próprias bases nas quais o hexágono lógico foi desenvolvido, que foram de enxergar o quadrado como uma estrutura incompleta e que contém, em germe, sua evolução. A seguir na Figura 24, é possível ver como a organização do hexágono lógico de Blanché dispõe de três quadrados lógicos, demonstrando como ele é apenas um fragmento do outro modelo.

É fácil notar, também, como o quadrado semiótico, apesar de ser apresentado e montado como um quadrado, possui, de fato seis termos, o que está de acordo com sua origem ancorada, também, na axiomática das estruturas elementares de Brøndal. Hénault (2012), inclusive, imputa a Brøndal um “hexágono” supostamente de sua autoria⁷⁹, ilustrado por Moretti na Figura 25, na qual é demonstrado também sua incompatibilidade, do ponto de vista da simplicidade de sua organização interna, com o hexágono lógico de Blanché.

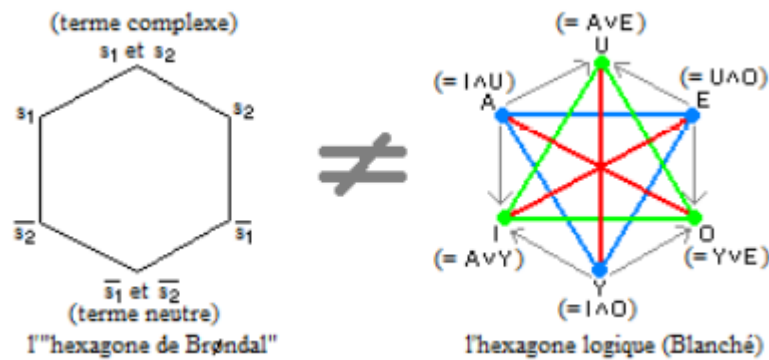
Figura 24: O quadrado semiótico como fragmento do hexágono lógico

⁷⁹ Hénault não oferece uma referência bibliográfica que sustente a existência de tal modelo geométrico na obra de Brøndal.



Fonte: (MORETTI, 2014, p. 5)

Figura 25: O hexágono lógico de Brøndal segundo Hénault (2012)



Fonte: (adaptado de MORETTI, 2014, p. 20)

À luz do que demonstramos até agora, isto é, a integração natural do quadrado semiótico na estrutura mais completa do hexágono lógico, e, o reconhecimento por parte dos semioticistas da axiomática composta por seis termos de Brøndal, podemos fazer o questionamento da razão, ou razões, por trás do modelo constituinte da semiótica ser chamado de quadrado ao invés de hexágono, uma vez que tem todas as disposições para tanto.

Ao longo dos capítulos 2 e 3 de nossa dissertação apresentamos posições de Greimas que demonstravam indiferença quanto ao diagrama geométrico das estruturas elementares. No artigo de 1968 escrito em coautoria com Rastier, é dito que o esquema em quadrado é arbitrário e poderia ser substituído por outros modelos, por exemplo, o grupo de Klein, ou pelo grupo de Piaget. Porém, até onde sabemos, esses grupos nunca foram utilizados, e a representação do nível elementar sempre se deu através do quadrado semiótico. Vemos nessa preferência inquestionável pelo quadrado uma contestação de sua arbitrariedade.

Além dessa declaração de arbitrariedade, os semioticistas defenderam sempre a posição de que o quadrado semiótico não tem relação com o hexágono lógico de Blanché e, por

extensão, ao quadrado lógico das oposições. Isso é verificável na seguinte passagem do *Dicionário*, “Nessas condições, qualquer identificação apressada dos modelos semióticos com os lógico-matemáticos só pode ser perigosa” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 368). Assim como em *Tensão e Significação*, “Tal filiação, entretanto, não é reivindicada por Greimas, e, se for preciso, a qualquer custo designar ‘pais espirituais’, são antes os nomes de Hegel e Lévi-Strauss que vêm à mente.” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001, p.65). Além dessas passagens, Moretti apresenta no seu texto de 2014 outras que vão no mesmo sentido, de Paul Ricoeur e Sémir Badir, por exemplo.

Dessa forma, a proposta de Moretti de complexificação das estruturas elementares vem acompanhada de uma proposta de revisão da história do modelo constituinte e de reivindicação do hexágono lógico como uma produção teórica anterior e de relevância para semiótica, levantando assim a questão da influência. Encerramos, assim, a descrição deste último momento de diálogo com outras áreas sobre o quadrado semiótico. As questões levantadas por todos os capítulos até então, serão retomadas na conclusão onde tentaremos prover a elas uma solução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na conclusão deste trabalho, dedicada à exposição e ao aprofundamento das informações mais importantes obtidas pela descrição e análise da história das estruturas elementares da significação, discorreremos sobre a genealogia da estrutura elementar, sobre os papéis que ela assume no interior da teoria semiótica, sobre a tensão imanente que sua teorização gerou na disciplina e, por fim, sobre a questão da influência na narrativa que construímos.

Inicialmente, por genealogia, compreendemos a identificação das ideias das quais as estruturas elementares decorrem como uma produção teórica necessária. Dessa forma, de acordo com o percurso histórico reconstruído, a noção de *diferença* se apresenta como a principal ideia da qual decorre o desenvolvimento de nosso objeto. A dimensão dada à diferença por Saussure e pelo estruturalismo estabelecem a elementaridade na teoria semiótica greimasiana como um paradigma da diferença, representado pelo quadrado semiótico.

Uma vez estabelecida a noção de diferença como fundadora do funcionamento mais elementar dos sistemas semióticos, a forma, então mais apropriada, de torná-la operacional para a descrição foi pelo empréstimo das produções teóricas da lógica formal em torno das oposições. Esse empréstimo parece ser influência das produções de Jakobson e de Brøndal,

mas, por outro lado, pode-se dizer que o empréstimo foi decorrente de uma necessidade teórica, necessidade teórica esta que levou por sua vez, Jakobson e Brøndal a recorrerem à lógica para operacionalizar a noção de diferença. Há, dessa forma, uma sequência lógica e necessária a partir da eleição da diferença como princípio fundador da linguagem, que passa pela incorporação na disciplina semiótica de metodologias da lógica e resulta no desenvolvimento do quadrado semiótico enquanto estrutura isomorfa ao nosso objeto. Além da noção de diferença, demonstramos como a noção de *níveis* em linguística é determinante para a eventual formulação de um nível elementar na semiótica.

Ainda no sentido da genealogia da estrutura elementar, demonstramos como as práticas teorizadoras que privilegiaram a operacionalização da diferença através da lógica, e análise da língua pela linguística por divisão de suas partes e função de sua extensão e funcionamento no sistema derivaram, em parte, elas mesmas, de um padrão de cientificidade estabelecido pelo positivismo, mas, sobretudo, deve-se a esse sistema de epistemologia da ciência, a metodologia da indução aliada à dedução, ou seja, o levantamento de dados mais exaustivo quanto possível e a eterna confrontação com esses dados (indução), acompanhado da criação de sistemas gerais e abstratos que sejam capazes de abarcar todos os dados coletados e, que seja concebido para abarcar inclusive os dados que estão ainda por serem coletados (dedução).

Essas são as ideias que, em sua convergência, coordenadas pela capacidade sintetizadora de Greimas, mais contribuíram para o desenvolvimento da noção de estruturas elementares, conforme sua definição entre 1966 e 1979. É perceptível a ausência da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty. De fato, apesar de figurar desde o discurso fundador da semiótica, como a “primeira escolha epistemológica”, a fenomenologia demorou ainda algumas décadas para de fato atuar de forma significativa na produção dos conceitos mais operacionais da semiótica, e mais pertinentes para as análises.

A falta de reverberação do que fenomenologia produzia na época, das profundezas do nível epistemológico, era tanta que, por muitas décadas, inclusive, não houve atrito aparente na releitura que Merleau-Ponty faz da história da teoria do conhecimento ocidental, na qual ele faz críticas contundentes ao “intelectualismo”, com o nível metodológico da produção das estruturas elementares, tributário quase exclusivamente à lógica clássica. Explicamos. O intelectualismo criticado por Merleau-Ponty em *Fenomenologia da percepção* (1999) [1945], se baseia na conduta generalizada pelos epistemólogos desde a antiguidade de associar o corpo, os afetos e as paixões ao erro, à imprecisão, além de uma via errada de se alcançar o verdadeiro conhecimento, um obstáculo para intelectualidade no seu caminho natural em direção a

verdade. Dessa forma, a fenomenologia propõe uma reconciliação com essas duas vias legítimas e complementares de se atingir o conhecimento. No ponto de vista de uma teoria do sentido ainda, em oposição a uma teoria do conhecimento, o papel que o corpo, as paixões e os afetos ocupam não pode ser subestimado. Enfim, entre um nível epistemológico declaradamente fenomenológico, e um nível metodológico que consiste integralmente em operações mentais para se descrever o funcionamento elementar da significação, o conflito é inevitável, e desse modo, a transformação.

A “tensão” principal, portanto, que a imanência das estruturas elementares greimasianas produziu foi produto desse conflito. A assimetria dessa equação começa a ser endereçada com mais clareza a partir de *Semiótica das Paixões* (1993) [1991], mas esta obra tem como objeto o nível narrativo, portanto, os resultados da maior integração da fenomenologia na metodologia do nível elementar só se apresentam de fato a partir da semiótica tensiva, que começa com as reflexões de Zilberberg (1981) e se especializa na parceria com Fontanille (2001) [1988].

A partir dessas considerações, vemos como falar em continuidade e descontinuidade no desenvolvimento das estruturas elementares pode se tornar algo complexo. De fato, a constituição interna do conceito de estrutura elementar, conforme conseguimos descrever a partir dos níveis lógicos de linguagem, nos mostra que a continuação do empreendimento greimasiano poderia se dar, efetivamente, por duas vias, que são os termos da tensão descrita acima. A que se deve, então, o fato de a continuidade fenomenológica ter sido a escolhida? Podemos, aqui, fazer algumas considerações que busquem iluminar essa questão central no desenvolvimento do nosso objeto.

Inicialmente, mudando a perspectiva sobre a questão, podemos perguntar, por que o papel da lógica foi atenuado? Certamente não é simples responder essa questão, e a resposta em si, não é única. Por um lado, é possível notar uma saturação do formalismo na Europa, que desde o início do século XX vinha sendo alvo das mesmas críticas que apontamos no capítulo 3, a abordagem lógica, portanto, dos fatos humanos, os “desumanizariam”. Nesse mesmo sentido, a França, e, principalmente Paris, em 1968, testemunhou uma eclosão de movimentos sociais, o que inevitavelmente “disforiza” perante a sociedade as abordagens mais puramente imanentes, que muitas vezes são interpretadas inclusive como alienadas e “burguesas”. Por outro lado, a inclusão da lógica na semiótica e, principalmente do quadrado lógico em sua roupagem semiótica, atraiu muitas críticas de autores muito mais versados em lógica do que os

semioticistas (a isso talvez se deva ao “erro de juventude”⁸⁰ de Rastier). Dessa forma, como vimos, Badir (2012) aponta inconsistência e ambiguidade no uso de Greimas da notação simbólica da lógica e a ausência de glossários em suas obras que evidenciem o uso que é feito dessas notações. Como vimos também, as propostas de Petitot e Moretti se iniciam por criticar a forma como a lógica é utilizada na teoria semiótica. Moretti (2014) aponta ainda outras duas ocasiões em que as formulações de Greimas foram criticadas por apresentarem inconsistências, se não erros, do ponto de vista da lógica. A primeira ocasião é quando Georges Kalinowski (1981) afirma que o quadrado da veridicção é construído de forma errada. A segunda, bem mais polêmica que a primeira, é quando Jean-Blaise Grize, pupilo de Piaget, inicia uma bateria de críticas aos erros de lógica cometidos por Greimas, segundo Moretti (2014), Grize recorre, eventualmente, até mesmo a sofismas na sua sanha para criticar Greimas, e em uma ocasião especialmente cômica, comete o mesmo erro que critica no semioticista (confundir subcontrariedade com contrariedade).

Invertendo novamente a pergunta, por que a semiótica decidiu fortalecer e se integrar a suas bases fenomenológicas? Se houve uma saturação do formalismo na Europa, de modo análogo, houve gradualmente, uma erosão dos princípios de cientificidade postulados pelo positivismo. Dessa forma, houve uma mudança epistemológica no final do século XX que permitiu a abordagem de métodos que anteriormente eram proibidos, por serem em sua essência, compreendidos como anticientíficos. Podemos, de outro modo, pensar que essa própria abertura se deu em razão das crescentes necessidades de pesquisadores das humanidades a desbravar esse campo dos afetos, causada pelas insuficiências geradas pela limitação imposta pelo padrão de cientificidade. De todo modo, havia uma necessidade de construir uma visão mais holística sobre a produção e a recepção do sentido, o que só poderia se dar pela inclusão metodológica do sensível na teoria.

Seguindo agora para a discussão em torno do papel da estrutura elementar no interior da economia da semiótica, apresentamos ao longo das seções 3.3.1 e 3.3.2 que o objeto de nosso estudo, além de ser, ou melhor, por ser a descrição da organização interna própria da língua, ou ainda, dos sistemas semióticos em geral, ele é também uma ferramenta descritiva dos produtos destes sistemas. Portanto, a estrutura elementar é uma forma organizacional dos conteúdos elementares e abstratos de um conjunto significativo qualquer. Vale ressaltar que em virtude de

⁸⁰ Quando perguntado em 2013 sobre sua participação na introdução do quadrado semiótico em 1968, o autor se refere a esse momento como um “erro de juventude” (erreur de jeunesse), sem, entretanto, oferecer mais explicação do motivo disso. Em 2015, ele é questionado sobre essa expressão, porém, deixa ao leitor interpretá-la.

sua natureza genérica e elementar, nosso objeto, assim como o percurso gerativo de sentido são, em grande parte, estruturas apriorísticas por estabelecerem uma organização anterior à análise do objeto específico, mas ainda se trata de estruturas gerativas. Nesse sentido, a partir de um produto cultural a ser analisado, a estrutura atemporal se atualiza.

O que a descrição demonstrou além dessas duas funções das estruturas elementares, de descrever o funcionamento da língua e de analisar os objetos culturais, é a sua função metodológica no desenvolvimento da própria teoria semiótica. Como apresentamos na seção 3.3.1, a metalinguagem descritiva da semiótica, principalmente do nível narrativo, foi o produto da generalização e reorganização do modelo atuacional de Propp, de modo que a estrutura elementar foi elevada de seu simples estatuto de metalinguagem descritiva para o nível de reflexão superior da metodologia. O mesmo ocorre na produção de todo tipo de modalidades semióticas, seja as do “querer-fazer”, seja as modalidades tensivas, o processo de formulação dessas modalidades e sua apresentação se dá geralmente através de um quadrado semiótico. Podemos afirmar assim que há um espelhamento entre teoria e objeto no que concerne às estruturas elementares. Sendo a teoria semiótica, uma semiótica, ou seja, um sistema de signos, sua organização interna está sujeita ao princípio da diferença, de modo que a estrutura elementar, enquanto paradigma da diferença, seja estruturante da teoria e, portanto, parte do seu nível metodológico.

Agora, no que concerne à questão da influência, foi visto que a polêmica maior incide sobre a influência ou não Aristóteles e Blanché e, enfim, da lógica sobre a concepção das estruturas elementares e suas representações visuais. A nossa posição quanto a isso foi de certa forma tomada quando incluímos Aristóteles nos precursores e nos percursos convergentes em direção a formulação do nosso objeto. E, realmente, não poderia ser diferente. A lógica clássica foi o primeiro momento na história em que se desenvolveu uma teoria oposicional, da qual Trubetzkoy se serviu, Jakobson se serviu, e por mais que os semioticistas assumam a retórica de que os modelos do quadrado lógico e semiótico sejam diferentes o suficiente para alegarem que não houve influência, este não é o caso e eles se serviram também das proposições da lógica clássica. É interessante, inclusive, notar que um grande momento no desenvolvimento das estruturas elementares é a passagem das oposições categóricas às oposições graduais e que esses dois tipos de oposição já estavam descritos por Aristóteles no Tratado das categorias.

Por que, então, os semioticistas assumem essa posição? A resposta a esta pergunta está parcialmente respondida um pouco acima quando apontamos as críticas que os semioticistas, em particular Greimas, sofreram por se apropriarem, a seu modo, da lógica. Um desvio simples,

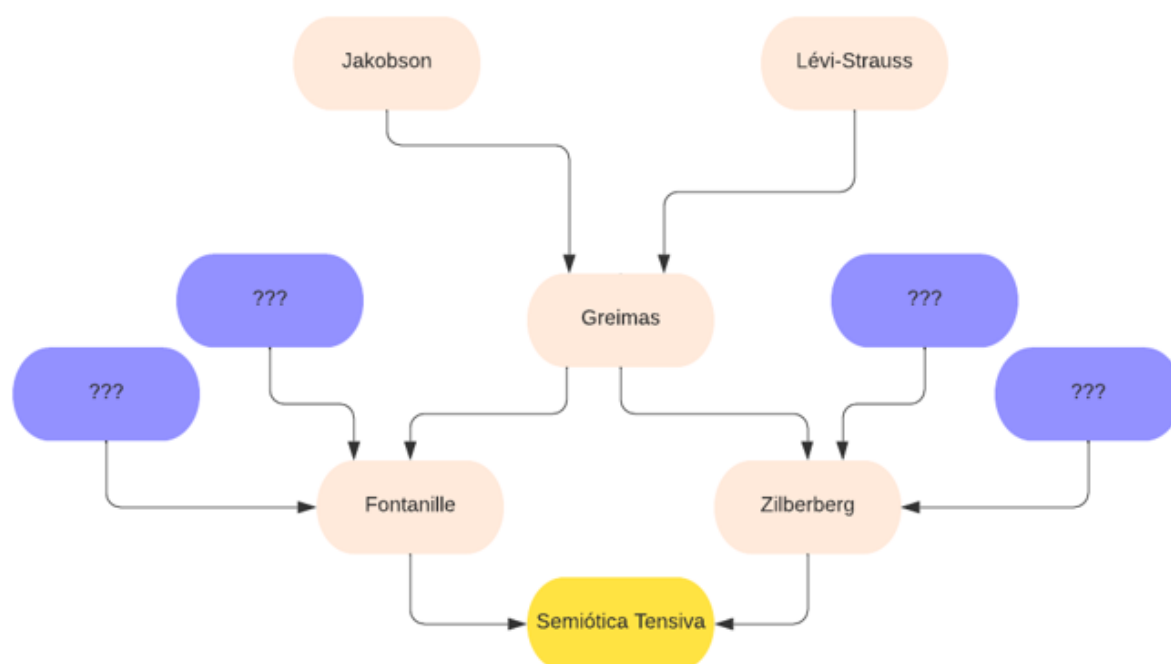
mas de eficácia questionável, é afirmar que, apesar de parecidos, os modelos da lógica não têm relação significativa com os modelos produzidos pela semiótica. Outro ponto de discussão importante nessa mesma problemática é a recusa de Greimas pelo termo “hexágono” e sua escolha por “quadrado”. Vemos nessa decisão uma escolha consciente para se distanciar de Blanché e manter a independência da semiótica em relação à lógica, afinal, como demonstramos anteriormente o quadrado mais utilizado pelos semioticistas é uma versão bem enxuta e reduzida, portanto, a integração de um modelo alheio poderia ser problemática por implicar na necessidade de se manter uma pureza e um rigor maior na utilização deste modelo. Por outro lado, o “quadrado” ou “hexágono”⁸¹ semiótico já estava produzido em “filigrana” (FONTANILLE; ZILBERBERG, 2001) na *Semântica estrutural* (1975), o que exime Greimas de realmente “importar” o hexágono de Blanché, mas assim ele teve de se contentar com o quadrado.

Finalmente, chegamos aos apontamentos futuros, indicações para a continuação de uma pesquisa histórica e epistemológica acerca das estruturas elementares. Primeiramente, há ainda muitas restituições históricas e comparações a serem feitas, por exemplo, muito se foi produzido em semântica anterior a Greimas, a avaliação dessas produções poderia contribuir para a constituição de um panorama que inclusive ultrapassa o quadro das influências de reconhecimento do lituano.

Além disso, o que produzimos até aqui pode ser expandido ao se aplicar as restituições históricas que fizemos da produção greimasiana, para as produções da semiótica tensiva, isto é, até Greimas, fizemos percursos que convergiam, e após Greimas percursos que divergiam (interpretações tensiva, topológica e de geometria oposicional). Pode-se buscar os percursos que convergem nessas outras interpretações. Ilustramos a seguir por meio de um fluxograma como isso poderia se dar, com os balões azuis representando as diferentes fontes que podem ter influenciado Fontanille e Zilberberg que não fizeram parte do repertório de influências de Greimas. Pode-se notar também no fluxograma a presença de Lévi-Strauss, que não foi devidamente explorada por nós.

Figura 26: Fluxograma dos percursos históricos convergentes da semiótica tensiva

⁸¹ Lembremos do “hexágono” de Brøndal reconstruído por Hénault (2012).



Fonte: Elaboração própria

Mais do que a reprodução das mesmas formas de proceder, uma pesquisa futura sobre esse tema deverá se valer de ferramentas propriamente semióticas para avaliar, por exemplo, a retórica da teoria, para avaliar o que representa retoricamente o quadrado semiótico e seu valor estético pautado pela simetria e, certamente, buscar complementar as respostas que oferecemos para as perguntas que formuladas nesta conclusão, pois sem dúvidas, as respostas que pudemos oferecer não exauriram a complexidade das perguntas, que continuam relevantes.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES, **Complete Works** (Aristotle). Princeton: Princeton University Press, trad. Jonathan Barnes; A. J. Jenkinson. 1991. Disponível em: [https://static1.squarespace.com/static/58d6b5ff86e6c087a92f8f89/t/5913d191f7e0ab9113b8884e/1494471072597/Complete Works of Aristotle.pdf](https://static1.squarespace.com/static/58d6b5ff86e6c087a92f8f89/t/5913d191f7e0ab9113b8884e/1494471072597/Complete+Works+of+Aristotle.pdf).
- ALTMAN, C. **A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.
- BEIVIDAS, W. “Um modelo catenário e tensivo para a estrutura do quadrado semiótico”. In: **Estudos Semióticos**, [S. l.], v. 15, p. 39-53, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/156046>.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: USP, 1976.
- BADIR, S. “How the semiotic square came”. In: J-Y. Béziau & G. Payette (eds), **The Square of Opposition. A General Framework for Cognition**, Bern, Peter Lang, 2012, pp. 427-439.
- BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do texto**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2005.
- BLANCHÉ, R. **Estruturas Intelectuais**: ensaio sobre a organização sistemática de conceitos. São Paulo: Perspectiva, trad. G. K. Guinsburg, 2012 [1967].
- CHABROL, G. "Structures Intellectuelle", In_ **Social Science Information**, v. 6, ed. 5, pp. 205-209, 1967.
- COMTE, A. **Cours de philosophie positive**. Paris: Anthropos, 1968.
- DOMANESCHI, E. “O quadrado semiótico greimasiano: herança e transformação”. In: **Estudos Semióticos**, v. 13, n. spe, p. 51-58, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/140738>.
- FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- FONTANILLE, J; ZILBERBERG, C. **Tensão e Significação**. Tradução de Ivã Carlos Lopes et al. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- FONTANILLE, J. **Sémiotique du discours**. 2.ed. Limoges: Presses Universitaires de Limoges, 2003.
- FONTANILLE, J; PORTELA, J. “Conversations avec Jacques Fontanille” In: **Alfa**, v. 50, n. 1, 2006.
- GREIMAS, A. J. **Sémantique structurale - Recherche de méthode**. Paris: Larousse, 1966.
- GREIMAS, A. J. **Semântica Estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1975.
- GREIMAS, A. J.. “Éléments pour une théorie de l'interprétation du récit mythique”. In: **Communications**, n. 8, pp. 28-59, 1966.
- GREIMAS, A. J.; RASTIER, F. "The interaction of semiotic constraints", In: **Yale French Studies**, n. 41, pp. 86-105, 1968.
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. **Semiótica das Paixões**. São Paulo: Ática, 1993.

- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Diana Luz Pessoa de Barros et al. São Paulo: Contexto, 2008.
- HÉNAULT, A. **História concisa da semiótica**. São Paulo: Parábola, 2006.
- HÉNAULT, A. **Les enjeux de la sémiotique**. Paris: Presses Universitaires de France, 2012.
- HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- HJELMSLEV, L. **Essais Linguistique**. Dinamarca: Det Berlingske Bogtrykkeri, 1959.
- KOERNER, K. **Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados**. 1 ed. Vila real: Centro de Estudos em Letras. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, v. 11, 2014.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Ubu, 2017.
- LONDEY, D.; JOHANSON, C. **The logic of Apuleius**. Leiden: E. J. Brill, 1987.
- LOPES, I. “A noção de ‘profundidade’ em semiótica”. *In: Cadernos de semiótica aplicada*, vol. 4, n. 2, 2006.
- LOPES, I. “Semiótica e morfodinâmica. Uma busca e suas vicissitudes” *In: Texto livre: Linguagem e tecnologia*, vol. 7, n. 1, 2014
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Ática, 1999.
- MOREIRA, P. **A emergência do sensível na semiótica discursiva: Uma abordagem historiográfica**. 2020. 283p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara. 2020.
- MOREIRA, P.; SANTOS, F.; PORTELA, J. “A citação em textos científicos: uma análise sêmio-historiográfica do argumento de influência” *In: Estudos linguísticos*, vol. 50, n. 1, 2021.
- MORETTI, A. **The geometry of logical opposition**. 2009. 436p. Tese (PhD em Lógica). Faculdade de humanidades e instituto de filosofia, Universidade de Neuchâtel, Suíça. 2009
- MORETTI, A. “Le retour du refoulé: l’hexagone logique qui est derrière le carré sémiotique”, *In: Le carré et ses extensions*, org. Hmaid Bem Aziz *et al*, 2014.
- PETITOT, J. “Topologie du carré sémiotique” *In: Études littéraires*, vol. 10, n. 2, 1977.
- PORTELA, J. C. **Práticas didáticas: um estudo sobre os manuais brasileiros de semiótica greimasiana**. 2008. 183p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara. 2008.
- PORTELA, J. C. **História das ideias semióticas: entre cronistas e inovadores**. In: Estudos Semióticos, v. 14, n. 1 (edição especial), março de 2018.
- PROPP, V. **Morfologia do conto maravilhoso**. Brasília: CopyMarket.com, 2001.
- RASTIER, F; BATISTA, M. “Entrevista com François Rastier” *In: Acta semiótica e linguística*, v. 18, n. 1, 2013.
- RASTIER, F; PICCIUOLO, A. “Un chapitre de l’histoire de la sémiotique: la naissance du ‘carré sémiotique’”, *In_ Texto! Textes et Cultures*, Vol. 20, n. 3, 2015.

SANTOS, F. **O conceito de figuratividade e as práticas de institucionalização da semiótica no Brasil e na França**. 2020. 348p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara. 2020.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

TRUBETZKOY, N. S. **Principes de Phonologie**. Paris: Klincksieck, trad. J. Cantineau, 2005. [1938].

UTAKER, A. "On the binary opposition" *In: Linguistics*, 1974, v. 12, ed. 134.

ZEEMAN, C. "Catastrophe theory" *In: Scientific American*, v. 234, n. 4, 1976.

ZILBERBERG, C. **Essai sur les modalités tensives**. Amsterdam: John Benjamins B.V., 1981.

ZILBERBERG, C. **Razão e poética do sentido**. São Paulo: Edusp, 2006.

ZILBERBERG, C. **Elementos de Semiótica Tensiva**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

ZILBERBERG, C. "O duplo condicionamento - tensivo e retórico - das estruturas elementares da significação" *In_ Estudos Semióticos*, vol. 17, n. 1, 2021.